

AQUÍ

Diretor Editorial: Samuel Wainer
5 a 11 de agosto de 1976 - Ano I - nº 38 - Cr\$ 5,00 **SÃO PAULO**

O CROQUETE É NOSSO

A proposta de uma nova
Semana de 22. P. 22

FUNDO CEMAP
FA 72/318

Fizemos um teste, escrito, com 29 dos
126 candidatos a vereador por São Paulo.

FA

CEMAP - MEMORTECA
CLASS. José F. Soares

QUE SIDADE ENFELIZ!

Veja o resultado.

Página 10.

VITAL BATTAGLIA: O Corinthians perdeu a vergonha!

ESPECIAL.

Página 8

O LEITOR

Cartas para esta seção: Rua Artur Azevedo, 877 - Pinheiros - CEP: 05404.

Adeus bom domingo

Sr:

Domingo. 10 horas da manhã. Apesar do smog paulistano, o céu está azulando, há um cheirinho de café fresco vindo da cozinha, as crianças começam a despertar lá nos quartos de cima, ouve-se o canto de um pássaro de algum vizinho romântico, acertei a zebra do jogo de ontem (sábado, Pinheiros 1 x Coritiba 0), não vai ter mais Silvio Santos no canal 5, quer dizer, estou com tudo, estou, como diz o povo, entrando com o pé direito no domingo. Mas qual, esta é uma cidade cruel. Não usufruirei meia hora destas pequenas dádivas, às 10 e 20 ouço gritos vindos do alto da rua. Um pequeno sobressalto. Corro à janela. Os gritos se aproximam de minha casa. Olho. Do outro lado da rua, o dedo na campainha do vizinho, o jovem de preto, a faixa vermelha escorrendo pelo peito. Logo atrás, outro, nas mesmas condições, aflito apertando a campainha do outro vizinho. Em seguida, mais um, pelo meio da rua, igualzinho aos outros dois, e gritando. Este se aproxima de meu portão, meu primeiro pensamento é sair correndo para dentro, ou me abaixar rapidamente, mas ele, o dos gritos, já percebera minha presença na janela. Fico estático, ele vem com passadas firmes e olhos fixos em minha direção. Pára em frente ao portão e levanta como uma espada o último livro de Plínio Correia de Oliveira, o pai da TFP. Um urubu pousou no meu domingo.

Marcelo C. Souza
Capital

Sr:

Parabéns pela reportagem corajosa sobre a morte estúpida da manequim Ute. Já trabalhei posando e desfilando em passarelas e sei como são sórdidos certos aspectos desse meio. Fazem da gente, ou tentam fazer, meros objetos. Muita coisa mais poderia ser dita no trabalho do repórter, há muito mais sujeira do que se imagina...

Alzira B. Santos
Capital

Se todos são contra, como é que continua?

Sr:

Li num jornal do Rio que até o ministro da Saúde, Almeida Machado, disse que é contra a abreugrafia. Isso depois do secretário da Saúde de São Paulo, Walter Leser, ter dito a mesma coisa, já faz tempo. No entanto, continuam a funcionar ali em frente ao Estádio, na Martins Fontes, as "casas de abreugrafia", uns porões pessimamente instalados, lúgubres, onde o trabalhador vai "tirar a chapa". Não é um absurdo isso? As maiores autoridades da Saúde condenam o método (perigo de radiação) e a gente continua a ser obrigado a utilizá-lo?

Domingos P. Viera
Capital

Zuleica é reclamada

Sr:

Por que o AQUI S. Paulo, do qual sou leitora assídua, não publica mais aquela seção de defesa do consumidor, tão apreciada? Era a primeira coisa que eu procurava em suas páginas. O que aconteceu? Censura? Pressão das empresas ou dos anunciantes?

Aurea Sanches
Capital

N. da Redação: A seção Defesa do Consumidor deixou de ser publicada porque sua reponsável, a dra. Zuleica Seabra Ferrari, desligou-se do jornal. Mas prometemos voltar com a seção, sob responsabilidade de outro profissional autorizado.

"Sugestões" para S. Paulo

Sr:

Aqui vão algumas sugestões:

a) O Metrô já era, em 1.900 D.C. - b) 1 km/metrô custa 100 vezes mais que 1 km de via expressa/auto - c) A cidade deve crescer na vertical, onde a infra-estrutura é barata - d) o álcool etílico é o substituto natural do petróleo, pois que é energia solar... - e) Se Viracopos é longe, por que não fazer de Cumbica, perto, o supersônico, indo a Base Aérea para Viracopos? - f) Por que não dar apoio a Silvio Santos no que tange à medicina democrática antes que a doença leve à falência da democracia?

Primo Grilli
Capital

Mateus cuida da pedreira

Sr:

Como se não bastasse a ausência de títulos (ou de apenas um título de campeão paulista), nós, corintianos, estamos sofrendo duplamente: o nosso presidente, Vicente Mateus, é analfabeto, não sabe falar em público e geralmente é levado na conversa pelos outros, comprando passes de jogadores como Veira, Moisés, Geraldão - verdadeiros bondes. Por isso, chegou a hora de Mateus cuidar apenas e tão somente de sua pedreira, deixando o Corintians para outros, com capacidade administrativa.

José Padilha
Corintiano - Capital

ROBERTO FREIRE & EQUIPE DO CENTRO DE ESTUDOS MACUNAIMA

ANTI-PSICOTERAPIA

Método gestáltico

2º curso

Oficinas de trabalhos experimentais e práticos em grupo

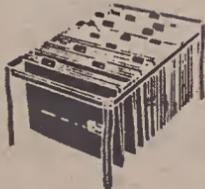
Curso para estudantes de psicologia/medicina/Médicos e psicólogos

Inscrições até 6/7/76
Início: 9/7/76
duração de 4 meses

INSCRIÇÕES/INFORMAÇÕES "MACUNAIMA" RUA LOPES CHAVES, 546 TEL.: 66-8091

PASTA MOVEL
E SUSPENSAS

ankog



MARCA REGISTRADA INDÚSTRIA BRASILEIRA

M. KOGAN & CIA. LTDA.

Rua 7 de Abril 264 8º andar, s/ 817-18-19

Fones: 34-0218/34-2813 - SÃO PAULO

AS PASTAS MÓVEIS E SUSPENSAS ANKOG DURAM ANOS

Caixa Econômica Federal
LEILÃO JÓIAS E PRATARIA

LOCAL: Pça. da Sé, 111 - 2ª Sobreloja

INÍCIO: Dia 12 de Agosto de 1976 às 12,00 Horas

EXPOSIÇÃO: No local, das 9,00 às 11,00 Horas.

FILIAL DE SÃO PAULO

Caixa Econômica Federal

AVISO

TOMADA DE PREÇOS Nº 21/76

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL - Filial de São Paulo, dá ciência aos interessados que se acha aberta Tomada de Preços, para contratação das obras de reforma do prédio de sua propriedade, à rua Wenceslau Brás, nº 67, nesta Capital, sob regime de empreitada global, nas condições abaixo:

- 1 - HABILITAÇÃO PRELIMINAR - As firmas deverão habilitar-se junto à Comissão Permanente de Compras e Contratações - CPC - desta Filial, até o dia 30 de agosto de 1976.
- 2 - DOCUMENTAÇÃO - Para habilitação, é necessário que a firma comprove:
 - 2.1 - sua personalidade jurídica;
 - 2.2 - sua capacidade técnica mediante declaração que ateste o cumprimento de obrigações da mesma natureza;
 - 2.3 - sua capacidade financeira mediante elementos do Edital, inclusive que possui capital social de Cr\$ 800.000,00;
 - 2.4 - ter feito caução de Cr\$ 20.000,00, em espécie ou ORTNs.
- 3 - PROPOSTAS - As propostas das firmas habilitadas pela CPC desta Filial, serão recebidas até às 10,00 horas do dia 14 de setembro de 1976.
- 4 - EDITAL E MAIORES DETALHES - Poderão ser obtidos na CPC, à rua Floriano Peixoto, nº 50, 1º andar - Capital.

São Paulo, 6 de agosto de 1976.
Comissão Permanente de Compras e Contratações.

FUNDO BANESPA 157.

Para você não perder seu 157 de vista.

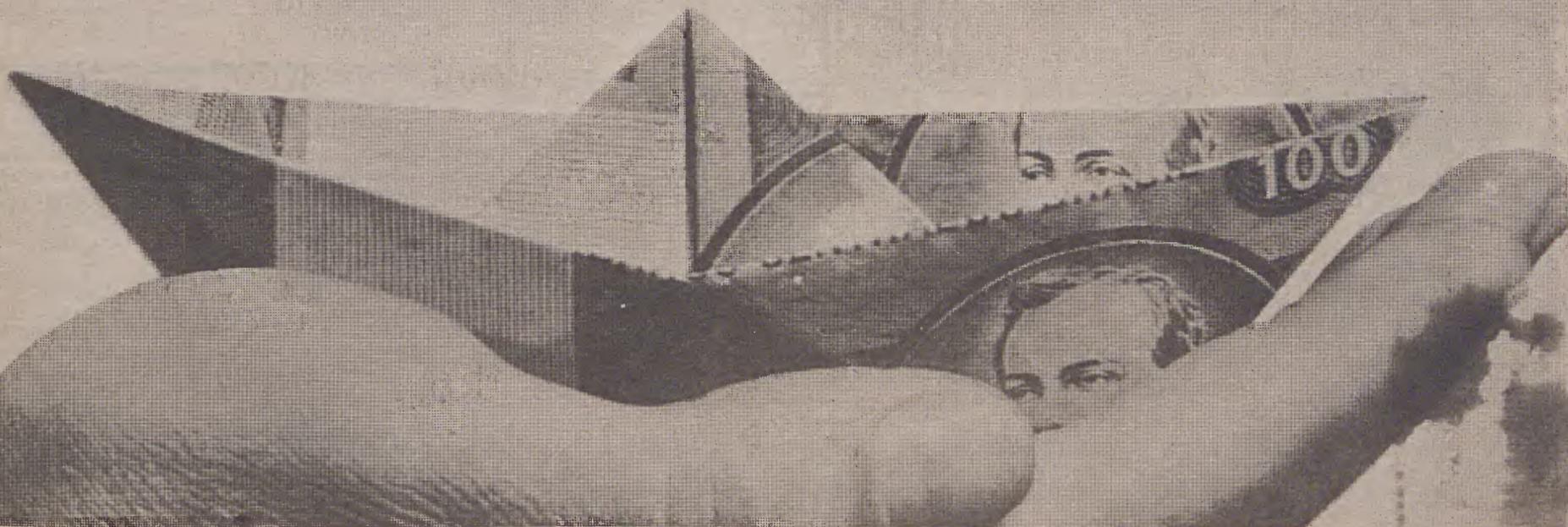
Com central de informações e resgate automático.

O dinheiro que você aplica
no Fundo 157 é seu.
O Fundo Banespa 157 criou dois serviços
exclusivos para você não perder
este dinheiro de vista:
a Central de Informações Banespa
e o Resgate Automático.
A Central de Informações leva até você
tudo sobre a evolução do seu dinheiro.
Na hora que quiser, você pode saber
a posição exata do seu 157.
E você tem ainda o Resgate Automático.
Na época de receber suas cotas, ele pode
creditar automaticamente em sua conta
o valor correspondente.
Não perca de vista o seu 157.
Procure agora uma agência do Banespa.

Veja como é simples a aplicação no Fundo 157:

Você recebe, junto com a notificação
do Imposto de Renda o seu Certificado
de Compra de Ações, que deve ser
apresentado para aplicação no Fundo 157.
Em qualquer agência do banco
você pode fazer esta apresentação.
Em seguida, será enviado a você
o Comprovante de Aplicação com o
número de cotas a que você tem direito.
A partir daí, seu investimento passa
a ser controlado por uma equipe
especializada. Esta equipe procura,
durante todo o tempo, as melhores ações
e títulos para uma rentabilidade maior
do seu dinheiro.

**Procure agora uma agência do Banespa.
Banco do Estado de São Paulo.**



A CIDADE



Ricardo Kotscho

Caro Prefeito,



Olavo Setúbal

Cá estou voltando de férias, para falarmos de ar e de votos

Leio no jornal: **POLÍTICA AMEAÇA ÁREA VERDE.**

Que diabo será isso, me pergunto perplexo, eu que já parecia imune a qualquer tipo de surpresa ou absurdo nesta São Paulo de 1976.

Está lá a notícia, para quem quiser acreditar: "O último grande parque ecológico da cidade, uma área verde de aproximadamente 100 mil metros quadrados situada atrás do museu do Ipiranga, poderá ser vítima dos erros da administração municipal na corrida pela vitória nas próximas eleições".

Sei que há problemas muito mais importantes para a sobrevivência do paulistano do que esse negócio de área verde, poluição etc. Mas sei também que esses outros problemas relacionados com o pão nosso de cada dia estão fora da "alçada do prefeito" ou da "esfera municipal" — para usar a linguagem oficial. Aliás, está cada vez mais difícil saber o que está dentro da alçada ou da esfera não só do prefeito ou do município, mas de qualquer um de nós simples contribuintes.

O que me assusta no caso específico desta área verde do Ipiranga não é a simples ameaça de que ela possa ser destruída — de resto, destruir áreas verdes na cidade é uma monótona rotina. Nem me preocupa a candente discussão que a sua liberação ou não para o uso público está causando na Prefeitura. O melancólico, o ridículo de tudo isso é saber que as pessoas responsáveis pela administração da cidade, ao associarem essa questão à campanha eleitoral do partido oficial estão num só gesto apunhalando duas coisas sagradas em qualquer cidade, de qualquer país: o ar que a população respira e a sua manifestação através do voto.

Quer dizer: já não se leva em conta, oficialmente, o que é melhor ou pior para a cidade, para amenizar o sofrimento de milhões de seres humanos acantonados nessa babel do irracional. Importa apenas saber o que pode ou não render votos para a Arena.

Está claro que não se discute nas várias correntes de opinião em que se dividiram os tutores do nosso futuro, se uma área verde de 100 mil metros quadrados deve ser preservada como uma reserva de ar puro ou aberta para usufruto da população. Discute-se sua

rentabilidade eleitoral, como se um patrimônio de toda a população pudesse ser objeto de barganha. Já não basta tripudiar sobre o presente, sob a alegação (de sempre) de que o nosso processo urbano é irreversível. Compromete-se o futuro. Já não basta escancarar o que resta de vida vegetal nos arredores da cidade com a recente lei dos clubes de campo (a propósito, ainda que tarde: qual a porcentagem de paulistanos, hoje, que têm condições de comprar um título de clube de campo?). Invade-se um dos últimos redutos de oxigênio do centro da cidade.

Enquanto isso, há verdadeiros latifúndios totalmente inaproveitados, alguns servindo de asilo para muarens, em plena área urbana, como revelou o jornal "O Estado de S. Paulo" numa recente série de reportagens. Em outras palavras: ao invés de se incorporar novas áreas para o uso comum, indenizando seus proprietários enquanto a especulação imobiliária ainda não as inflacionou, o que faz a Prefeitura? Entrega o pouco que tem em concessões de 100 anos (por que não 1000, já que nenhum de nós será mesmo testemunha de devolução desse patrimônio aos contribuintes paulistanos, seus legítimos proprietários?). Que garantia teremos nós de que os próximos tutores não achem por bem permitir a transformação de parte dos "clubes de campo" em "arborizados loteamentos", justificando, como sempre que as outras áreas da cidade já estão saturadas?

Bem, falar em garantias, a essa altura do campeonato, pode até parecer uma orinária — e essa não é minha especialidade, nem intenção. Depois de ler, ouvir e ver tantas coisas que têm acontecido ultimamente nesta cidade de São Paulo, eu só não consegui entender uma coisa. O que o sr. quis mesmo dizer no encerramento do I Seminário de Estudo dos Problemas da Cidade, ao declarar que as eleições municipais de novembro constituirão um verdadeiro plebiscito? Digamos que o plebiscito, ao invés de responder sim, como o sr. espera, responda não, como indicam todas as pesquisas de opinião pública já realizadas. No frígir dos ovos, o sim ou o não mudarão o que? E aquele "MATINHO" do museu do Ipiranga — como diria o brilhante ecólogo Gomes de Almeida, Fernandes — onde entra nesta história?

SUMÁRIO

Semana de 5 a 11 de agosto de 1976

ANO I — Nº 38 — Cr\$ 5,00



O Corinthians perdeu a vergonha. O jornalista Vital Battaglia, em trabalho especial para o AQUI, coloca toda a dramática realidade do chamado time do povo. Página 8

AQUI

Semana rica: Escolha o melhor	5
Testamos os candidatos — uma lástima	10
Bastidores	15
Memórias de um conspirador	16
A profissão de Ute: ilusões e morte	20
O Croquete é nosso	22
Aqui, Corinthians	28
Cinema	28
Teatro	29
Televisão	30
Artes Plásticas	30
Música	30
O Chacal	31

DIRETOR EDITORIAL — Samuel Wainer; EDITOR GERAL — Sergio de Souza; EDITOR ADJUNTO — Narciso Kalili; REDATOR — Mylton Severiano da Silva; REPÓRTERES — Hella Schwartzkopff, Dacio Nitri, Victor Cervi; FOTÓGRAFOS — George Love (editor), Kirsten Weinschenck, Joel Sian, Amancio Chiodi; ARTE — Valdir de Oliveira, Vanica Codato; COLUNISTAS — Ricardo Kotscho, Klaus Kleber, José Carlos Bittencourt, Lourenço Diaféria, Roberto Freire, Pietro Maria Bardi, Rubens Ewald Filho, Gilberto Mansur, Sergio Mello, Leo Gilson Ribeiro. COLABORADORES — Marco Antonio Montandon, Michel Laurence, Vital Battaglia, Woile Guimarães, Ignacio de Loyola, Luciano Ornellas, Francisco Lucrecio Jr., Enio Pesce, Malu Maia, Sofia Wainer (Brasília); DIRETOR COMERCIAL — Mario Heredia; DIRETOR-GERENTE — Maria Eliza Machado da Silva; PUBLICIDADE — Elizabeth S. de Castro, Daniel Tavares, Fátima Aparecida da Silva (secretaria).

AQUI S. Paulo é uma publicação da Editora Brasil-Mundo Ltda. Escritório Central, Rua 7 de Abril, 264 — 8º andar, salas 817/8, fone 34.0218, SP. Departamento Editorial, Rua Arthur Azevedo, 877, fone 282.2831, SP. Brasília — Superquadra Sul, 107, Bloco C, apto. 805, fone 42.3337. Distribuição: Abril, Cultural e Industrial, Rua do Curtume, 564, fones 262.7977 e 85.8418, SP. Composto e impresso na PAT — Publicações e Assistência Técnica Ltda, Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, fones 853.7461, SP.

As matérias assinadas não refletem necessariamente a opinião do jornal, sendo de responsabilidade de quem as assina.

ESCOLHA AQUI

TEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEA

Veja

● **À MARGEM DA VIDA (The Glass Menagerie)** — Uma das melhores montagens de um texto de Tennessee Williams nos últimos anos no Brasil. Recriação lírica e sensível da peça que revelou internacionalmente o autor.

● A música de Charles Chaplin e o senso plástico do diretor Flávio Rangel tornam memorável a história de uma família dominada pela mãe Amada (Beatriz Segall), uma sulista que não consegue enfrentar a pobre realidade de sua vida. Com Ariclé Perez, Edwin Luisi e Fernando de Almeida. No **STUDIO SÃO PEDRO**.

● **A RAINHA DO RÁDIO** — Uma interpretação excepcional de Cleyde Yáconis é o principal motivo para você assistir a este monólogo do estreante José Safioti Filho. Cleyde faz a locutora de uma rádio do interior que, sabendo que vai perder o emprego, resolve dizer no ar todos os podres da cidade. Para acreditar no texto é melhor não pensar que tudo poderia ser interrompido pela técnica da estação. Direção de Antonio Abujamra garante uma porção de palavrões. No **Teatro ANCHIETA**.

● **RODA COR DE RODA** — O grande sucesso de bilheteria do teatro paulista no ano passado. Irene Ravache ganhou

(merecidamente) todos os prêmios de interpretação (inclusive o Molière) ao dar vida a um texto indeciso de Leilah Assunção sobre a libertação feminina. Irene faz Amélia, dona-de-casa comum que se cansa de ser "a mulher de verdade", larga o marido e abre um bordel. Com Lillian Lemmert, João José Pompeu, também dirigidos por Antonio Abujamra. No **Teatro ALIANÇA FRANCESA**.

● **A GAIOLA DAS LOUCAS** — (La Cage aux Folles) — A maior renda da história do teatro brasileiro. E não é para menos: uma profusão de palavrões, piadas sobre homossexuais e confusões no melhor estilo de Feydeau. Mas a peça de Jean Poiret só existe pela presença de Jorge Dória no papel principal. Seus cacos e improvisações tornam a noite um sucesso. Última semana no **Teatro AQUARIUS**.

● **MOCKINPOTT** — O ator espanhol José Luis Gomes — premiado como melhor ator no último Festival de Cannes — foi o diretor desta montagem gaúcha que já esteve proibida pela censura. O texto é de Peter Weiss, sobre a trajetória de um homem desde a alienação até a lucidez. Com Henrique Lisboa, Miguel Ramos, Eduardo Crescente, Gabriela Rabelo. Última semana no **Teatro PAIOL**.

● **MUMU, A VACA METAFISICA** — Uma das mais elogiadas montagens do momento. A história de uma família classe-média que se defende da luz e do sol, convivendo com uma vaca e seus mugidos angustiantes. Sonia Guedes, Antonio Petrin, Carlos Augusto Strazzer, Rania Alves são dirigidos por Silnei Siqueira. O absurdo do cotidiano da pequena burguesia nos seus últimos dias no **Teatro MARKANTTI** (r. 14 de julho, na Bela Vista).

Não veja

● **CONCERTO Nº 1 PARA PIANO E ORQUESTRA** — O produtor Marcos Franco anda tão preocupado com o fracasso desta sua nova montagem, que está ameaçando suspender o espetáculo e convocar um novo diretor para tentar salvá-lo. Mas seria bom chamar também outro elenco — uma vez que ninguém rendeu o suficiente, nem mesmo sua mulher Regina Duarte, na pior interpre-

tação de sua carreira e mudar de teatro, já que depois da terceira fileira ninguém ouve nada, no novo **TEATRO BRIGADEIRO**.

● **OS HOMENS (Fortune and Men's Eyes, de John Herbert, não confundir com o ator homônimo)**. Se a cena de estupro em que dois atores ficam nus, lhe interessam, é bom chegar cedo e sentar nas primeiras fileiras do lado esquerdo. Tudo é tão rápido, tão escuro e

tão mal feito, que só mesmo os mais atentos vão se divertir neste legítimo espetáculo de Rua 42. A ação se passa num prisão onde jovem é seduzido e corrompido pelos veteranos. Odavlas Petti é o diretor e rouba todas as piadas como um homossexual. O produtor David Cardoso faz o possível para garantir sua fama de "sex-symbol" da porno-chanchada brasileira. No **teatro OFICINA**.

DISCODISCODISCODISCODIS

● **A FORRONÁTICA E O FORRAMBA** — (RGE-FER-MATA) Odair Cabeça de Poeta e o Grupo Capote lançando lp novo na praça, um disco "relax" e bem produzido. O Capote, pra quem não sabe, foi o idealizador do "forrock", mas no novo lp, Odair não se prende a um só ritmo. Tem rock, baião, samba e blue. A "cozinha" tá muito bem feita por Koelho (violão e vocal), Toninho Reis (bateria e vocal), Oswaldinho, irmão do Dominginhos (acordeon), Juraci (percussão) e Odair (violão e solo vocal). Os arranjos de metais e cordas são do maestro José Toledo e uma das músicas do disco é "Arrepio de Ébrio", tremendo blue com cheiro de caatinga.

● **MAHAVISHNU ORCHESTRA — INNER WORLDS** — (CBS) Sir John McLaughlin e sua nova banda atacando com um álbum que é quase puro "funk". Os arranjos, antes complicadíssimos, deram lugar à simplicidade, aparecendo inclusive em "Inner Worlds" dois temas cantados. A nova Mahavishnu é formada por: John McLaughlin — guitarras. Narada Michael: bateria, piano, órgão e solos vocais. Stu Goldberg: teclados. Os temas cantados são muito bonitos. A voz de Naraba, às vezes chega a lembrar a de Buddy Miles assim como a maneira com que trata a bateria. E como disse Mick Jagger a um repórter da Rolling Stone alguns anos: "Quem não tiver raiz na música negra não vai ficar pra semente!"
Sérgio Mello

O financiamento mais veloz do mundo.

O financiamento de veículos da Mercantil - Finasa é também o mais versátil. Você escolhe o seu carro no revendedor de sua preferência, e depois, zuuuummm! Vai em qualquer uma das 248 agências do Banco Mercantil de São Paulo, escolhe o melhor plano e pega rápido e fácil o dinheiro do financiamento. Só. E feliz carro novo.



MERCANTIL - FINASA
CRÉDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO S.A.

publitec

Vital Battaglia é, talvez, o jornalista especializado em esportes mais temido pelos dirigentes do futebol paulista. Depois de 15 anos vendo o Corinthians ser derrotado pela política, pelo interesse pessoal, reconhece que esta é a pior de todas as crises que já viu acontecer no time de maior torcida do Brasil, e chega a uma alarmante conclusão, que denuncia através do AQUI.

Não há liderança, não existe comando. O presidente Vicente Mateus foge da torcida nos dias de derrota; o técnico Filpo Nunes acusa os jogadores de entregar os jogos, e diz que não fica nesse timeco para perder o nome que construiu com sacrifício; os jogadores não respeitam a camisa que vestem, e Mário Campos — presidente do Conselho Deliberativo — com manobras maquiavélicas, consegue envolver a maioria do Conselho, votos de cabresto em troca de um jantar anual e uma carteirinha.

O Corinthians perdeu a vergonha.

Só resta mesmo a torcida, a fiel torcida — única verdade corintiana — para dar ao clube o que seus dirigentes, técnicos e jogadores não conseguem: amor, garra, esperança.

Os 467 conselheiros que compareceram anteontem à noite para a reunião extraordinária, procuravam de todas as formas defender a sua facção política, jamais o clube. Sem dúvida, não se pode dizer que ali estavam corintianos.

Bem que antes da reunião começar, ex-conselheiros e alguns conselheiros da oposição falavam na deposição de Mário Campos, um dos grandes responsáveis pela desgraça corintiana, mentor intelectual de Vicente Mateus.

Foi Mário Campos quem disse à imprensa que o Corinthians seria, cam-

peão, mesmo que necessário fosse a presença do governador Paulo Egídio no banco de reservas. Indispôs o clube na Federação, apoiando Nabi Abi Chedid, procurando compactuar para uma trama política que levaria o time ao título. Descoberto, expôs o clube ao ridículo, tanto quanto a sua ridícula figura.

Não seria suficiente para o Corinthians tanta desgraça. Mário Campos voltou a atacar com aquele manifesto contra os juizes, acusando José Favile de desonesto, com o aval de Vicente Mateus (que assina sem ler) e de Aniz Aidar, que representa a terceira força do clube como Presidente do CORI — Conselho de Orientação e Fiscalização.

Maior infelicidade seria impossível, para um homem recalçado, a própria imagem do sapo corintiano, pelas tramas articuladas desde 1959, pulando de galho em galho, ora Wadih, ora Mateus, ora Trindade. Mateus herdou esse maldito fardo.

— “O Corinthians é um clube de analfabetos, deve ser dirigido por um analfabeto” — era essa a tese de alguns corintianos em favor de Mateus, mas alegando ter pago as dívidas do clube — com o dinheiro arrecadado pela contribuição dos próprios sócios e torcedores — Mateus resolveu investir a seu modo no fute-

bol. É evidente que negociar no futebol não é a mesma coisa que vender um quilo de pedra.

Comprou o passe de César, sem consultar ninguém, por 500 mil cruzeiros, e o vendeu para o Santos por 80. Quem paga o prejuízo? E o que se pode falar de Moisés, oferecido ao Palmeiras por 600 mil, e que o generoso Mateus, com o dinheiro da fiel, pagou o dobro?

Como é próprio de todos os homens incultos, mas espertos, conseguiu enganar o Palmeiras. Disse para Milton Buzetto que ia contratar Ademir da Guia, e foi realmente ao Parque Antártica, mas para trazer o argentino Veira. Para não falar em outras aberrações, já que não é responsável — na absoluta acepção da palavra — fala de seus méritos:

— “Não sou aventureiro, vou sair do clube com tudo em ordem. Avalizei mais de 7 milhões. Pensavam que eu estava louco. Gosto de coisas sólidas, como o prédio que estou construindo, por isso não vou contratar mais ninguém.”

A tese de Mateus é explicada por seus correligionários. Ele contratou Sérgio, Moisés, César, Vaguinho, enfim, todos jogadores que já estiveram na seleção brasileira. Logo, não há o que reclamar.

Enfim, ele consegue a maioria

O CORINTIANS PERDEU A VERGONHA!

desse conselho de 702 homens, que jamais estarão juntos na mesma reunião pensando em Corinthians. O apoio em troca de pequenos favores.

Por exemplo:

Roberto Pasqua quer ser presidente do clube um dia, e espera que Mateus o apoie para o cargo em abril, quando deixará o clube. Ele tem pelo menos 60 homens no conselho.

Ferdinando Nastari, 43 anos de clube, indicou cerca de 50 nomes para o conselho. Tem tempo para ser diretor de futebol amador:

— "Vou pensar em eleição em abril, quando o Mateus sair. Quem pode ser agora? Para ser presidente do Corinthians tem que ter pedigree."

Francisco Nieto Martin já foi um homem de opinião no conselho. Combateu a continuidade de Wadih Helu, lutou contra ele de peito aberto, enfrentando leões de chácara. Depois, foi visto distribuindo cédulas de Wadih para deputado, em troca do apoio para a presidência do clube, que nunca aconteceu.

Flávio La Selva, líder dos Gaviões da Fiel, tem 33 conselheiros sob a sua orientação. Seu grêmio exigia que Mateus se afastasse do futebol, indicasse um vice-presidente. Foram eles quem iniciaram a vaia de 23 minutos nos 23 minutos finais do jogo contra a Ferroviária. Mateus

aceitou. Indicou o coronel reformado Francisco Fontes, que só faz o que Mateus manda. Tudo o que pretende na vida é sentar no banco de reservas nos dias de jogo, com sol ou com chuva.

Ainda existem os remanescentes da política de Miguel Martinez, o presidente que foi expulso do Parque São Jorge pela união de Wadih a Mateus, numa farsa sem precedentes.

Martinez só saiu da luta para a presidência porque Mateus teve medo de enfrentar Wadih:

— "Era como se Idi Amin decretasse guerra aos Estados Unidos e vencesse" — disse um conselheiro. "O que ia fazer depois?"

Foi o que aconteceu a Martinez, que em menos de dois anos pediu duas vezes a intervenção federal no clube, por absoluta falta de apoio. Mateus foi seu diretor de futebol enquanto lhe interessou. Unido a Mário Campos, derrubou Martinez levando a polícia ao clube, com ajuda de Wadih.

Wadih Helu disse no dia em que perdeu as eleições: "Eles vão levar o clube à falência".

Ficou esquecido durante algum tempo, mas ressuscitou pela incompetência de Martinez.

Nenhum outro presidente teve tanto dinheiro na mão como Wadih, o

dinheiro da venda de títulos patrimoniais. Gastou tudo, mas elegeu-se deputado, mesmo sem ganhar o título. Mandou times infantis, juvenis, aspirantes, correr todo o interior de graça; passou com Garrincha em comícios, e emprestou jogadores para clubes da Primeira Divisão sem cobrar um tostão. Perdeu-se como presidente de um clube, sem jamais compreender seu significado; como diria um de seus seguidores, Mario Barreiro, espanhol:

— "O Corinthians é o terceiro país da América do Sul. Brasil, Argentina e Corinthians. É só analisar a população."

Nessa teia de aranha, todos ganham. Quem perde sempre é a torcida. Na reunião de anteontem ficou decidido que Filpo Nuñez poderia ser demitido se não fosse preciso pagar a indenização a que tinha direito.

E tudo estará calmo como antes?

O Corinthians é grande demais para ser destruído por homens que jamais serão capazes de compreender como é triste sair do estádio sem um grito de gol; mas a torcida deu mostras de que cansou, já na vaia durante o jogo com a Ferroviária. Isso pode ser muito perigoso para quem quer tirar do torcedor o direito de ser corintiano.

Vital Battaglia

- 1 - O que é a cidade de São Paulo?
- 2 - O que é um político?
- 3 - Critique: ou o enredo do último filme a que assistiu, ou o enredo do último livro que leu.

TESTE



O prefeito e os 29 candidatos

Eleições

76

Eleições

76

Foi um Seminário secreto (proibido para a imprensa), o que a Arena promoveu esta última semana a fim de armar seus candidatos a vereador por São Paulo para a "guerrilha que começa dia 16 de agosto" — a campanha eleitoral. Na sessão de encerramento, aberta finalmente à imprensa, AQUI fez três perguntas aos 29 (dos 63) candidatos que compareceram no último dia. Cada um respondeu, como num vestibular, às três questões. De próprio punho, menos dois — Cláudio de Barros, alegando estar sem óculos, e Malaquias Gomes Silva, símbolo do Mobral, preferiam ditar suas respostas ao repórter Dácio Nitrini. Dos 29, cuja média de idade é de 40 anos, nove torcem para o Corinthians, sete para o São Paulo, quatro para o Palmeiras; havia apenas uma mulher, uma professora; e pelo menos metade — advogados, professores e funcionários públicos principalmente — tem curso superior. Publicamos suas respostas respeitando vírgulas, acentos e ortografia originais. E, junto, a foto e a ficha oficial de cada um. São as que passaremos a ver na televisão a partir de 16 de agosto. (A foto oficial do candidato Anercides Valente não foi fornecida por seu partido).

(Resultados nas três páginas seguintes)

AQUI testa 29 candidatos a vereador

Durante quatro dias, de quarta-feira a sábado passado, um grupo de ansiosos arenistas, candidatos a vereador, ficou canformado no anfiteatro "Faria Lima", no 10º andar da Câmara Municipal, para participar do projeto que o IFEP (Instituto de Formação e Estudos Políticos da Arena) preparou: o I Seminário dos Problemas da Cidade.

O esquema montado proibia, gentilmente, a entrada de qualquer jornalista para documentar o acontecimento. Só nas duas últimas horas do Seminário, na sessão de encerramento, quando o Prefeito Setúbal discursou e respondeu a algumas perguntas dos candidatos, é que as portas foram abertas à imprensa.

No meio da tarde de sábado, um pouquinho antes do prefeito chegar, o publicitário Roberto Duailibi (da agência DPZ) apresentava os slogans que serão usados na campanha:

"Trabalhar por S. Paulo e aperfeiçoar a cidade";

"Pelo Brasil e seu fortalecimento, Geisel conta com você";

"Geisel, um Brasil de atitudes firmes e corajosas"

Enquanto isso, o presidente da Arena paulista, Cláudio Lembo, falava no saguão sobre os objetivos principais do Seminário:

"São vários. Um deles é dar informação que facilite a pregação dos candidatos na campanha, dentro da filosofia partidária e da orientação do Prefeito Setúbal. Outro, que também é importante, é exigir dos tecnocratas uma integração com o pensamento e a ação política da Arena".

Terminou suas explicações, esperou um momento para que suas palavras fossem anotadas e, sorrindo amigavelmente, desculpou-se pela proibição da entrada dos repórteres:

"Olha, antes de mais nada, foi uma típica reunião de partido. Um xingou o outro, quebraram o pau mesmo, e não ia dar para a imprensa publicar. Esse Seminário foi uma espécie de aparelho montado para municipalizar os candidatos, armá-los para a "guerrilha" que começa dia 16 de agosto".

Mas Cláudio Abrão, 25 anos, estudante de Direito da USP, presidente do IFEP e um dos líderes da Arena Jovem, acha que não poderíamos assistir ao seminário por um motivo bastante simples, bem

menos estratégico que os motivos fornecidos por Lembo:

"Aqui todos foram tratados igualmente, alguns inclusive tiveram que esquecer que tinham velhos caciques nas costas, para protegê-los. E, como qualquer candidato, se percebessem a presença da imprensa, fariam perguntas só para ter o nome no jornal, mudando o espírito de equipe que tentamos criar."

O Seminário foi montado especialmente para os 63 candidatos que formam a chapa arenista. Mas os organizadores previam que os 13 candidatos que já são vereadores, "mais os políticos experientes, como a Ana Lamberga", não iriam comparecer, o que aconteceu. A média diária foi de 25 candidatos presentes. E Lembo fez questão de ressaltar que "a Arena é um partido democrático, não obrigou ninguém a comparecer".

Por enquanto, porém, só Deus, trinta e poucos candidatos e os conferencistas convidados é que sabem o que há nas 38 horas de fitas gravadas durante o Seminário. Mais tarde, como contou o jovem Abrão, o material gravado será transcrito para que o IFEP edite uma publicação e distribua aos arenistas.

Entre os vários tecnocratas e políticos que debateram temas essenciais para a vida da cidade, como Orçamento Municipal, Planejamento, Segurança, Saneamento, Transportes, Saúde, Educação, falaram: Cel. Erasmo Dias, Secretário da Segurança Pública; Dr. Walter Leser, Secretário da Saúde do Estado; Dr. Fernando Gomes Proença, Secretário de Higiene do Município; Olavo Cupertino, dos Transportes; Sergio de Freitas, das Finanças do município; Dr. Camilo Pereira, das Vias Públicas. A manhã do último dia foi ocupada pelo secretário-geral da Arena, deputado federal Nelson Marchezan; e, na parte final da maratona, introduzido por Lembo ("para que vocês vejam a importância do nosso seminário") chegou, relembrando a importância das eleições, o Prefeito Setúbal:

"A realidade é que vamos enfrentar um plebiscito que decidirá o futuro da Nação. Passaram-se mais de 10 anos e o povo não se lembra mais como é que era o Brasil antes de 64. Temos que mostrar ao povo aquilo que o Governo fez."

Terminou o debate e veio a primeira pergunta, feita por Luís Monteiro:

"Sr. Prefeito, como é que nós, candidatos, poderíamos capitalizar a inauguração das obras realizadas na cidade, durante a campanha?"

O prefeito ajeitou o óculos, puxou o microfone mais para perto da boca e ficou segurando-o com as duas mãos:

"Além de mostrar o que fizemos, temos que falar também naquilo que faremos. Em 74, o ponto mais explorado pela oposição foi justamente esse: o que não tínhamos feito. Por isso é que os senhores receberam uma grande carga de informações sobre a obra que realizamos. Mas nós temos seguido um princípio: não caracterizar uma obra como sendo de alguém, e sim como uma obra realizada pelo Governo, pelo partido."

Daí para a frente, os candidatos se sentiram à vontade, num clima de sessão da Câmara, e choveram perguntas. O Prefeito Setúbal teve que repassar todas as suas afirmações, já publicadas exaustivamente na imprensa, sobre o Metrô, áreas verdes, terrenos baldios etc. E já estava quase terminando a audiência, quando Cláudio Lembo autorizou sua secretária Márcia a colocar na lousa as perguntas que o AQUI gostaria que os candidatos respondessem, depois de um treinamento intensivo para a campanha, e de terem sido orientados sobre os problemas da cidade.

Antes das questões, pedimos alguns dados pessoais — nome, idade, estado civil, número de filhos, grau de instrução, profissão, bairro onde mora, reduto eleitoral e time que torce. Em seguida, pedindo que as respostas fossem dadas sempre em 5 linhas, vinham 3 perguntas:

1 — O que é a cidade de São Paulo?

2 — O que é um político?

3 — Critique: ou o enredo do último filme a que assistiu, ou o enredo do último livro que leu.

Assim que acabou a briga para ver quem chegava mais perto do Prefeito Setúbal na hora de tirar a fotografia para a nossa reportagem, os 29 candidatos sentaram-se novamente, quietinhos como se estivessem num vestibular, para traçarem suas linhas. Passou uma hora e os possíveis representantes do povo na Câmara entregaram suas respostas, quase sempre com uma ressalva: "desculpe, mas a minha letra é horrível".

Dacio Nitrini

"O Tubarão impressiona pela violência e suspense"



FICHA OFICIAL

Odair, o filho do deputado

Advogado. Cedo iniciou-se nas atividades políticas graças ao incentivo do pai, deputado Gouveia Franco. Especializou-se em problemas sociais ligados à criminologia. Nasceu no Bairro de Belém, onde vive na Rua Dr. Clementino, 579. É solteiro.

Odair Gouveia Franco, 26 anos, solteiro, funcionário público municipal e advogado, residente no Belém e corintiano.

1 — "A cidade de São Paulo é o berço do Brasil, que recebe todos os seus filhos de braços abertos. Pronta para ampará-los e ajudá-los. Possui sem dúvidas centenas de problemas, pois é a cidade

de que mais cresce no mundo."

2 — "O político representa o Poder Legislativo, que é um dos três poderes independentes mas harmonicos entre si, serve para criar, coordenar e fiscalizar os atos públicos, visando especificamente o bem comum."

3 — "O Tubarão. Realmente um filme fantástico, e impressiona pela sua violência e suspense."

"É sempre útil assistir a uma vida como a de São Francisco"



FICHA OFICIAL

Walter, o cursilista

Presidente da Sociedade Amigos de Bairro de Vila Indiana. Ocupa o cargo de Diretor de Relações Públicas do Conse-

lho Coordenador da SABAS, no Estado de São Paulo. Também é presidente da Comissão de Habitação da Região Metropolitana da Grande São Paulo. É participante ativo de movimentos "Encontro de Casais com Cristo", e do "Encontro de Jovens", nos quais é coordenador e conferencista. É pequeno comerciante no bairro do Butantã, na Avenida Brigadeiro Faria Lima. Nasceu em Manduri, SP. É casado.

Walter Walmer Biondo, 42 anos, casado, cinco filhos homens, cursando Faculdade de direito. Residente na rua Aquiririm, 779, Vila Indiana, Butantã. Comerciante (sem reduto eleitoral ou time).

1 — "O Eldorado procurado por todos os brasileiros. Mas como todo Eldorado para se descobrir o ouro é necessário esburacá-la e depois é a imagem que sobra."

2 — "O político é o homem sensível aos problemas sociais e humanos, e que todo político autêntico luta pelo bem-estar do povo. Há político e "político".

3 — "Irmão Sol Irmã Lua, por certo para todo cristão e homem de família formada e criada e tendo sensibilidade é sempre útil assistir a uma vida como a de São Francisco de Assis. Haja visto a grandiosidade de sua mensagem."

"No Canal 13 passou um filme do gado morrendo"



FICHA OFICIAL

Malaquias, o símbolo do Mobral

Lavrador, até os 18 anos, em Grotão, Paraíba. Chegou em São Paulo, junto com outros trabalhadores, em um caminhão de transporte de sal. Aqui, inicialmente foi ajudante de marceneiro. Em razão de sua facilidade de diálogo, deixou a atividade artesanal e se transformou no "Repórter do Povo", da TV Bandeirantes. Cursou o Mobral e se tornou a figura-símbolo do Movimento Brasileiro de Alfabetização. É casado, mora em Itaberaba, na Rua Servidão Pública.

Malaquias Gomes Silva, 39 anos, casado, 2 filhos de criação, grau de instrução ginasial, Vila -enteadado, comerciante, ex-repórter do povo, São Paulo, time que torce:

São Paulo Futebol Clube.

1 — É o coração do mundo!

2 — Político é um administrador da nação.

3 — No Canal 13 passou um filme do gado morrendo de fome e sede no Nordeste, que eu não me lembro do nome. Eu não gostaria de viver aquelas realidades, são mesmo autênticas, mas eu não gosto delas.

"Terremoto, inoportuno para público já abalado"



FICHA OFICIAL

Luís Pereira, o economista

Economista. Trabalho em treinamento de pessoal. Trabalhou nos Ministérios da Educa-

ção e Cultura e do Trabalho. É professor de Economia Política. Exerce as funções de secretário do Diretório da Arena da Liberdade. Trabalhou na Cia. do Metrô, na área de pesquisa de origem-destino. Nasceu em Bragança Paulista. É solteiro (já casou - N.R.) e mora na rua Pamplona, 1.461, apto. 61.

Luís Pereira, casado, sem filhos, nível universitário, mora no Brooklin, reduto eleitoral "a cidade de São Paulo", torcedor do Santos FC.

1 — "Cidade imensa que sofre toda a sorte de problemas decorrentes de uma evolução desordenada, mas que, paulatinamente, através do entrosamento dos poderes constituídos, vai se ajustando."

2 — "Um político, antes de sê-lo, deve ser um administrador. Sua principal atividade é a de servir de veículo entre a massa que o elegeu e a administração pública, colaborando na solução dos problemas comuns que dizem respeito à comunidade."

3 — "Leva ou traz uma mensagem de perigo constante. Inoportuno para público já emocionalmente abalado por tantos acidentes. O filme: Terremoto."

"É a cidade desafio à argúcia do administrador"



FICHA OFICIAL

Amaury, o professor universitário

Professor universitário. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais e Jornalismo. Obteve título de mestrado, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco — USP, defendendo teses sobre Direito Público. Foi visitante, tendo participado de debates das Universidades de Harvard, Stanford e Columbia, além de ter sido convidado a visitar a Alemanha pelo governo daquele país. É casado. Nasceu em Avaré e mora nas Perdizes, rua Homem de Melo, 852. Possui obras publicadas.

Amaury Moraes de Maria, 45 anos, orgulha-se de ter nascido em 1930, "marco de grandes transformações políticas e sociais", casado, três filhos, professor universitário (na Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie e das Faculdades de Comunicação Social Cásper Líbero e da Faap), advogado, jornalista, residente nas Perdizes. Reduto eleitoral: seu próprio bairro, zona oeste da Capital (alunos, familiares e núcleos da periferia). Torce pelo Corinthians.

1 — "Mário de Andrade a designou Paulicéia Desvairada. Outros preferem chamá-la cidade masculinizada, em oposição ao Rio, cidade feminina. O vocábulo "cidade", no sentido de "civitas", "cité", é uma coisa; no sentido de "urbs", "ville", é outra. Conhecida é a obra de Fustel de Coulanges, "A Cidade Antiga", na primeira acepção. São Paulo não é só o conglomerado de 8 milhões de habitantes. É a cidade-desafio à argúcia, à imaginação e à criatividade dos administradores, dos sociólogos, dos arquitetos, dos futurólogos. Seria acaciano afirmar-se que as preocupações dos que cuidam dos seus destinos não se podem exaurir no campo das obras públicas. São Paulo anda tão necessitada, por exemplo, de melhores soluções na área cultural."

2 — "É uma questão que desafia os pensadores, de Platão, Aristóteles, aos contemporâneos. Leia-se, a propósito, a obra fundamental de Jean Jacques Chevallier, "As grandes obras políticas, de Maquiavel, a

nossos dias". Colham-se as lições de Carl Schmidt, Georges Burdeau, Maurice Deverger e outros constitucionalistas e cientistas políticos. Em termos pragmáticos, é o político, no regime representativo, em que, por definição constitucional, "todo poder emana do povo e em seu nome é exercido", o instrumento de realização das aspirações populares."

3 — "Em decorrência dos meus deveres universitários, mormente aulas no período noturno, de pouco tempo disponho para ir aos cinemas. Li, nos últimos meses, All the President's Men, dos jornalistas Woodward e Bernstein, do Post. O enredo é de todos conhecido: o episódio Watergate; reli Le Defi Americain, O Desafio Americano, de Jean Jacques Schreiber, e outros de igual quilate."

"Enfelizmente os bilhões são irrizórios"



FICHA OFICIAL

Sérgio, de tradicional família

Professor universitário. Leciona, entre outras escolas superiores, na FGV. Tem pós-graduação e é doutorado na USP e na PUC. É membro de tradicional família de professores. Possui obras publicadas, relacionadas com a matemática e a estatística. Nasceu em São Paulo e é casado. Mora na Avenida Chibará, 504, em Moema.

Sérgio Bonini, 33 anos, casado, uma filha. Engenheiro e economista, doutor em Ciências pela PUCSP, empresário e industrial. Residente em Moema, Avenida Chibará, 504. Reduto eleitoral: universitários, empresários, industriais. Time: Palmeiras.

1 — "A cidade de São Paulo é uma metrópole carente de quase tudo que no cotidiano é exigido pelos anseios da população. Entretanto os problemas já foram detectados e estão sendo apresentadas e fundamente realizadas obras em todos os campos com a finalidade de a curto e médio prazo resolvê-los."

2 — "Compete fundamentalmente ao político apresentar denúncias e exigir dos órgãos competentes soluções aos reclamos da população."

3 — "Filme, não. Livro — Orçamento do Município de São Paulo para 1976 — a fim de detectar as dotações orçamentárias e verificarmos que enfelizmente os bilhões são irrizórios — pois somente para resolver os problemas de enchentes que afligem a coletividade seriam necessários somente para esta área 3 orçamentos municipais de 76"

"Cidade tentacular, de pedra e de cimento"



FICHA OFICIAL

Geraldo, o irmão do deputado

Locutor esportivo de rádio e TV. Também é inspetor municipal de rendas. Irmão do deputado federal Blota Júnior, vice-líder da Arena na Câmara Federal. É conhecido pelas suas atividades filantrópicas, junto à Igreja Matriz do Menino de Praga. É conhecido pela sua dedicação ao Sport Clube Corinthians Paulista. Nasceu em Ribeirão Bonito. É casado e mora em Santo Amaro.

Geraldo Blota, casado, 50 anos, 6 filhos, curso ginásial, residente em Campo Belo, radialista, reduto: geral; torcedor do Corinthians.

1 — "Depende de como você esteja vendo a cidade. Desumana para uns, a que mais cresce no mundo para outros, a que foi construída sem planificação para os técnicos, a que é mais difícil de ser governada pelos políticos. Sei lá... pra mim, é a cidade tentacular de pedra e de cimento, de trabalho e construção."

2 — "Sempre aprendi que o político é o representante do povo. Para que serve? Como em todas as profissões, serve para ser "malhado" se errar, e para ser carregado em triunfo se acertar. Eu pretendo ficar sempre na segunda parte."

3 — "Inferno na Torre. Filme feito para que aumentasse ainda mais a admiração que temos pelos bombeiros. Mas serviu muito mais, para provar que em matéria de construção, tudo deve ser feito com estudos e por profissionais, e nada sem estrutura e por amadores. No filme, ficou na frase final, uma lição de moral para aqueles que sempre fazem tudo mais difícil quando é sempre melhor se fazer tudo pelo lado mais fácil."

"Seu ritmo de crescimento não foi acompanhado"



FICHA OFICIAL

Arlindo, o animador de bailes

Artista sertanejo. Funcionário aposentado da CMT. Atualmente trabalha com seu irmão "Zé Bettio" em programas de rádio e bailes populares. Durante sua vida sindical, foi eleito suplente do Conselho Fiscal do Sindicato dos Empregados em Escritórios de Empresas de Transportes Rodoviários do Estado. Especialista na área de Relações do Trabalho e Humanas. É presidente do Conselho Fiscal da Sociedade Amigos da Vila Nova Caledônia. Mora na Rua Mandiú, 31. É casado e nasceu em Promissão (SP).

Arlindo Bettio, casado, 50 anos, quarta série ginásial, residente no bairro de Santo Amaro, radialista de profissão, com reduto eleitoral em Santo Amaro; torcedor do Palmeiras.

1 — "A cidade de São Paulo é uma capital que cresceu espantosamente, porém não teve seu ritmo de crescimento acompanhado pelos poderes públicos."

2 — "Para representar o povo perante os administradores, Municipais, Estaduais e Federal. Serve ainda para ajudar a administrar os dirigentes do Município, Estado e Federal."

3 — "O Tubarão foi o último filme que vi. O último livro, A Segunda Grande Guerra Mundial e suas Consequências."

"Política é a arte de exercer o poder"



FICHA OFICIAL

Benedito, o educador

Secretário da Câmara de Ensino do Conselho Estadual de Educação. Tem pós-graduação em Faculdade de São Paulo, com tese em Educação. É professor de Pedagogia e Ciências e Letras. Nasceu em Salesópolis e é casado. Mora na

rua José Neves, 1.062, no Jardim Prudência. Membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, SBPC.

Benedito de Souza Filho, casado, 6 filhos, 43 anos, professor universitário e funcionário público estadual, reduto eleitoral: zonas Leste e Sul; torcedor do São Paulo.

1 — "É a grande megalópolis da América do Sul, com problemas complexos em todos os setores de atividade humana: educação qualitativa e formativa; transporte; saneamento básico etc."

2 — "Política é arte de exercer o poder. Assim, sendo, o político deverá representar seus eleitores nos órgãos de decisões legislativas, procurando auxiliar o desenvolvimento socio-econômico de seu Estado, principalmente educação como o maior pré-investimento de qualquer nação."

3 — "Filme, o Tubarão. Livro, O Admirável Mundo Novo."

"A 9ª do mundo, fantástica, absorvente e admirável"



FICHA OFICIAL

Caio, o jovem proeminente

Advogado. Tem cursos de especialização em Direito Público. Diretor e membro do Conselho Deliberativo da Sociedade de Cultura Japonesa. Selecionado como "Jovem Proeminente" pelo Ministério de Relações Exteriores do Japão, onde representou o Brasil. É casado. Mora na Rua Almeida Torres, 434, na Aclimação.

Caio Mori, 39 anos, advogado, mora na Aclimação, seu reduto eleitoral abrange 55 bairros; toce pelo Palmeiras.

1 — "São Paulo é uma megalópole, a 9ª do mundo, fantástica, absorvente e admirável."

2 — "O político é o líder representante do povo, que leva ao Poder a consciência da opinião pública, as aspirações maiores de nossa brasilidade."

3 — "A Conquista da Felicidade, de Bertrand Russel, humano, realista e autêntico; e O Dever, de Marco Tulio Cicero, político de Roma, de profunda visão da vida em todos os aspectos abrangentes."

"Aquele medidor entre a massa e o Poder"



FICHA OFICIAL

Claudiney, o financista

Advogado. Possui inúmeros cursos de extensão universitária. É especialista em Finanças Públicas. Foi diretor do Colégio Comercial da Academia Mariana. Atualmente é presidente da Associação Cultural Recreativa e Esportiva "Acre Clube". É paulistano, casado. Mora na Travessa dos Pirineus, 29 no Brooklin.

Claudiney Del Buono, casado, 45 anos, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, residente em Tucuruvi, funcionário público municipal, reduto eleitoral Zona Norte. Corintiano, há 45 anos.

1 — "A cidade de São Paulo é uma metrópole que, através de seus governantes espera ansiosamente, urgentes providências para que se transforme em curto prazo de tempo, muito mais humana."

2 — "Entendo que o político, no sentido puro do termo, deva ser aquele mediador entre a massa popular e o Poder Constituinte, representando aquela junto a este e defendendo com ampla isenção um e outro quando necessário."

3 — "Deixo de comentar o último filme, pois há vários anos não encontro motivação suficiente para ir a um cinema. Quanto a livros leio-os quando essencialmente técnicos, por força da minha profissão."

"O último filme que vi foi pela Rede Globo"



FICHA OFICIAL

Claudio, o cantor

Cantor e compositor de músicas populares brasileiras. É jornalista e atualmente exerce a função de redator da Coordenadoria de Desenvolvimento Comunitário. Divulgou a música folclórica brasileira em

excursões pela Europa. Foi aeronauta, é mineiro, nascido em Itanhandu. Casado, mora na Vila Guilherme, na rua Solange Silva, 75.

Claudio de Barros, casado, pai de filhos, grau superior ("sou jornalista, redator do Governo"), Vila Guilherme, cantor-compositor.

1 - "São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo, mas que entretanto não deixou de ser aquela cidade humana e fantástica em toda a sua dimensão."

2 - "O político serve para orientar, fiscalizar e apresentar os problemas de toda uma comunidade."

3 - "O último filme que vi foi pela Rede Globo de Televisão, mas que no momento não me lembro do enredo, mas posso afirmar que foi de alto nível."

"Político é o intérprete das aspirações populares"

FICHA OFICIAL

Anercides o filantropo

Professor secundário e diretor do Colégio São José da Vila Prudente. Tem curso superior. É conhecido pelas suas atividades filantrópicas e sociais em toda a Zona Leste. Dirige, também, o semanário "Ronda Jornal", em que se dedica a assuntos da comunidade. É casado. Nasceu em São Paulo e mora na Avenida Zelina, 1079 - Vila Zelina.

Anercides Valente, casado, educação superior (letras e orientação educacional), residente em Vila Prudente/Parque da Móoca, diretor de colégio, reduto eleitoral subdistrito Vila Prudente, Móoca, Alto da Móoca e Ipiranga. Times: são-paulino de infância, corintiano de coração e juventino de raça.

1 - "Um conglomerado humano, sem infraestrutura, em vias de encontrar-se, através de uma administração inteligente, séria e muito idealista."

2 - "Para legislar primeiramente. Para ser o intérprete das aspirações populares. Para assessorar os primeiros mandatários com sugestões positivas e que os levem a acertar na administração pública."

3 - "O Cavalo da Noite, do autor Herpilo Borba Filho (falecido neste ano) faz uma crônica da cidade desvairada, relatando os costumes de sua classe intelectual, que busca na noite, as luzes para os seus dias, sublimando o alvo e sua prática heterossexual procurando um encontro consigo mesmo."

"Por maiores capacidades só aparecem suas falhas"



FICHA OFICIAL

Mínhoto, da casa Transitória

Serventuário da Justiça. É colaborador da Casa Transitória da Federação Espírita do Estado de São Paulo. Atua junto à Associação Amigos de Bairro de Vila Guercindo. Foi dirigente da UNE - União Nacional dos Estudantes. É representante dos Oficiais de Justiça lotados nas Varas Estaduais. Foi dirigente do extinto "Centro Acadêmico da Escola de Comércio de São Paulo". Nasceu em São Paulo. É casado. Mora na Vila Guercindo.

Claudio Minhoto Tambellini, casado, 40 anos, residente na vila Guercindo, funcionário público (serventuário da Justiça), vice-presidente do Centro Social dos Oficiais da Justiça do Estado de São Paulo, reduto eleitoral: Poder Judiciário; torcedor do São Paulo FC.

1 - "É a pujança, glória e trabalho de um povo na construção de uma nação. Para demonstrar ao mundo o que é/ ou melhor/ o que representa, a união de justiça, segurança, e valorização do homem."

2 - "Depende do lado em que o mesmo atua. Para construir (situação) destruir (oposição). Em termos atuais."

3 - "Inferno na Torre (crítica construtiva). Por maiores que sejam as capacidades humanas nas obras realizadas somente aparecem suas falhas. A torre não comentada como realização mas sua falha; objeto de críticas. Prefeitura x Falhas."

"Dr. Jivago, quer o livro quer o filme, ótimos"



FICHA OFICIAL

Clóvis, o policial

Secretário Geral da Associação dos Escrivães de Polícia do Estado de São Paulo. É tesoureiro do Diretório Acadêmico "Conselheiro Crispiniano", da Faculdade de Direito de Guarulhos. Foi assessor do diretor do antigo Departamento Estadual de Trânsito. Nasceu em Araras e é casado. Mora na rua Professora Benvinda Aparecida de Abreu Leme, 92, em Santana.

Clóvis Ferraz de Macedo, escrivão de polícia (sem outros dados).

1 - "Na atualidade está se tornando uma cidade mais humana, acreditando que, a continuar seu ritmo de melhoramentos públicos - estaduais e municipais - chegaremos ao ponto ideal, em todos os seus setores de interesse social, municipal, estadual e nacional."

2 - "Para, com espírito de nacionalidade, procurar atender aos interesses do povo, quer na área municipal, estadual e nacional, sem medir sacrifícios ou interesses particulares. É ser leal, honesto e trabalhador."

3 - "Dr. Jivago. Quer o livro, quer o filme, são considerados perfeitos, não merecendo ambos crítica alguma em seus enredos. Ótimos."

"O último livro que eu li é um disparate"



FICHA OFICIAL

David, o vendedor ambulante

Presidente da Associação dos Deficientes Físicos do Estado de São Paulo, dá qual é um dos fundadores. Como tipógrafo, aos quinze anos, perdeu o braço direito. Hoje é vendedor ambulante e há mais de 30 anos se dedica à recuperação dos inválidos, vítimas de acidente de trabalho. É paulistano e solteiro. Mora na rua Casa Verde, 91, no bairro do mesmo nome.

Davi Pinto Bastos, "amasiado há 23 anos", 9 filhos, instrução primária, residente na Casa Verde. Vendedor ambulante. Reduto eleitoral a própria classe a que pertence. Corintiano.

1 - "A cidade de São Paulo é a cidade que cresceu mais do que lhe é permitido crescer, e por esse motivo a Administração Municipal e Estadual encontra dificuldades em administrá-la."

2 - "A política serve para chegarmos a uma conclusão da verdadeira situação em que se

encontra a nação, governo, etc."

3 - "O último livro que eu li foi sobre legislação municipal e o que eu posso dizer é que o mesmo é um disparate."

"Vias expressas, quem paga às vezes não tem condução"



FICHA OFICIAL

Diogo, o advogado trabalhista

Presidente da Associação dos Advogados de Prefeitura da capital. Dedicar-se à advocacia trabalhista e colabora em seções especializadas no assunto em jornais paulistas. Foi colunista de "Última Hora" e de diversos órgãos comunitários. Pertenceu ao extinto PTB, onde ocupou, por duas vezes, o cargo de membro de Diretório Estadual. É paulistano e casado. Mora na Rua Sebastião Pereira, 98, Santa Cecília.

Diogo Marques, 56 anos, casado, cinco filhos, instrução superior, morador de Santa Cecília, advogado. Reduto eleitoral: Belenzinho. Time: Seleção Brasileira.

1 - "A cidade de São Paulo é uma metrópole espetacular carente de preocupação maior pelo homem do povo. Este que é o fator principal de seu progresso e sua grandeza é o mais abandonado. Grandes obras são realizadas com sacrifícios de seus moradores por desapropriações e impostos ambos muito pesados."

2 - "O político e especialmente o vereador têm que se preocupar primeiro com o cidadão e depois com a cidade, para que aquele não fique completamente desamparado numa metrópole cada vez mais desumana. Por certo é importante a realização de obras, mas fazer vias expressas, por exemplo, para a corrente de tráfego e quem paga, às vezes não tem condução própria, parece que devia ser melhor estudado e distribuído o encargo tributário."

3 - "O último filme que assisti foi na TV - o nome - Comédia do Gordo e o Magro, e confirmo que não tenho críticas mais elogios pelos dois magníficos comediantes. Uma gostosa nostalgia dos nossos saudosos tempos de garoto."

"O político, comunicação povo governo"



FICHA OFICIAL

Eduardo, o Senhor da Noite

Jornalista radiofônico. É titular do programa "Senhor da Noite". Dedicar-se, também, a promoções artísticas afro-brasileiras. Está ligado a entidades, ao estudo e divulgação da cultura negra. Foi atleta profissional e é preparador físico. Nasceu em São Paulo e é solteiro. Mora na rua José Alama, 6, Jardim Joamar.

Eduardo J. de Oliveira, 31 anos, empresário artístico, com reduto eleitoral na Zona Norte e torcedor do São Paulo.

1 - "A cidade de São Paulo é um gigante que vem sofrendo com o seu incrível desenvolvimento, inúmeros problemas que nós futuros vereadores tentaremos ajudar a resolvê-los."

2 - "O político serve para ser a comunicação povo governo."

3 - "O último filme que vi foi com referência a um candidato negro, no Cine Marabá."

"A cidade mais acolhedora do Brasil"



FICHA OFICIAL

Emílio, o enfermeiro

Enfermeiro. Exerce a sua profissão no Hospital do Servidor Público Estadual "Francisco Morato de Oliveira". É integrante da União Nacional dos Auxiliares de Enfermagem. Milita na Sociedade Amigos do Parque Thomas Saraiva. É casado. Reside na Vila Ema, na Rua Solidônio Leite, 2717.

Emilio Fernandes, casado, 37 anos, colegial prestes a terminar, morador do Parque Thomas Saraiva, auxiliar de enfermagem com reduto eleitoral na Vila Prudente e enfermagem. Torce-

dor do Santos FC.

1 - "São Paulo, cidade que cresce desordenadamente e que exige métodos para diminuir este crescimento. A maior cidade do Brasil tanto em população quanto em industrial, etc. É também a cidade mais acolhedora do Brasil, haja visto que sua população é constituída de brasileiros de todos os Estados."

2 - "O político tem inúmeras utilidades, colaborando com o sr. prefeito e consequentemente colaborando com o povo. Tudo depende de si mesmo, pois em todas as classes há os bons os maus."

3 - "Há tempos que não assisto um filme."

"São Paulo é um cadinho de amor reprimido"



FICHA OFICIAL

Paulo, o saneador

Professor. Especialista em assuntos de saneamentos básico. Orientador da CETESB para legislação urbana e administração de sistemas de água e esgoto. Foi diretor do extinto FESB - Fomento Estadual de Saneamento Básico - atuando sempre no combate da poluição das águas. É colaborador do Ministério das Relações Exteriores e do Instituto Rio Branco, em ciclos de palestras. Nasceu em São Paulo. É casado e mora na Passagem Particular D, 156, em Santo Amaro.

Paulo das Neves, casado, 34 anos, 3 filhos, residente em Santo Amaro, professor contabilidade e advogado, reduto eleitoral - entidades dedicadas ao saneamento urbano; admirador de todos os clubes do futebol paulista; foi no passado atleta amador da Portuguesa de Desportos.

1 - "A cidade de São Paulo é um cadinho de amor reprimido, em virtude de problemas pertinentes ao saneamento urbano."

2 - "O político tem por atribuição a motivação e a coordenação de anseios populares, visando a conciliação de múltiplos interesses sociais."

3 - "O livro Gotas de Sabedoria reúne uma coletânea de pensamentos, de autores desencarnados, bem oportuno à maioria dos habitantes desta megalópica São Paulo."

"Enredo fraco, propaganda tecnológica: Tubarão"



FICHA OFICIAL
Emiliano, o professor de inglês

Advogado, professor de inglês, com curso em Oxford, e de marketing. Trabalhou no jornal "O Estado de S. Paulo", em funções administrativas. Na área financeira, criou o I Curso de Mercado de Capitais do SENAC. Como membro da comunidade negra, visitou onze países da África Ocidental, com o objetivo de pesquisar o mercado para produtos brasileiros. É sergipano, nascido em Maroim. É casado. Mora na Avenida Sábida, 699, Ibirapuera.

Emiliano de Oliveira, casado, 45 anos, 2 filhas, advogado, mora em Indianópolis, reduto eleitoral "área central", torcedor do São Paulo.

1 - "Um país maravilhoso e cheio de problemas"

2 - "Para ajudar a governar a cidade, minorando-lhe os problemas."

3 - "Enredo fraco, sem mensagem, redundando-se em fantástica propaganda tecnológica, o Tubarão."

"Os sobreviventes, um problema: canibalismo e morte"



FICHA OFICIAL

Ivo, o atleta

Atleta amador. Campeão Sul-Americano - quatro vezes e Panamericano de polo-aquático. Participou das Olimpíadas de Tóquio e México e do Campeonato Mundial Universitário. É administrador de empresas, conselheiro do Esporte Clube Pinheiros e presidente do diretório da Arena no Jardim América. É casado. Mora na Avenida IV Centenário, 164. Nasceu em São Paulo.

Ivo Kesselrueg Carotini, casado, 34 anos, residente no Ibirapuera, administrador do mercado financeiro, reduto eleitoral em geral. Torcedor do Palmeiras.

1 - "Concentração habitacional advinda de uma busca de oportunidades fazendo com que o dimensionamento dela esteja sempre aquém das

suas necessidades."

2 - "Para servir de funil das reivindicações, dos estudos, dos planejamentos e do controle de execuções necessárias a uma determinada população."

3 - "Os sobreviventes (A Tragédia dos Andes). Trata-se do relato mais sem barreiras de um problema que todos estamos sujeitos mas que nunca admitimos: o canibalismo ou a morte."

"São Paulo é uma metrópole que não pára"



FICHA OFICIAL

José, o amigo dos bairros

Presidente do Plenário das Sociedades Amigos de Bairros da Zona Norte. Antigo e atuante militante das sabs. Participa de todas as atividades referentes às sabs. Promoveu, entre outros, a elaboração da Carta de São Paulo. É paraibano de Manguape. É casado e mora na Vila Sabrina.

José Alves, casado, 53 anos, funcionário municipal, presidente do Plenário da Zona Norte; reduto eleitoral; zona norte; nível de instrução; 2º grau; corintiano.

1 - "São Paulo é uma metrópole que não pára"

2 - "Para o político reivindicar junto ao poderes públicos."

3 - "Vi Bonanza."

"São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo"



FICHA OFICIAL

Francisco, o juiz de casamento

Advogado, com cursos de aperfeiçoamento em Justiça de Trabalho, Previdência Social e Administração Pública. É um dos fundadores da Arena em São Paulo. Atualmente é presidente da Arena de Vila Maria. Trabalhou como assessor da Casa Civil no governo Abreu Sodré: além de juiz de Casa-

mento, no seu bairro, exerceu atividades ligadas à Secretaria Municipal de Esportes. Nasceu na Paratiba, em Cajazeiras. É casado e mora na Rua Cássio de Almeida, 753, na Vila Maria.

Francisco de Assis Mendes Ribeiro, 43 anos, casado, sem filhos; instrução superior; morador de Vila Maria, profissão advogado. Reduto eleitoral: Vila Maria, Vila Guilherme, Vila Medeiros, Parque Novo Mundo, Vila Sabrina, Parque Vila Maria, Jardim Andaraí. Corintiano.

1 - "O que é a cidade de São Paulo? É a cidade que mais cresce no mundo."

2 - "Para que serve o político: para legislar em benefício da comunidade."

3 - "Filme: Amadas e Violentadas."

"Cabe ao político penetrar no coração e na mente do povo"



FICHA OFICIAL

Luís, o relações-públicas

Especialista em assistência e previdência social. Exerce as funções de relações-públicas do INPS, em São Paulo. Possui inúmeros cursos em sua área de atividade, divulgando seus conhecimentos através de cursos e palestras. É sócio e conselheiro da Associação Interamericana de Imprensa. Nasceu em São Paulo. É casado e reside na Rua do Miquel, 51, no Brooklin.

Luís Monteiro, o mais jovem candidato da Arena, é solteiro, economista e professor, torcedor do Corinthians (não constam idade, bairro e reduto eleitoral).

1 - "São Paulo é um organismo sobre o qual convergem as forças do progresso e as forças da decadência. É o símbolo das mais elevadas conquistas da civilização brasileira e ao mesmo tempo o lugar onde encontramos os mais terríveis exemplos de crueldade e degradação."

É uma cidade que necessita de homens públicos com visão e esforço, capazes de resolver seus problemas de poluição, lazer, feiura, marginalização, transporte, educação e outros.

2 - "Cabe ao político penetrar no coração e na mente do povo, sentir suas preocupações e desejos para tomar ini-

ciativas e fazer aquilo que é o melhor para o povo, independente dos riscos, perigos e pressões a que são submetidos os políticos quando empenhados em colocar o interesse do povo acima dos interesses de indivíduos ou grupos."

3 - "O Choque do Futuro. Este livro fala da questão da velocidade da aceleração social sobre a conduta humana, ou seja, o que acontece com as pessoas quando as coisas mudam muito depressa."

"O político é o aperfeiçoamento das instituições"



FICHA TECNICA

Vladimir, o sindicalista

Líder sindical. Presidente do Sindicato dos Distribuidores e Vendedores de Jornais e Revistas de São Paulo. É fundador de seu sindicato. Colabora como redator na "Folha do Jornaleiro", órgão da categoria. Tem nível colegial e cursos no campo da publicidade. Nasceu em São Paulo e é casado. Mora na Avenida São João, 1833, apto. 1010.

Vladimir Tolusso, 36 anos, casado, 4 filhos, instrução superior, bairro Santa Cecília, profissão Jornalista, reduto: "Minha classe, na qual sou presidente do Sindicato, dos Jornaleiros."

1 - São Paulo é a metrópole que cresce aceleradamente sem qualquer planejamento, tendo portanto problemas das mais variadas dimensões, sendo por isso mesmo uma cidade desumana, em que os problemas maiores são os pequenos, que não tendo as soluções devidas se tornam grandes para os administradores."

2 - "O político é o aperfeiçoamento das instituições, pois ele é o fiscalizador, o orientador, aquele que oferece subsídios para a solução dos mais variados problemas."

3 - "Filme não assisti, não, por causa da grande luta que tenho desenvolvido no sindicato, no qual trabalhamos numa luta pela conquista de uma lei que veio dar uma nova dimensão a nossa classe, há algum tempo marginalizada."

"O exemplo vivo de como se cresce"



FICHA OFICIAL

José Antonio, o festeiro

Pequeno empresário, no ramo de materiais de construção, em Ermelino Matarazzo. Está cursando direito na FMU. Foi bancário. É secretário da sabs do bairro onde reside e participa do Diretório Distrital da Arena. Fundou a Polívia-Mirim. É presidente da Comissão de Festejos do Dia do Trabalhador em Ermelino Matarazzo. Fluminense de Três Rios. É casado e mora na Avenida Paranaguá, 1573.

José Antonio Zillig Gac, casado, 2 filhos, 39 anos, estudante de Direito, residente em Ermelino Matarazzo, onde tem pequeno empório no ramo de materiais para construção, reduto eleitoral no distrito de Ermelino Matarazzo; torcedor do São Paulo FC.

1 - "O centro nervoso da Nação; o exemplo vivo de como se cresce; o ponto central de acolhimento de todas as raças que procuram dias melhores."

2 - "Serve para traduzir os anseios de um Povo."

3 - (Nada escreveu.)

"Um estranho no Ninho, espetacular valorização humana"



FICHA OFICIAL

Ricardo, o líder estudantil

Líder Estudantil. É estudante universitário, cursando o terceiro ano de administração de empresas. É casado. Preside o Centro Comunitário Oeste, com cerca de 10.000 associados. Atualmente é o representante estudantil eleito junto ao Departamento de Administração de Empresas da PUC. Está vinculado a sociedade culturais e esportivas da comunidade árabe-brasileira. É paulista da capital e mora na Avenida Querubina Viana, 611, na Granja Viana.

Ricardo Patah, casa-

do, 22 anos, universitário, residente em Pinheiros, tendo com reduto eleitoral estudantes, Pinheiros e toda a capital.

1 - "Como toda metrópole de qualquer lugar do mundo São Paulo é uma cidade muito ativa em todos os setores trazendo como triste consequência um relacionamento muito frio entre a população."

2 - "Para levar e representar os anseios da população e fiscalizar de uma forma coesa toda e qualquer obra (humana ou material) que se volte para a população."

3 - "Um Estranho no Ninho. Vale a pena assistir esta obra-prima do cinema mundial onde com poucos recursos materiais temos uma "valorização" humana de espetacular grandeza."

"O político é o intermediário do povo com os órgãos políticos"



FICHA OFICIAL

Marli, a professora

Professora de português e técnicas de redação em vários colégios da capital. Como secretária, sempre trabalhou junto ao Depto. de Pessoal. Casada. Mora na Alameda Barão de Limeira, 373, Campos Elísios.

Marli Lopes, professora de inglês, português e técnica de redação do Colégio Mauá, residente na Alameda Barão de Limeira, com reduto eleitoral nas escolas e universidades, torcedora do Corinthians.

1 - "A cidade de São Paulo para mim é a coisa mais deslumbrante do mundo em todos os sentidos é a cidade que está lutando pela humanidade, vamos dizer assim, do mundo inteiro."

2 - "O político é o intermediário do povo com os órgãos políticos ele é o acidente social dos humildes até os mais privilegiados monetariamente."

3 - "O último livro Sibyl - uma jovem com 16 personalidades as quais no fim se encontram e formam uma personalidade só e bem definida - este é o caminho de todos os políticos chegam a uma meta definida e perfeita."

BASTIDORES



José Carlos Bittencourt



O prefeito Olavo Setúbal afirma que as eleições de 15 de novembro devem, ao menos para ele, ser encaradas como um plebiscito. Interpretação rigorosamente verdadeira: Setúbal estaria convencido de que na Capital paulista, ao contrário das expectativas, a Arena ganhará as eleições para a Câmara de Vereadores. Ele partiria do princípio segundo o qual sete vereadores já estariam eleitos, restando, portanto, eleger somente mais quatro para obter maioria e — afinal — a sua consagração como administrador. O próximo passo de Setúbal seria o Governo do Estado. Mas o prefeito sabe que corre riscos: no caso de uma vitória do MDB, restaria a ele o pedido de demissão, uma vez que coloca o seu mandato nas mãos do povo.

Rigorosa e absolutamente verdadeiro: não se acredita que a Assembléia Legislativa de São Paulo rejeite o veto governamental ao projeto (aprovado) do deputado arenista Mantelli Neto que devolve a autonomia às estâncias hidrominerais do Estado. Além de perderem as verbas do Fumest — no caso de deixarem de ser estâncias — as populações daqueles 14 municípios organizaram um abaixo-assinado contendo milhares de assinaturas, pedindo aos deputados paulistas que mantenham a situação atual e impeçam que os municípios tenham de optar pela industrialização para fazer face às suas necessidades. O documento está sendo coordenado pelo prefeito de Serra Negra, Jesus Chedid, nomeado pelo ex-governador Laudo Natel e mantido pelo governador Paulo Egydio Martins e que, na última pesquisa de pinião realizada na cidade, apresentou o incrível índice de 98% de preferência popular entre "ótimo" e "bom". Outro detalhe (importante): o projeto devolvendo a autonomia política às estâncias só foi apresentado por Mantelli Neto com o objetivo de criar dificuldades ao Morumbi, depois que não conseguiu manter no posto o ex-prefeito de Águas de Lindóia, membro do seu "clã" político. Na ocasião, Mantelli acusou Nabi Chedid, o líder do Governo, de nomear seus correligionários em todo o circuito das águas. Se verdadeira a acusação, Nabi provou que tinha razão: as populações não querem mudar.

"A quem não interessaria a abertura política? Ao chamado "complexo empresarial" para quem a democracia está em vigor"

Depois de 15 de novembro e da vitória numérica da Arena, virá a hora da revisão

O governador Paulo Egydio Martins reassumiu suas atividades no Palácio dos Bandeirantes, esta semana, tendo em vista dois pontos básicos:

1. Estaria encerrada a fase de preparação administrativa para se obter o melhor desempenho possível dos órgãos da administração estadual. Na realidade, ele está enfrentando o seu primeiro "ano real" de Governo, já que 1975 estava com o seu orçamento totalmente comprometido pela gestão anterior. As peças que compõem a engrenagem administrativa estão sendo realmente testadas agora, ao mesmo tempo em que já é possível obter, o mais próximo possível da realidade, uma projeção que se estenderá até 15 de março de 1979, data em que se encerra o seu mandato.

2. A desvinculação do "governador político" do "governador administrativo" é irrealizável. Levando-se na devida conta que não se pode desfigurar uma figura política ao estilo de Paulo Egydio (mesmo porque nem há pretexto lógico que indique essa necessidade), o País perderia uma das principais peças do tripé político em que o processo de distensão política se apoia, considerando-se São Paulo o Estado mais importante da Federação, em termos econômicos e sociais.

Dentro desse contexto, não se poderia pretender (Como algumas áreas já chegaram a defender, por razões óbvias) que o setor político-eleitoral permanesse em mãos de figuras "do ramo", às quais, por delegação de poderes, caberia assumir eventuais desgastes inerentes à ação política, mas, por via de consequência, também colheriam os seus resultados, apresentando-se, no frigidar dos ovos, como "soluções naturais" à sucessão paulista de 1978.

Se determinadas alianças (políticas & empresariais) foram feitas ao início do Governo Paulo Egydio, não se deve desconhecer a existência de um quadro totalmente diverso de hoje. A constatação não é

nova: atravessa-se, este ano, um período eleitoral que, apesar das limitações naturais de um pleito de caráter estritamente municipal, fornecerá um novo enfoque ao País: E, dentro desse raciocínio, é que o presidente Ernesto Geisel teria desprezado os tradicionais conselheiros políticos e se engajado na campanha da Arena, pedindo ao povo não um plebiscito, mas um julgamento de ações e de intenções dos Governos federal, estaduais e municipais.

Vale dizer: a ausência do presidente Geisel e do governador do principal Estado da campanha eleitoral deste ano implicaria numa omissão que poderia, de vez, sepultar o processo de distensão aberto em 1973, estimulado com eleições limpas e livres em 1974 e, a duras penas, mantido com a garantia da realização das eleições municipais deste ano.

A quem não interessaria a abertura política? Segundo um respeitado analista brasileiro, ao chamado "complexo empresarial" para quem, uma classe privilegiada, a democracia já está em vigor. Ao lado, alianças com setores federais que pretendem retornar aos centros decisórios. Daí as naturais restrições à participação do presidente Geisel nas eleições de 15 de novembro que, por si só, garante a realização do pleito. Daí, também, as críticas e os ataques desfechados contra o governador Paulo Egydio Martins e as suas declarações que tiveram um só objetivo: incentivar o debate político no País, mesmo à custa de reconhecido desgaste.

Vencida a etapa das eleições de 15 de novembro e confirmadas as previsões que apontam vitória dos arenistas em número de municípios (até por questão de estrutura partidária), chegaria o momento de se promover novo balanço. Em São Paulo, este balanço poderia determinar uma revisão de posições administrativas, à medida em que não mais seriam necessárias concessões que refletiram na imagem global do Governo.

PIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRU



● Para anotar: não será surpresa se as eleições diretas para os Governos estaduais forem transformadas em eleições indiretas, com a ampliação do colégio eleitoral, antes restrito às Assembleias Legislativas, que mantinham maioria arenista. Como a situação é favorável ao MDB nos Estados mais importantes, as eleições municipais deste ano teriam, dentro desse quadro, papel fundamental, sendo necessário ao Governo ganhar o pleito na maioria dos municípios (o número de votos não seria importante, uma vitória nesse sentido da Arena seria apenas "agradável"). Quer dizer: o regime bipartidário seria mantido até 1978, ano em que se cogitaria de uma reforma eleitoral em profundidade (que poderia eventualmente incluir o voto distrital). Portanto: à Arena e ao MDB

caberiam duas etapas a cumprir — as eleições municipais de 76 e as gerais de 78. Confirmadas as previsões de fontes de Brasília, a "guerra" Quercia/Montoro, aqui em São Paulo, seria transferida para 1982, aí entrando no páreo um nome da maior receptividade em todas as áreas: o do atual presidente nacional do MDB, deputado Ulysses Guimarães.

● O presidente da Assembleia Legislativa, o incrível deputado Leonel Júlio, do MDB, andou chiando contra o Morumbi: ele pretendia que o governador Paulo Egydio Martins telefonasse (ou o convocasse a Palácio) para "pedir" a aprovação do seu secretário particular, George Oswald Nogueira, para o Tribunal de Contas do Estado, alegando que a Assembleia não é apenas um "cartório de registros". O certo é que Leonel teria lamentado uma chance perdida de "trocar figurinhas" com o Morumbi, e teria vociferado mais ou menos à base do "aqui o nome do George não passa". Antes de embarcar para o Panamá para estudar "atividades culturais" (?) e esticar até a Disneylândia, o incrível Leonel teria

recebido um recado de conhecido deputado federal, para apoiar a indicação de George para o TC. Agora, Leonel deve dar o dito por não dito e — obviamente — "desmentir" todas essas informações.

● O presidente da Arena paulista, Cláudio Lembo, estaria se ressentindo de uma melhor assessoria: depois de promover o "curso relâmpago" para os candidatos da agremiação à Câmara de Vereadores de São Paulo, à base da tecnologia da Prefeitura, ele divulgou uma "carta política" a ser publicada pelo Boletim da Arena-SP, ressaltando as qualidades do Presidente Geisel. Até aí, nada de mais. O grave é que a "carta política" está redigida num indistigável estilo ginásiano.

● Daqui pra frente, prestem atenção em três nomes paulistas: Shigeaki Ueki (ministro das Minas e Energia); Murillo Macedo (presidente do Banco do Estado de São Paulo); e Luiz Marcelo Moreira Azevedo (presidente da Casp).

● Na Assembleia Legislativa, a luta pela nova Mesa — a ser eleita em 77 — já começou: a primeira etapa dos "quercistas" seria a

retomada da liderança do partido no Palácio Nove de Julho, em mãos do "montorista" Doreto Campanari.

● Constatação de uma importante figura arenista: "Depois que o vice-governador Maneco Ferreira Filho ficou ausente 15 dias de São Paulo, com suas seguidas viagens, a direção da Arena paulista começou a fazer besteira!"

● No interior, o ex-governador Laudo Natel elogiando o recente discurso de Médici (condenado o liberalismo) e também a fala do ex-ministro dos Transportes, Mário Andreazza, em nome do ex-presidente, a 130 alunos das Faculdades da Zona Leste de SP. Uma frase de Andreazza: "Nada se poderá construir com a subversão da ordem que valendo-se (sic) das liberdades democráticas e pregando o excesso de suas franquias pretende, em verdade, aniquilá-las em benefício de uns poucos".

● O prefeito Olavo Setúbal eufórico com as últimas pesquisas de opinião: de menos quatro em maio, passou para mais doze por cento em junho. Agora — discretamente, ainda — já cogitaria de fazer maioria na Câmara paulistana.

O capítulo mais dramático dos 150 anos da escola por onde passaram Castro Alves, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Rui Barbosa.

A PASSEATA DO SILÊNCIO



Semana que vem, no dia 11, começam as comemorações do 150º aniversário de fundação dos Cursos Jurídicos. Elas vão durar um ano, quando então a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo completará os seus 150 anos de vida.

A história da Faculdade de Direito é pontilhada de lutas pelas liberdades públicas, desde a campanha pela abolição da escravidão até a proclamação da República, mas o episódio mais dramático vivido por seus estudantes teria acontecido em 9 de novembro de 1943. Nesse dia, eles promoveram uma manifestação de rua batizada de Passeata do Silêncio em que marchavam com um lenço à boca, simbolizando a impossibilidade de manifestar livremente suas idéias e opiniões políticas, e que acabou com duas mortes.

O Brasil, então, já entrara na guerra contra o Eixo, as forças aliadas já tomavam a ofensiva em todas as frentes de batalha, Stalingrado se transformara num imenso cemitério de milhares de soldados e oficiais nazistas, as tropas norte-americanas estavam a pique de desembarcar na Itália — para onde, meses mais tarde, o Brasil enviaria o seu Corpo Expedicionário.

A contradição, portanto, entre os ideais de liber-

dade e democracia que os aliados defendiam na guerra e o regime totalitário que se instaurara no Brasil, era cada vez menos aceita e justificada pela imensa maioria da população. Já a 4 de julho de 1942, sob o pretexto de comemorar a data da independência dos Estados Unidos, os estudantes do Rio de Janeiro, congregados na famosa União Nacional dos Estudantes, realizam gigantesco desfile pelas ruas principais da então capital da República. À frente do desfile marchavam Euclides e Vavá Aranha (filhos de Osvaldo Aranha, então ministro da Relações Exteriores), presenças que praticamente simbolizavam a divisão que dilacerava o Estado Novo.

Pouco depois, em consequência desse desfile, era destituído da Chefatura de Polícia o então coronel Filinto Muller, considerado um dos mais fervorosos adeptos do sistema nazi-fascista. Com Muller, cairia também Lourival Fontes, chefe do famigerado DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), apontado como uma espécie de Goebbels do regime. E subiam aos postos de comando os homens mais liberais do governo Vargas, como Osvaldo Leitão da Cunha e outros. E, como o afundamento de vários navios-marcantes brasileiros por submarinos alemães, abria-se o

caminho para entrada do Brasil na guerra, a 22 de agosto de 1942.

Por isso, a Passeata do Silêncio organizada pelos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo ganhou importância especial, nas consequências que provocou e no estímulo trazido à luta contra o fascismo "cá e lá", como diziam muitos manifestos que distribuíram clandestinamente em São Paulo. É que, com o surgimento dos primeiros indícios da vitória aliada, havia o perigo de o Estado Novo — a ditadura instaurada no Brasil em 1937 — sobreviver e procurar se eternizar no poder (foi, aliás, o que aconteceu com as ditaduras de Franco, na Espanha, e de Salazar, em Portugal, que se manteriam durante várias décadas após a derrota dos regimes nazi-fascistas da Alemanha e Itália).

A fim melhor documentar o significado da Passeata do Silêncio, AQUI colheu o depoimento do então estudante de Direito Roberto de Abreu Sodré, que dela participou e que conta em detalhes a luta contra a ditadura do Estado Novo vivida pela Faculdade que agora começa a festejar os 150 anos de uma tradição onde se registra essa e outras campanhas que entram para a História do Brasil.

Na página seguinte, o depoimento de um conspirador

Sirva macarronada com molho Cica e faça de sua sala de jantar uma autêntica cantina italiana.



Memórias de um conspirador

"Em verdade, a famosa passeata de 9 de Novembro de 1943 representou como que o final de um longo processo revolucionário que visava restaurar a democracia no Brasil, abolida desde o golpe de Estado de 10 de Novembro de 1937. De fato, desde o primeiro dia da instauração do Estado Novo, a nossa juventude começou a conspirar contra este regime baseado no fascismo italiano, no salazarismo e no corporativismo polonês.

"Entre os inconformados com a supressão da liberdade do povo brasileiro, nasceu uma espécie de oposição clandestina. Sabíamos os riscos que corríamos, as dificuldades que surgiriam, mas nossa disposição revolucionária era total. Mas assim mesmo, nossa luta, em termos de oposição a uma ditadura, deveria se desenvolver sem o uso de armas, nem o sacrifício de vida.

"Éramos inicialmente um pequeno grupo. Como sempre os ativistas começam como minoria. Mas não tardou que uma imensa legião de jovens inconformados viesse juntar-se a nós. A liderança do movimento reunia o que de mais corajoso existia entre nós, nomes como Francisco Morato de Oliveira, Germinal Feijó, Arrobas Marfins, Hélio Motta, Luiz Francisco de Carvalho, Antonio Costa Corrêa, Wilson Rahal. As adesões ao nosso grupo conspirativo eram quase diárias. Posso mencionar, por exemplo, o caso de José Tavares de Miranda. Sim, o célebre cronista social de hoje. Tavares de Miranda chegou a São Paulo expulso de Pernambuco devido às suas atividades então comunistas. Aqui ele se filiou a nós, como outros militantes comunistas, que combatiam paralelamente ao nosso movimento anti-estadonovista.

Em verdade, formávamos uma grande frente anti-fascista e sob nossa bandeira de luta pela liberdade poderiam se juntar todos aqueles que sinceramente estivessem dispostos a tudo pela restauração da democracia em nosso País.

"A nossa atuação era representada especialmente por folhetins, volantes e manifestos, que eram atirados do alto dos edifícios centrais, como a Casa Mappin, então instalada na Praça do Patriarca. Com o alargamento do movimento, passamos a imprimir o nosso primeiro jornal clandestino - "Resistência" era o seu título e ele me custou dois meses de prisão. Fui surpreendido dentro da própria impressora clandestina que havíamos montado na Estrada do Vergueiro. Fui então processado pelo famigerado Tribunal de Segurança Nacional. O meu advogado, Luiz de Azevedo Soares, é outro nome que precisa ser lembrado pela coragem com que atuava.

A nossa atividade conspirativa contra o Estado Novo, entre novembro de 37 e novembro de 1943, era uma atividade camuflada, clandestina, secreta. E assim acabamos nos ligando a elementos vinculados ao grupo Armando de Salles Oliveira, entre outros Antonio Pereira Lima, o meu irmão Antonio Carlos de Abreu Sodré, o Francisco Mesquita, irmão de Julio Mesquita, o professor Waldemar Ferreira. Coube a eles a nossa formação doutrinária e enquanto faziam seu proselitismo junto aos meios militares, nossa ação desenvolvia-se nos meios populares.

"Creio que nossa atividade já na superfície, isto é, mais pública, teve como ponto de partida o famoso Baile das Américas, realizado no Teatro Municipal, em outubro de 1943. Ali, o acadêmico Lenício Pacheco Ferreira, outro nome que deve ser incluído entre os líderes de nosso movimento, recitou um poema em que incitava os jovens a se inscreverem na Força Expedicionária Brasileira. No seu poema, Lenício dizia que "tínhamos que lutar contra o fascismo cá e lá" e, nessa ocasião, ouviu-se a voz de Hélio Motta, presidente do Centro Acadêmico 11 de Agosto, dando um "Morra Getúlio!"

Numerosas prisões foram imediatamente efetuadas, mas seriam relaxadas em seguida. Isso de nada adiantou, pois o nosso movimento, até então clandestino, explodiu publicamente. As prisões provocaram a solidariedade de um imenso número de estudantes. Estava assim em plena marcha a mobilização da juventude brasileira para a derrubada da ditadura.

"Pouco antes, ocorrera outro fato, que aliás determinou minha expulsão e a de Germinal Feijó da Faculdade de Direito. Nós nos rebelamos contra a outorga do título de "Doutor Honoris Causa" da Universidade de S. Paulo, a Getúlio Vargas. Como repulsa àquela outorga, realizou-se no pátio da Faculdade de Direito um grande debate. Na véspera, em sinal de



protesto, apareceu em crepe preto cobrindo a estátua de José Bonifácio. O Moço, erguida nas arcadas. O então diretor da Faculdade, prof. Cardoso de Melo Neto, exigiu que retirássemos imediatamente o crepe preto. Eu e Germinal Feijó nos opusemos, tivemos uma violenta discussão com o prof. Cardoso de Melo Neto e, em consequência fomos expulsos da Faculdade.

Eclodiu então uma greve geral dos estudantes, em solidariedade aos expulsos. A coisa tornou-se tão seria, ameaçava tomar tais proporções, que o governo despachou para São Paulo o próprio Ministro da Educação, hoje Senador Gustavo Capanema. Com muita habilidade, Capanema obteve nossa readmissão na Faculdade e com isso fez com que a greve terminasse. Assim, historicamente, foi a nossa expulsão da Faculdade e o Baile das Américas, que se transformaram no estopim que iria levar os estudantes às ruas.

"Começamos, então, a pensar numa grande demonstração pública, num grande comício de repúdio ao Estado Novo, cujo 6º aniversário transcorreria no dia 10 de novembro de 43. Mas o comício foi proibido. Decidimos, então, fazer no dia 9 de novembro a Passeata do Silêncio, que deveria sair da Faculdade de Direito e marchar pela rua São Bento, todos os estudantes com um lenço na boca, para demonstrar que estávamos sem possibilidade de falar. A passeata foi realizada, e seu percurso percorrido ao longo de toda a Rua São Bento.

Mas, na volta, quando ela começava a se dissolver no Largo do Ouvidor, surgiu a famosa Polícia Especial, com seus capacetes vermelhos e seus tanques, apelidados popularmente de "brucutus". O Capitão Olinto, que comandava aquela operação, exigiu uma satisfação pelo que havíamos feito. Formamos, então, uma fila, de braços dados, e o presidente do Centro 11 de Agosto, Hélio Motta dirigisse ao encontro do oficial. Mas Hélio se aproximou para parlamentar, os policiais começaram a agredi-lo. Solidários com o companheiro, avançamos todos e aí ouviram-se os primeiros tiros. Julgamos a princípio que era um fogo de festim, mas quando as primeiras vítimas começaram a cair, vimos que a agressão era mesmo pra valer. E cada um começou a se defender da maneira que pudesse.

O balanço foi dramático e sangrento - dois mortos e vários feridos, alguns gravemente. O morto, Jaime da Silva Telles, não era estudante, mas comerciante, e a outra vítima fatal, uma senhora de 64 anos, saía de uma novena na Igreja de Santo Antonio.

"Desde então, o nosso movimento foi assumindo características mais violentas. A conspiração transformou-se numa explosão popular, não só estadual, como nacional. Pouco depois, uma passeata idêntica à que havíamos realizado em S. Paulo, saiu às ruas em Recife. Houve violenta reação policial de que resultou a morte do estudante Demócrito, cujo sacrifício virou uma bandeira de luta pela liberdade em todo o Nordeste.

"Foi assim que a luta subterrânea e silenciosa que vínhamos mantendo sob os mais variados disfarces, inclusive na então existente Associação de Amigos de Rui Barbosa, que se transformara num baluarte contra a ditadura, foi a partir do 9 de Novembro de 43, que se iniciou a mobilização ampla e aberta, e que acabou por resultar numa verdadeira rebelião da juventude em todo o País. Digo juventude em geral porque muitos que a nós se juntaram eram jovens das mais diversas classes sociais, todos unidos pelo mesmo ideal libertário.

Historicamente, foi a passeata que saiu das Arcadas em novembro de 1943 que significou o primeiro movimento público contra a ditadura. A ação dos estudantes da nossa Faculdade de Direito foi complementada por um manifesto dirigido a toda a Nação, manifesto no qual numerosos estudantes colocaram a sua assinatura pedindo para ser processados junto com os colegas presos e já processados em consequência daqueles acontecimentos.

"Só depois é que surgiria o famoso Manifesto dos Mineiros, exigindo a restauração da democracia e da liberdade no País. Mas este Manifesto, que teve influência decisiva na queda da ditadura, estava assinado por alguns líderes políticos de maior realce em todo o País, enquanto que nós éramos considerados apenas agitadores, que não usavam armas, não jogavam bombas, não possuíam metralhadoras. Historicamente, porém, o início da queda da ditadura do Estado Novo começou no Largo São Francisco, de onde partira a heroica Passeata do Silêncio. A nossa Faculdade de Direito, que já fôra o centro irradiador da Revolução de 32, repetia em 1943 a sua irrestível vocação libertária. Já havíamos antes, sob o impulso de um sentimento autenticamente anti-fascista, organizado algumas caravanas políticas que foram pregar no interior de São Paulo a necessidade de o Brasil entrar na guerra ao lado das nações aliadas contra o nazi-nipofascismo. Estabelecemos, então, contato com o movimento estudantil do Rio de Janeiro, onde jovens líderes como os dois filhos de Osvaldo Aranha - Euclides e Osvaldo - assim como Paes Leme, Paulo Silveira e outros já haviam dado proporções incontornáveis ao movimento pela entrada do Brasil na guerra contra o Eixo. O próprio Osvaldo Aranha, então Ministro de Relações Exteriores, recebeu-nos certa vez. E embora manifestasse uma fidelidade inquebrantável a Getúlio Vargas, aprovou a nossa ação, pois assim Getúlio se sentiria apoiado para modificar os rumos de nossa política externa.

"A ditadura do Estado Novo, porém, não caiu por si mesma. Foi um longo processo de desgaste. Durante dois anos mais, isto é, até outubro de 1945, quando se deu a queda de ditadura, nós continuamos conspirando e agindo quase às claras. Eu mesmo, durante este período, fui o emissário de um manifesto de generais e que deveria receber as assinaturas de vários líderes brasileiros exilados no Rio da Prata. Consegui chegar até Buenos Aires e obtive a assinatura de todos os exilados que ali se encontravam, entre eles Armando de Salles Oliveira, Julio Mesquita, Paulo Nogueira. Em Montevideo, consegui a assinatura do general Flores da Cunha. E aí fui preso, mas o manifesto chegou ao seu destino, pois eu tinha duas cópias e uma delas foi levada para o Brasil por um companheiro meu.

"É claro que esta ação trazia certos riscos. Eu mesmo fui preso pelo menos umas dez vezes. Entretanto, uma coisa preciso assinalar para fazer justiça a um regime que eu sempre combati: nunca fomos vítimas de violência corporal. Verbal, sim. Mas nada mais poderia deter a nossa luta. Os nossos pontos centrais eram a luta pela liberdade e a luta contra o fascismo, que já ameaçava dominar o mundo inteiro. E o mais significativo disso é que o nosso movimento não se compunha apenas de filhos de famílias e até mesmo oligarquias importantes. Um de nossos líderes, o Germinal Feijó, era um moço pobre; outro, o Wilson Rahal, era filho de imigrantes; o Antonio Costa Corrêa, era um operário, todos nós estávamos unidos nos mesmos ideais e princípios: pela liberdade e contra o fascismo. E nossa Faculdade de Direito era o centro aglutinador, pois estudantes de outras faculdades, como a Politécnica e a de Medicina, vinham exercer sua ação política junto a nós, ali mesmo, sob as Arcadas do Largo de São Francisco. E foi assim que na nossa Faculdade de Direito foram mantidas e até mesmo ampliadas as suas tradições libertárias. E foi assim que, pela primeira vez, professores e estudantes se uniram pelo mesmo objetivo. E foi assim que, daquelas nossas lutas, inicialmente clandestinas e mais tarde abertamente contra o regime dominante, foi assim que delas emergiram futuros líderes políticos que, mesmo divididos mais tarde em dois ou três grupos, nunca abdicaram dos princípios que estavam na origem de nosso movimento: a luta pela liberdade e pela democracia, bandeiras pela quais o Brasil, em última análise, foi combater nos campos de batalha da Europa."

Roberto de Abreu Sodré



Rápido. Pense em alguém que trabalha na velocidade de São Paulo.

Você deve conhecer a instituição financeira que se estruturou em função desta população dinâmica e apressada: a nossa Caixa.

Mas como velocidade só se mede por números, aqui vão alguns que o ajudam a saber com exatidão as máximas do velocímetro: em 1975, a nossa Caixa atingiu 10 bilhões de cruzeiros em depósitos, 390.000 novas contas, financiou 11.944 casas próprias, deu 3,2% de rendimentos ao mês (juros + correção monetária + desconto de imposto de renda) a 911.000 cadernetas de poupança (ela detém 10% da totalidade das cadernetas de poupança de todo o país), emprestou, em seis meses, 310 milhões de cruzeiros através do Crédito Pessoal, criou o financiamento de Bolsa de Estudos que vai beneficiar milhares de estudantes. Com tudo isso, hoje ela é a quarta instituição financeira do Brasil, operando só no Estado de São Paulo.

Na hora de fazer qualquer negócio, pense rápido nesse alguém que tem condições de atender a tanta gente, com tanta satisfação.

Mesmo se o que você precisa é ser atendido como se fosse seu único cliente.



Caixa Econômica do Estado de São Paulo.
-na velocidade de São Paulo.



São Paulo - ponte do progresso nacional

Ute se matou, mas o sonho continua

O caso de Ute Dussel, a manequim que se suicidou e foi assunto de capa de nossa última edição, deve estar encerrado. Terça-feira foi prestado o último depoimento, na Polícia — de seu ex-namorado, Chiquinho Scarpa. A tragédia de Ute já esta esquecida? Não, no mundo das manequins não se esquecerá tão cedo. O que não quer dizer nada, pois esse mesmo mundo continuará tão inconsciente e miserável quanto antes. Como provam os depoimentos colhidos pelo repórter Marco Antônio Montandon.

— Não sei do caso amoroso de Ute. O que sei de manequins e seu mundo é que no Brasil a maioria vem de um meio humilde e tenta a ascensão social através da passarela. Essa ascensão não significa apenas a glória de ser admirada pela classe alta num desfile, nem a fama efêmera das fotos em jornais e revistas. Ascensão significa para elas a possibilidade de se casar com alguém do "alto mundo", da sociedade fechada.

Conheço o caso de muitas manequins que durante anos namoraram (e noivaram) com "gente bem". Na hora do casamento, os meninos se casaram com as escolhidas interfamilias, no velho e tradicional jogo, do qual eles não fogem. As manequins eram para o desfrute.

Ignácio de Loyola Brandão. Ignácio de Loyola. Durante alguns anos, viveu no meio da moda, manequins e publicidade. Trabalhou seis anos para a revista Cláudia, quando participou de diversas viagens com o Grupo Rhodia. Ainda atualmente, além de redator-chefe de Homem Vogue integra a equipe da revista Vogue, especializada em moda e sociedade.

Escritor. Algumas de suas histórias: *Pega Ele, Silêncio*; *Zero* (um dos livros mais discutidos de 75/76); *Ascensão ao Mundo de Anuska*, filmado por Francisco Ramalho e que conta a história de uma garota de um subúrbio paulistano que chega a ser manequim de Dener; *Bebel que a Cidade Comeu*, filmado por Maurice Capovilla e que também conta a ascensão de uma garota do Bom Retiro e que tenta ser estrela de televisão.

— É sempre o fascínio da glória efêmera que me seduz...

— E Ute, Loyola? E Ute, que buscou a morte de uma maneira tão fria, calculada, assim aos 30 anos, se maquiando, se vestindo elegantemente, deitando em uma esteira e se cobrindo com um caro cobertor, enquanto deixava aberta a válvula do gás de rua?

— Ute morreu por causa do consumo. É um lugar comum, mas é a verdade. Ela morreu porque não suportou o fenômeno que arrasa todas as manequins fracas e sem consciência...

Ute Dussel. A bela e loira Uta, nascida em Metelene, na Alemanha, de Anton e Gertrude Dussel, e que um dia de dezembro de 1974 chegou a São Paulo, para alguns de seus amigos, atrás de um amor brasileiro e, para outros, de um mercado de trabalho que começaria a se tornar cada vez mais escasso para ela, no limiar de uma idade crítica para qualquer modelo: os 30 anos.

— Não sei dos princípios de Ute. Sei apenas que aos 30 anos uma manequim está no chamado começo do fim. Arrasta-se tentando sobreviver, recusada pela máquina, caso ela não se conforme em mudar o tipo glamuroso para o de jovem senhora. Mas tudo indica que com a carreira terminada na Europa ela tenha sonhado com o Brasil, algumas possibilidades. Que vieram, mas ameaçavam sumir...

Teria sido essa perspectiva — ou falta de — a causa

principal do suicídio de Ute? Ou todo um conjunto de circunstâncias, isso e mais ter jogado tudo e perdido quando teria realmente chegado à fria certeza de que jamais seria uma "sra. Francisco Scarpa Filho", sonho adolescente ou racionalmente calculado para afastar de uma vez as sombras de uma mocidade vivida miseravelmente nos cortiços de Colonia? Consta que em certo cemitério francês há a seguinte inscrição em um túmulo: "Morto aos 30, sepultado aos 60 anos". Ao que tudo indica, Ute teria acabado tudo de uma vez.

E o seu próprio suicídio, quase um ritual — o ato de vedar metódica e caprichosamente com lenços de papel as frestas de portas e janelas, a esteira no chão da cozinha para deitar-se, o maquiagem e vestir-se com elegância, não esquecendo inclusive as botas — seria uma extensão e um retrato de sua personalidade, assim relembra pelos amigos: uma mulher racional, segura, independente, se não fria e calculista.

— "Para mim, ela quis chocar a sociedade..."

Mônica diz concordar com Cristina — ambas são produtoras de publicidade da DPZ — mas arrisca ainda um julgamento crítico profissional sobre o fim buscado por Ute: "... quem sabe, talvez desaparecer antes de ver começada a sua decadência..."

Decadência aos 30 anos de idade.

— Essa profissão é semelhante à do jogador de futebol: tem curta duração. Um dura enquanto as pernas aguentam. A outra dura enquanto o rosto suporta, enquanto o mercado não se satura do rosto. As leis deste mercado são inflexíveis. Quem aparece muito, se queima. Quem aparece pouco, não consegue trabalho.

Agora, é Mônica quem esta falando: "Um exemplo? A Bruna... se gastou muito... e, hoje, é também muito difícil ser chamada para veicular uma publicidade..."

Antes de prosseguir, um esclarecimento: o mundo da propaganda, para as modelos em geral, se divide em duas categorias: moda para editorial (revistas) e moda para publicidade. A primeira paga muito menos que a segunda mas, conforme uma maneca, "é com fotos de moda que a modelo fica conhecida; e nas fotos e filmes de publicidade ela ganha dinheiro".

De acordo com Mônica e Cristina, a cotação atual, no mercado de moda-editorial, é de mais ou menos 700 cruzeiros por dia, "tire o modelo quantas fotos forem necessárias"; já para a moda-publicidade, o cachê varia conforme a sua veiculação: jornal, revista ou televisão.

— O que paga melhor é o filme de publicidade para a televisão. Um outro exemplo: uma modelo que participa desses comerciais de marcas de cigarro pode chegar a ganhar até 20 mil cruzeiros de cachê..."

— Então, ganha bem...

— "Nem tanto, segundo essa inflexibilidade de mercado que o Loyola falou. Exemplo: se essa modelo faz o comercial da Souza Cruz, por exemplo, automaticamente ela será vetada pela Philip Morris... e se a veiculação do cigarro da Souza Cruz durar um ano, ela quase que só fará essa publicidade em 12 meses e eu, como produtora da DPZ, esperaria ainda passar mais

um ou dois anos para aproveitá-la novamente... sabe como é, quando uma modelo marca muito determinado tipo de produto, para o público, ela nunca vendendo um comercial: mas todos os comerciais que já fez..."

Então, o caso de Bruna "Hughes" Lombardi (aquela que atualmente anda aparecendo muito na televisão — Canal 4 — capa do *Diário da Noite*: "Foi descoberta em São Paulo herdeira do milionário Howard Hughes"). A Bruna, alguns anos atrás, era a mais requisitada e a mais bem paga modelo de São Paulo. Mas apareceu tanto que "se queimou" e, por muitos comerciais, se limitou a "fazer cena", de peruca preta (ela que é loira), como naquele anúncio do "uísque do clã".

— "Mas a Bruna, ao contrário da maioria das modelos ou candidatas a, dispõe de um nível social bem elevado, por parte de família, e é ainda uma das poucas que estudam. Pois é, a maioria, também, sempre teve a fama quase que merecida: bonita e burra. De certo modo, é até compreensível: como desenvolver um intelecto se as modelos brasileiras passam praticamente o dia inteiro correndo de uma agência para outra, com intervalos para cabeleireiros, manicures e não saindo de uma roda de mulheres iguais a elas mesmas?"

Entretanto, convivendo e se conhecendo diariamente, anos a fio, quase se poderia supor que manecas e modelos formassem uma irmandade indissolúvel, auxiliando-se mutuamente para enfrentar a máquina impiedosa, sem preconceitos. Nada disso: se a profissão de modelo não é reconhecida nem na Europa ou Estados Unidos, no Brasil, então, é uma arena (qualquer semelhança é mera coincidência; entenda-se pelo sentido literal da palavra).

Cristina: "É uma rivalidade como nunca vi. Não chegam nem a fornecer o telefone de uma colega, quando a gente pede, com medo de que a amiga lhes possa tirar um possível contrato..."

Nesse ponto, o fotógrafo de moda e de publicidade Chico Aragão parece concordar com Mônica e Cristina: para formar o seu arquivo ele se vê muitas vezes obrigado a recortar rostos de revistas, para depois se matar em busca de uma pista.

— "Nossos modelos são muito desorganizados. Já os estrangeiros procuram formar seu *composit* (uma espécie de portfólio, com a seleção de suas melhores fotos) e fazem questão de distribuí-lo entre as agências, fotógrafos e produtores. Facilita o nosso trabalho, como não?"

Outro exemplo dessa falta de organização e orientação profissional é o caso contado por Cristina, sobre a "garota do Bradesco".

— "A primeira "garota do Bradesco" parece que era uma estudante, "descoberta" na rua por um publicitário. Fez o filme, apareceu em *out-door*, foi embora, quando então a direção do banco resolveu contratá-la em definitivo, para se tornar o seu símbolo, como a Anita e o Rodolfo o são do Banco Itaú. Aí, a "garota" parece que se deslumbrou e recusou a oferta sob a ale-



UTE

O port folio (alemão) de Ute



Livia



Bruna

gação de que como "free-lancer" poderia ganhar milhões de cruzeiros, muito mais do que o que estavam lhe oferecendo. Milhões de cruzeiros, santa ingenuidade e inocência... Resultado: o Bradesco arranjou outra garota parecida, aquela do "nossa mãe ...".

E, depois, tem a falta de disciplina. De um modo geral, as modelos brasileiras não são muito de respeitar horários, de não procederem a periódicas mudanças de imagem para não se "queimarem" e de "fazer da carreira um meio de atingir um objetivo".

Mônica: "Parece que têm vergonha de assumir a profissão. Primeiro, acham a glória, Veruska, Blow-Up, coisa e tal; depois, aquela fase de transição para a TV-Globo, à espera de um convite que quase nunca, ou melhor, nunca, irá chegar; então, começam a sair, como o Loyola disse, com um garoto "gente bem", aí de nós se o meu "noivo" irá gostar... preciso consultá-lo primeiro ...". Resultado: preferimos trabalhar com as modelos estrangeiras, muito mais profissionais nesse ponto".

— Hoje em dia a profissão está conseguindo um status profissional bastante bom, libertando-se da imagem de desfrutável que sofreu durante anos, por causa dos preconceitos de uma sociedade machista e subdesenvolvida.

— Você concorda com isto, Livia?

Livia Keila Mund, 20 anos, eleita a "Modelo do Ano", na mesma noite em que a Editora Abril conferia o título de "Manequim do Ano" a Ute Dussel, sem saber que já estava morta.

— "... Não só machista e subdesenvolvida, mas também babaca".

— E o status profissional?

— "Atualmente, sou modelo. E acho que já consigo atingir um certo status. Ganho o quanto quero (já cheguei a tirar 30, 35 mil cruzeiros por mês) e... gosto de ser modelo. Daqui a pouco, não sei ... por enquanto está ótimo."

Chico Aragão: "É maldade dizer que não existem boas modelos brasileiras... olha só aí a Livia, a Dalma, a Bruna, a Ulli, a Stela... certo, não há organização, é tudo um free-lance bravo... e não concordo também em que a profissão seja um "meio" e não um "fim". Quando um moço sai de uma camada mais baixa e estuda, estuda, ele igualmente procura uma outra opção de vida, passar para uma outra classe, evidentemente melhorar o seu padrão... quem não quer?"

— E a diferença entre as manecas e modelos brasileiras e estrangeiras?

— "Esteticamente falando, tá na perna. As brasileiras, como as italianas, têm pernas curtas... já as estrangeiras, principalmente as saxônicas, têm aqueles pernões compridos, fotográficos..."

— E você, Livia, por que este estreito relacionamento "jovem gente bem" e modelos? Como o Chiquinho e a Ute?

— "Bem, as modelos quase sempre sonham com nomes colunáveis, aparecer em jornal... e "eles", por

sua vez, desfilam com belas garotas, capas de revistas... um intercâmbio..."

— Há um desespero em cada manequim que começa a surgir: aproveitar ao máximo a possibilidade que tem. Alguns sabem das regras, jogam com elas, preparam o campo para o momento da "aposentadoria". As mais inteligentes mudam de campo, aplicam o dinheiro (se é que sobra algum da roda viva em que vivem, dos gastos que precisam ter em "verbas de representação": maquiagem, cabeleireiros, vestidos etc.), fazem relações públicas. São futuras donas de boutique, produtos de moda para revistas e comerciais etc. Outras, sonham com cinderela: um príncipe encantado, um Chiquinho Scarpa ou Toninho Abdalla, ou quem quer que circule, que venha tirá-las desse meio termo entre um sobradinho do Cambuci, ou de Vila Prudente, para a mansão do Morumbi. O fim é previsto: geralmente, em 90 por cento dos casos, voltam ao sobradinho. Ou não resistem ao impacto. E se vão como Ute.

Bem menos literária que Ignácio de Loyola, a Polícia de São Paulo (4º DP) quis saber os reais motivos que levaram uma alemã chamada Ute Dussel a se matar. E intimou umas tantas pessoas a prestar depoimento:

1. Luiz Antonio da Gama e Silva Filho, 29 anos advogado: "... que desconhece os motivos que levaram Ute a tomar aquela atitude extrema, já que seu contato com a mesma era exclusivamente profissional (era ele o advogado que cuidava da papelada de Ute, que já tivera o seu visto de permanência vencido)... que localizou Jurgen Dussel, primo da modelo e que mora em São Paulo e que providenciou o sepultamento da vítima às expensas do sr. Francisco Scarpa Filho que, como amigo dos mais íntimos, fez questão de arcar com todos os gastos que se fizeram necessários."

2. Jurgen Dussel, 35 anos, engenheiro: "... que era primo da vítima em segundo grau ... que veio a conversar com Ute por telefone, há uns três meses, e que lhe consultava sobre a possibilidade de um seu irmão, que estava para chegar ao Brasil, ir morar por uns tempos na casa do primo ... que, segundo dizia Ute, seria por pouco tempo, já que em breve pretendia casar-se com uma pessoa de nome "Chiquinho Scarpa" e que tão logo isso ocorresse iria ter sua própria casa ... que não tem a menor idéia dos motivos que levaram Ute a tomar tal atitude extrema, eis que a mesma não demonstrava em momento alguma estar propensa a suicidar-se ... que o depoente teve contato telefônico com o pai de Ute na Alemanha, tendo este revelado que dias antes havia conversado com a filha e que ela mostrava-se perfeitamente normal ..."

Margarida Vieira de Souza, maior: "... que por duas vezes Ute foi fazer compras em sua boutique e floricultura, na esquina da Vila onde morava ... que na segunda-feira (18 de julho) anterior ao dia em que seu

corpo foi encontrado (21), por volta das 19 horas, viu uma moça loura, magrinha, miudinha, deixar a vila onde Ute morava e se dirigir à sua boutique para pedir uma caneta, dizendo que era para escrever um bilhete; e, em conversa, que o bilhete era para a "Casa 3" da vila; que escreveu um bilhete em idioma que a declarante não entendia mas recordando-se que no alto do papel estava escrito "Ute"; que a moça, muito embora escrevesse em idioma estrangeiro, falava o português corretamente, "sem sotaques".

José Antonio Bergamin, 23 anos, arquiteto: "... que era vizinho de Ute e que a última vez que a viu foi na terça-feira, por volta das 14h30, à porta de sua casa ... que Ute apresentava-se bastante nervosa, porém, não revelando as razões de tal estado ... que o depoente imaginava que aquele comportamento prendia-se ao fato de Ute, ultimamente, estar indecisa para tomar uma decisão, pois não sabia se voltava para a Alemanha ou permanecia no Brasil ... que Ute era uma moça de comportamento diferente, um comportamento muito "frio" e dificilmente se abria com amigos sobre seus problemas mais íntimos ..."

Francisco Scarpa Filho, 24 anos, bacharel em Direito: "... que sempre viu em Ute uma companhia ideal, realizando várias viagens juntos ... que nesse período de aproximadamente cinco meses de contato observou que muito embora Ute fosse uma moça que irradiava alegria, por vezes apresentava-se introspectiva, mostrando-se extremamente nervosa ... todavia, nunca chegava expor ao depoente seus problemas ... que ele, não obstante esse comportamento de Ute, tinha conhecimento de que a vítima possuía problemas de ordem familiar, mas esquivava-se de tocar no assunto ... que não chegou a saber exatamente quais eram os problemas que atingiam Ute, todavia recorda-se ter a mesma afirmado haver ocorrido suicídios em sua família, residente na Alemanha ... que Ute não estava se adaptando à vida que se leva no Brasil, pretendia mesmo mudar-se para os Estados Unidos ou Europa, para onde já possuía uma passagem em aberto, conforme havia comentado com ele ... que era uma pessoa profissionalmente realizada, eis que era dos manequins mais bem pagos do Brasil, sempre convidada para posar em capas de várias revistas famosas ... que não entende o motivo que levou Ute a tomar tal atitude, isto é, suicidar-se, que não encontra lógica em tal ato ... que, finalmente, lembra-se de que Ute em determinada ocasião comentou que seu tio havia se suicidado... que nos funerais de Ute ouviu comentários de pessoas desconhecidas de que duas irmãs de Ute também haviam recorrido ao suicídio".

... vagueio no terreno das hipóteses. Divago, mas com certa base. O país subdesenvolvido tem também moda subdesenvolvida, publicidade subdesenvolvida. Só a máquina de consumir é superdesenvolvida.. Ute caiu nela: nem príncipe, nem glória.



Dario Menezes - Pierrô, Arlequin, Colombina

O CROQUETTE É NOSSO

Fotos de Kerstin Weinschenck

Esta matéria poderia muito bem se chamar "Eu, Croquette". É a história de Dario Menezes, ex-jornalista, hoje voltado para o teatro, onde pretende chegar a uma proposta de Renascimento ("Acabou aquele marasmo de 73, 74", diz ele), algo parecido com a Semana de Arte Moderna, e purificado da influência estrangeira colonizante — bem verde-amarelo. Por isso Mylton Severiano da Silva, o autor da reportagem, preferiu batizá-la de "O Croquette é nosso". Bem como batizou de "Os hilários Dzi Croquettes" o texto ao final, escrito pelo próprio ex-jornalista Dario Menezes.



Delícia das delícias da redação era quando o Marco Antonio, estrela, vedete, obra-prima de figura com seu cabelo curto, corpo alto e magro, espirotoosíssimo, olhos puxados carregados de deboche, resolvia "cantar" algum. Pegava o Souliê pra Cristo, por exemplo. O Souliê era poeta, iniciando-se numa carreira jornalística promissora, mas infelizmente curta, pois logo — muito bonito — casou, e o poeta se não me engano passou a dedicar-se a finanças uns 4 anos atrás. E o Marco Antonio, quando resolvia brincar de "cantar" algum colega, deixava encabulado até um cara do tipo do Souliê — desinibido como um Arlequim, capaz de subir em cima das mesas e declamar, discursar, de pegar o telefone, ligar para um hotel qualquer da cidade, às duas da manhã, e pedir ao porteiro:

— "Ó, estalajadeiro, acaso tendes aí um catre onde possa meus ossos descansar? Estou das intempéries a desabrigo... Por favor, quanto custa a diária?"

Éramos todos colegas de trabalho. E os alegres rapazes, no começo todos mineiros, tinham começado a chegar em fins da década passada, nos primeiros anos de vida do Jornal da Tarde, d'O Estado de S. Paulo. Em 1969, creio, já estavam todos aí, uns 6 ou 8.

— "Myltainho, como você está maravilhoso, não quer mesmo sair comigo hoje?"

Era como gostava de brincar comigo e Flavio Marcio, que é uma das criaturas mais doces que já conheci, homem ou mulher. O Flavio brincava às vezes comigo daquele jeito, num intervalo de trabalho, botando a mão no meu ombro, a cabeça inclinada, com um sorriso de adolescente, se uma adolescente pudesse ser maliciosa. Usava cabelos longos, loiros. Contavam a seu respeito uma das anedotas da época: que um dia o Julio de Mesquita Filho, cavalheiro, cedeu seu lugar no elevador para o Flavio. Na fila de espera, havia confundido o rapaz com alguma moça.

Começo de jornal (o Jornal da Tarde nasceu em janeiro de 1966), éramos jovens, ou mais jovens. A média de idade não devia passar dos 23 anos, era incrível. Havia repórteres e redatores de 16, 17 anos. Marco Antonio já era dono de invejável cultura literária. Era repórter e redator. Por ser mais velho, mais experiente, os mais novos do grupo chamavam Marco de "tia". Flavio sabia poemas de Shakespeare de cor, conhecia também as suas peças todas, de ter lido no original inglês. Por puro talento, chegou a editor da primeira página. Depois saiu, foi para a publicidade, vivia reclamando de tempos em tempos a falta de tempo para continuar escrevendo suas peças. E acabou sendo o dono do maior sucesso brasileiro do ano passado em São Paulo: "Reveillon", com a Regina Duarte.

Tinha ainda o Taquinho, o Zé Marcio. Eram eles, essa meia dúzia numa redação onde circulavam umas cem pessoas, os que chegavam de colar ou lenço no pescoço, braceletes, camisas elegantes, Marco Antonio às vezes aparecia de peles. Era deles a alegria maior da redação.

— "Battaglia, querido! Como você está lindo!"

E tinha, afinal, o Dario. Dario Menezes. Discreto, jovem, 22 anos. Ainda outro dia, Samuel Wainer me falou, ao sugerir uma reportagem com Dzi Croquettes:

— "Fale com o Dario, já foi jornalista. Bom jornalista, trabalhou comigo na Última Hora em 73..."

No ano em que Dario entrou no jornal, 1969, vindo de Belo Horizonte, fui para a Editora Abril e perdi-o de vista. Tinha guardado uma vaga idéia de que ele era um garoto da seção de Variedades, que fazia parte — com discrição — da turma que toda a cambada chamava descaradamente de "bichas mineiras"; na memória, puxando muito, parece que vejo o jovem Dario vestido com roupas bem normais, e apenas um colar por dentro da camisa.

O endereço indicado para o encontro me leva a uma casa mal-assombrada, na alameda Itu, Jardim Paulista. O portão principal está lacrado com arames e tábuas pregadas. Tudo na escuridão, 11 e meia da noite. O jardim descuidado na frente. A dona da casa, uma senhora judia, morreu fez pouco tempo. Ela morava no térreo e alugava, sempre, os porões e um anexo de 4 cômodos nos fundos — os baixos da casa. E é nos baixos que estão morando os Croquettes, 16 deles.



— "A casa tem um astral incrível."

Não percebi campanha nenhuma pra tocar, no portão lateral (está escrito: baixos), fui entrando. Lembrando imediatamente que três anos atrás estive uma vez nesta mesma casa, visitando um cenógrafo e cineasta chamado José de Anchieta.

— "Aqui sempre morou gente famosa, assim poeta, artista, parece que morou também o Rubens Gerchamn, aquele pintor... ah, até o Marighela, é o que dizem. Não foi aqui perto que pegaram ele? aí na Alameda Casa Branca, não?"

Na primeira janelinha do porão, já encontro do lado de dentro o ex-jornalista, o Croquete Dario Menezes. Nos reconhecemos 7 anos depois, ele rapidamente dá a volta e me recebe na porta que dá para um vestibulo e em seguida a cozinha, centro da casa. Me conduz até seu quarto, um lugar curtidíssimo, que aparentemente divide com mais alguém, cômodo acolhedor, com reposteiros, desníveis no chão, cor pra todo lado, quadros, enfeites, flores. O ambiente foi preparado por eles mesmos, em dois dias de trabalho. Sentamos em sua cama, refestelados em várias almofadas, e mal começamos a falar, já é sobre trabalho.

O triângulo amoroso

Ele mesmo havia marcado a entrevista para 11 e meia da noite, pois têm passado os dias inteirinhos ensaiando para o primeiro grande trabalho depois da gloriosa temporada internacional: Dzi Croquettes e Paris enlouqueceram-se mutuamente. O resultado é que os saltimbancos descobriram, na Europa, que se existe alguma fonte de matéria-prima é mesmo aqui no Brasil. No nosso caso, matéria-prima cultural: música e teatro, principalmente. E os Croquettes saíram daqui dois anos atrás falando "mon amour" e voltaram falando em "nova Semana de Arte Moderna de 22", em "retomada de consciência nacional", em "Oswald de Andrade tinha razão", etc.

— "Acabou aquele marasmo de 73, 74" — constata Dario.

É que começaram a procurar uma sala de espetáculos faz bem uns seis meses. E estão todas ocupadas.

Para montar uma peça como Romance, que retoma o nosso mais brasileiro dos caminhos, o teatro de revista, os Croquettes precisariam de sala como o Teatro Bandeirantes. Mas o Bandeirantes está com o Falso Brilhante até dezembro. Ou então o Aquarius, que fica com a Gaiola das Loucas até setembro, depois Rita Lee até outubro, e ainda Martinho da Vila mais um mês. O Municipal seria incrível, mas Dzi Croquettes não é minueto, não é de Municipal. Se bem que, nas sextas-feiras à meia-noite têm sido promovidas "sessões malditas", quer dizer, sexta-feira à meia noite pode muita coisa, até lobisomem. Na penúltima sexta-feira, inclusive, apresentaram-se no Municipal os 7 rapazes do conjunto Platô, justamente os que serão responsáveis pela trilha sonora da peça montada pelos Croquettes.

— "E o que a Ruth fez com a gente, você soube? Eu te conto."

Na batalha para encontrar um local de trabalho, os Croquettes queriam uma sala que "sustentasse o urdimento, a cortição de coxias, a produção de 400 mil cruzeiros". E foram atrás de Ruth Escobar, dona de três salas no Morro dos Ingleses. Aí que se deu a mancada, fofoca:

— "Pra ter uma idéia, foi ainda em maio. Falamos pra Ruth que a gente tava montando um musical, ela até destransou a sala Gil Vicente, que ia dar ao Raul Cortez. "Não, a sala é dos meninos", ela disse. Lá são 450 a 500 lugares, daria pra sustentar o espetáculo. Nós fazemos um espetáculo barato, só vinte cruzeiros a entrada, preço único. Mas daria pra sustentar. Bom, depois de prometer, a Ruth pediu 40 milhões. Tudo bem, a gente foi vistoriar o teatro. Por fora está lindo, não acha? Aí encontramos 3 refletores que... e os camarins? Estavam sujos de coisas da última temporada dos Dzi Croquettes no Brasil, de 73! De dezembro de 73! Bom, a gente falou: tá legal, damos 20 milhões agora e 20 quando puder começar a ensair. O contrato seria assinado dia 1º de agosto. Aí, já quase julho, a gente deu um vatapá aqui em casa, e a Ruth mandou uma secretária, pra dizer que não dava mais, que ia montar uma peça lá dela. Quando já tava tudo certo, a um mês quase da estréia! Com que seriedade você pode contar?"

No Brasil ninguém decide nada rapidamente, no show-business, foi a lição que os Croquettes tiraram daí. Saíram todos procurando novo lugar para apresentar o Romance — o diálogo entre a viola caipira e o piano eletrônico, entre a cuíca e a guitarra elétrica, contando uma história que vem desde a Idade Média, o triângulo amoroso entre Arlequim, Pierrot e Colombina, visto desta vez por uma gente alegre, maliciosa, debochada, e brasileira. Comédia del'arte com escola de samba.

Palhaços e anjos

Um circo, seria uma boa idéia. Encontraram um, mas o dono pediu 60 milhões de aluguel, para logo em seguida vir com uma história que precisava ser mais, 80 milhões. Até que souberam de um cinema, o cine Alamo, que já foi teatro também. Fica na Liberdade, e a 30 metros do Metrô. Os Croquettes deliraram com a idéia: apresentar-se num cinema, 1.200 lugares, palco maravilhoso, e na Liberdade — já pensou que coisas incríveis daria para fazer em termos de promoção? Aí o dono, quando viu os rapazes tão entusiasmados, deu pra trás também. Começou a adiar o acerto final, adiou várias vezes, mostrando que não queria mais ceder o cinema aos Croquettes. Preconceito contra eles?

— "Nada! O cara nem tinha nível pra sacar essas coisas. Ele teve foi medo do novo. Sabe aquele tipo de cara que não tem peito pra mudar nada, que não arrisca nada? Aí a gente enlouqueceu. Ligamos pro Sabato (Sabato Magaldi, Secretário municipal de Cultura). Falamos: "Sabato, como Secretário de Cultura, você precisa ajudar a gente". Sabato foi maravilhoso, falou com Vanneau (Maurice Vanneau, diretor do Teatro Municipal), e o Vanneau descolou esses dez dias no Teatro Paulo Eiró."

Foi assim que, finalmente, três semanas atrás, puderam os Croquettes começar os ensaios, na Avenida Adolfo Pinheiro, em Santo Amaro, uma sala que "tem um ótimo astral" por dentro, altas poltronas, 700 lugares. Fui assistir a um ensaio completo. Pena

Romance



Não trabalham com empresário: "Vamos cair na mão de quem? De um Marcos Lazaro?"

que um espetáculo tão maravilhoso — serão 82 figurinos criados por Claudio Tovar, em 4 ambientes, 2 carros alegóricos, 140 alegorias de mão, 170 adereços para enfeitar 17 atores — pena que tanto luxo não tenha merecido sala mais central, com mais recursos. Por que Dzi Croquettes vão estourar de novo.

Polichinelo, o apresentador bufão, corcunda, apaixonado por Colombina, é quem conta a história. O tema inicial lembra a música medieval. É Pierrot cantando uma canção de amor para acordar Colombina, sua amada. Mas colombina acordo irritadíssima:

— "Droga! Não se pode nem dormir! Ah, é você, Pierrot?"

Todos os papéis são desempenhados por homens, não esquecer, uma tradição da comédia del arte italiana. Não bastasse o humor próprio da peça, de autoria de Wagner Melo e Claudio Tovar (que também faz o papel de Jardineira, além de ter criado os figurinos), ainda há a considerar a corajosa caricatura que os Croquettes fazem de tudo, inclusive de si próprios. Colombina é um despauterio total, um gozo em cena:

— "Jardineira, você está ótima, que belas edéias, já podemos até dealogar!"

Os personagens são Pierrot, poeta boêmio, desempregado, apaixonado por Colombina, bailarina prendada, profissional. Arlequim, o príncipe herdeiro, filho do Rei, Momo. Zé Pereira, o pai de Colombina, é português; e na mesma casa vive Tia Ciata, mulata, baiana da praça 11. Tia Ciata é a ama de Colombina, quer dizer, no sentido de "brasilidade", de afirmação da nacionalidade, pelo menos no enredo, a personagem mais brasileira ainda assume uma posição meio "subalterna". Em compensação, Pierrot, Colombina, Arlequim e Polichinelo, personagens da comédia del arte, são devidamente abasileirados, caricaturados, nessa retomada de um caminho que é nosso: o Teatro de Revista. Os outros personagens: a Jardineira (homenagem a uma das obras-primas do nosso repertório carnavalesco), amiga de Colombina, bailarina também. O Morcego, francês, professor de dança. Alunos de balé, a corte do Rei Momo, palhaços e anjos moradores do Parque de Diversões.

Carnaval elétrico

Na mesma noite em que Dario me recebeu, apresentou-me Paulinho, ou Paulo Machado, de 33 anos, autor das 24 músicas que compõem a trilha sonora da peça. Ao apresentá-lo, Dario resumiu o tema da conversa:

— "Paulinho, a gente tava falando que no começo, os Croquettes apresentavam um show com música muito speed, música só americana, era a influência do Lanie Dale, e que agora é só música brasileira, maxixe, samba, samba-enredo, fox..."

Paulo Machado é carioca. Estava fazendo Arquitetura, quando desviou para a música; cursou a Escola Nacional de Música, no Rio, formou-se em piano, mas constatou que escola no Brasil é lastimável: já formado, quis escrever uma melodia na partitura e não conseguiu, não tinha aprendido:

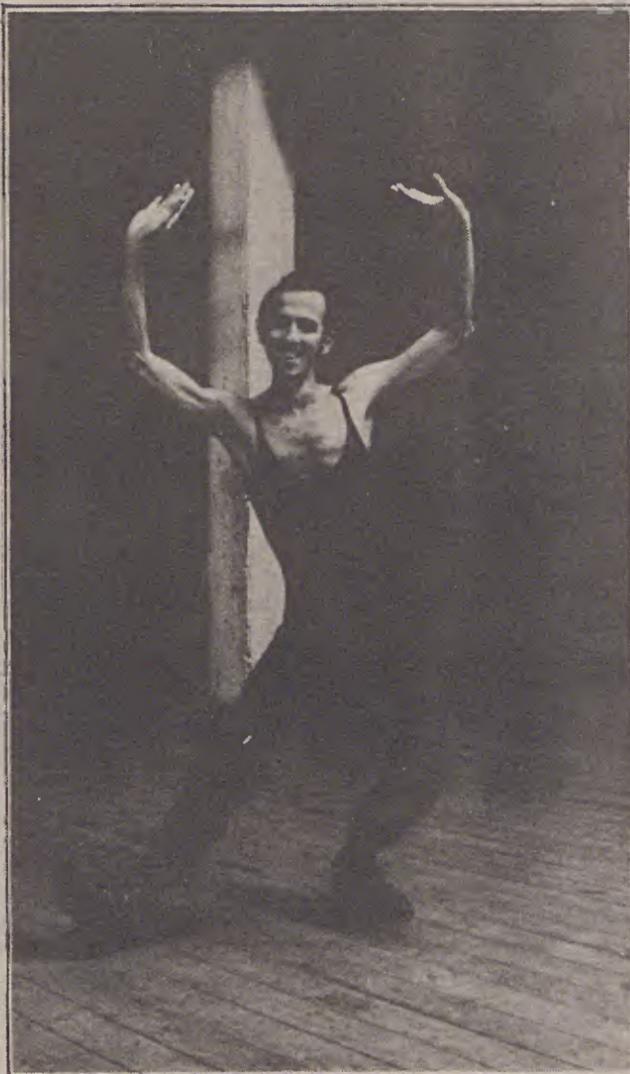
— "Ai eu fechei o livro e fui estudar..."

Veio a fase de ouro do rock'n roll, Paulinho diz que pirou, "todo mundo pirou":

— "Ai eu desbunde!"

Foi bom, porque depois veio "a retomada estética", uma vez que Paulinho — mesmo estudando música erudita — sempre conheceu nossas raízes, seja preocupando-se com Villa-Lobos, seja curtindo Paulinho da Viola, Milton, Jacob do Bandolim. A identidade de proposta estética facilitou seu engajamento no grupo dos Croquettes, quando começou a trabalhar com eles três meses atrás. Nesse meio tempo, conheceu o grupo Platô, 7 rapazes com média de idade, de 22 anos, com formação jazzística, que estudaram com o Zimbo Trio. Outra boa transa:

— "Os meninos tiveram que ir ouvir também o Jacob do Bandolim, o Paulinho, Milton, essas fontes, que não conheciam bem. Atualmente a gente faz uma síntese rítmica do desafio nordestino, por exemplo, a viola só marcando o ritmo e o piano elétrico respondendo. Eu começo a peça com música meio medieval,



para lembrar os elementos da comédia del arte, e acabo com um samba-enredo. Na cena de baile de Carnaval, fiz uma colagem — fica legal, não? — com músicas de Carnaval mesmo, 15 músicas, as maiores"

Foi um desafio, diz ele, combinar a eletricidade, a "formação eletrônica" (guitarras, piano, sintetizador), para produzir música de Carnaval.

Flor e chicote

Dario resolve me mostrar melhor a casa. Na cozinha, um figurante interpela Polichinelo:

— "Oi, boneco, você fez um chá? Que bom!"

Tomamos chá, e a cozinha é um deslumbre, só agora percebo: as paredes foram todas decoradas por Tia Ciata, que na verdade é um rio-grandense do Norte, nascido em Natal, artista e artesão. São verdadeiros afrescos, rostos, santos, iemanjás, anjos, flores, arabescos, muitas cores, marron, vermelho, amarelo, verde, azul. Dario me arrasta até o banheiro:

— "Olha: ele pintou azulejo por azulejo, nenhum igual ao outro, ficou dois dias nisso, numa loucura! Veja até deu a foto, saiu faz umas três semanas."

A entrevista com eles foi feita por José Marcio Penido:

— "É bom ter boas relações na imprensa, não é Dario?" — brinquei com ele.

Atravessamos um jardim nos fundos do quintal, uma calçadinha orlada de coqueiros, arbustos, flores, chegamos ao anexo de 4 cômodos. É uma oficina completa, funcionando a todo vapor em plena uma hora da madrugada. Máscaras recebem os últimos retoques de purpurina, vidrilhos, fitas douradas.

— "Você já pensou todo mundo com essas máscaras embaixo dos holofotes?"

Na sala seguinte, outro Croquette, de óculos, circunscrito, trabalha na máquina de costura. Noutros dois cômodos, cabides enormes sustentam dezenas de fantasias já prontas ou por terminar. É tudo feito por eles. Domina o verde e amarelo:

— "Lamê dourado, cetim verde."

Encontro meu ex-colega de redação Dario com ares de empresário, à beira da maturidade, 29 anos, conscio de seu papel — "A gente precisa andar com uma flor numa mão, um chicote na outra. Primeiro você mostra a flor, se não der, você parte pra porrada."

Fecha o punho, engatilha um murro:
— "É a força do homem..."

O murro se transforma num gesto delicado, a mão se abre e se curva sobre o queixo numa atitude de lady — embora o rosto mantenha a mesma expressão dura, por trás dos óculos e dos grossos bigodes:

— "... e a graça da mulher."

Depois da visita à casa, voltamos à cama. Dario, segundo o diretor-musical de Romance, responde pela técnica de som "e outras atividades do grupo". Como todo relações-públicas, Dario fala com facilidade:

— "É da comédia del arte a tradição de elenco masculino. E realmente o homem pode fazer o homem mesmo, a mulher e a bicha. Dentro do espírito de malícia do grupo, nesse triângulo entre Pierrot, Arlequim e Colombina, a Colombina no fim fica com os dois. É um espetáculo de saltimbancos, que estão um dia aqui, outro acolá. No Brasil, já nos apresentamos em São Paulo, Rio, Porto Alegre, Salvador, Santos, Jaú, Petrópolis e outras cidades de interior. É isso que a gente tá querendo, fazer excursões rapidinhas, chegar segunda-feira num lugar, transar, conhecer, e na quinta se apresentar. Meu guarda-roupa é uma mala."

Diretor foi campeão

Não trabalham com empresários, todos pichados por Dario. Preferem aguardar que, dentro do próprio grupo, se forme alguém que seja ao mesmo tempo Croquette como eles e que entenda destas transações empresariais.

— "O grupo era uma firma, quando nasceu, 3 anos atrás. Era o Grupo 13 Produções Artísticas, porque eram 13 os participantes."

Num intervalo do ensaio, no Teatro Paulo Eiró, Dario me contaria, no outro dia, como foi o começo:

— "Em agosto de 73, o Claudio Gaia, o Wagner Ribeiro, o Reginaldo di Poly e o Bayard Tonelli já eram gente que fazia teatro. E sofriam aquele problema de montar coisas que não estavam a fim de montar, então resolveram montar um grupo próprio."

— "Já havia a intenção de reunir pessoas também por sua condição, digamos, de andróginos?"

— "Não, não, não havia essa intenção. O Wagner já tinha peças escritas. Foi então que nasceu o Dzi Croquettes. O Dzi, de The em inglês. Mas era também por causa de uma amiga que exclamava Zé! então essa palavra Dzi vem também desse Zé!, representa o lado mágico. E Croquette é o lado alegre, relax de ver e viver as coisas. Na época a idéia era montar um show num cabaré da Lapa, no Rio. Transou-se, o show faria parte de um trabalho publicitário pra salvar a Lapa, recuperar a Lapa. Mas no meio dos ensaios do show, que ia chamar Animus Anima, um garoto era muito amigo do Lanie Dale, vivia falando do trabalho do grupo, e o Lanie foi lá ver como era. Pirou, com a proposta. E fez uma coreografia, para o show que passou a chamar Gente Computada como Você. Eles usavam luva de box numa mão, na outra, luvas três-quartos. Uma proposta de assunção dos dois lados, que vai fazer com que mais tarde fosse chamado de show de travestis. Em fins de 73, o Lanie chegou pro Miéle e Bôscoli, eles tinham uma boate de shows nas mãos, e convidou: 'Eu tenho um pessoal muito doído montando um show, quero que vocês vejam'. Então os dois foram ver, desbundaram, e contrataram."

Foi este o show que eles acabaram levando à Europa, depois de muito sucesso também em São Paulo, em sua última temporada de Brasil, de 1º de dezembro de 1973 a princípios de março de 1974. Fumando um Hollywood atrás do outro, recostado em duas almofadas, praticamente deitado na cama, exausto, o ex-estudante do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais encerra o primeiro encontro, quase duas e meia da madrugada:

“O pessoal ainda está importando a Broadway. Nós somos muito teatro de revista”



— “Agora nós mudamos o nome da empresa para Strela Produções Artísticas, é, Strela sem E no começo, porque tem a Estrela, a fábrica de brinquedos. A partir disso é que o grupo está criando uma infraestrutura para virar realmente empresa. A gente viu que é só se organizar, é só somar: cada um tem um talento. Então a gente resolveu crescer.”

Ele me acompanhou até o portão, ainda comentamos sobre a casa. Eles, os 16 dos 27 Croquettes que moram aqui, estão loucos para ocupar a parte principal da casa, o térreo. É mesmo uma casa deliciosa, com varandas em toda a frente, árvores, o muro é baixo mas sobre ele ergue-se uma sebe de arbustos duns 4 metros de altura, de modo que a fachada fica elegantemente escondida. Parece que a filha da mulher está meio chateada de ir alugando logo a casa, após a morte da mãe. No portão, Dario se despediu:

— “Se você for ao teatro amanhã, aí tipo seis e meia da tarde, você pega um ensaio corrido completo, falou? Tá, um abraço.”

A peça tem alguns lances de humor desse tipo:

COLOMBINA (que fala de dentro de seu quarto) — Ah, Pierrot, só você. Me fazer sair assim, com essa cara de sono... tão desganhada. (**COLOMBINA SAI MARAVILHOSA**)

Dá uns toques. Na cena do Parque de Diversões, todos em coro cantam: “E o povo se esqueceu/ como é se divertir/ esqueceu como é sorrir/ esqueceu como é brincar./ Mas aqui no paraíso/ das diversões há escolas/ onde se ensina a sorrir.”

A direção é de Fernando Pinto, pernambucano de Recife, 29 anos, rapaz alto e moreno de cabelos encaracolados. Seu currículo (Dario está providenciando uma ficha de cada Croquette, para distribuir à imprensa quando a estréia estiver próxima) começa em 63, em Olinda, onde Fernando fundou o Ateliê de Artes da Ribeira. Há um 1º Prêmio no IV Festival do Teatro Infantil, no Rio; pela autoria da peça Robin Hood. Nos últimos seis anos, de 71 a 76, Fernando Pinto foi diretor artístico da Escola de Samba Império Serrano, responsável pelo enredo, coreografia (ele estudou balé clássico, inclusive), figurinos e cenários. E nesses seis anos, Império Serrano esteve sempre nos primeiros três lugares, sendo a campeã de 1972.

Brasileiro? Ahhhh!

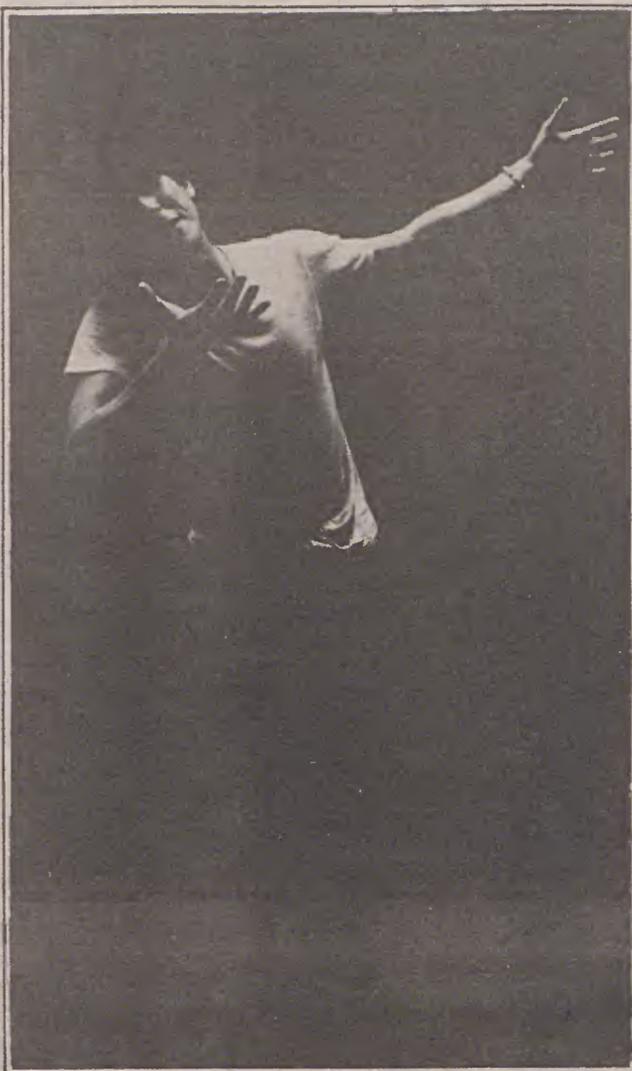
Dario me prestava estas informações debaixo do melhor sol da semana passada, meio-dia de sexta-feira, os dois sentados agora num tapete que ele estendeu nos degraus da varanda menor da casa, no térreo abandonado. Acontece que, do primeiro encontro, tinham ficado alguns pontos em aberto: a “androgínia” do grupo; a comunidade em que vivem, como é organizada, quem paga as contas; e principalmente a “retomada da cultura nacional”. Quanto ao primeiro item, Dario concordou em escrever ele mesmo um depoimento sobre sua passagem de jornalista a Croquette. Como era pouco o tempo disponível, pedi-lhe que falasse primeiro do que nós julgávamos mais importante: o Brasil.

A resposta foi quase um discurso, que à custa consegui anotar; pois ele só parava quando eu ou ele tossíamos e íamos cuspir no canteiro de azaléias:

— “Quanto a isso vou te contar uma história. Quando a gente saiu pra Paris, a gente brincava: ‘Não, o show é brasileiro. Somos brasileiros do Posto 6!’ Quer dizer, Posto 6, Copacabana, todo o swing, aquele speed americano. Daí, quando a gente estourou em Paris, a gente viu a Europa se voltando culturalmente para outras fontes, que lá estão gastas. Eles tão lá no alto, mas estão velhos, tristes — embora se diga que há uma crise mundial — mas a gente ficou meio chocado. Sobretudo eles virem procurar nas nossas raízes sul-afro-americanas, alguma coisa mais que pudesse almentar essa sede de cultura que eles têm. E cujas raízes não estavam encontrando.

— “Então, aquela coisa de brasileiro não dizer na Europa que é brasileiro, para não passar por bárbaro — mudou! Cê falava que era brasileiro, eles ahhhhh! Eles não corrigiam o nosso francês, ao contrário, queriam ouvir. Queriam ouvir o português.

— “Isso se reflete numa loja de discos importados, o Lido Musique. O Brasil figurava como “música sul-



americana”. Um ano depois, quando a gente saiu de lá, o Brasil tinha onze prateleiras. Na segunda temporada da gente, no Olympia, tava o Jorge Ben e o Jair Rodrigues. Então o L’Express — que é uma revista da maior seriedade — fez um artigo sobre o que significava para a França o fato de brasileiros estarem fazendo seus teatros superlotar.

— “O nosso espetáculo já era um negócio que não tinha muito Brasil. A gente se conscientizou então da gama, da riqueza da nossa cultura. A gente descobriu que a forma de Teatro de Revista é tudo o que as pessoas querem de diversão. A cada temporada em Paris, a gente mais e mais tinha que botar coisa brasileira no espetáculo.

Quem paga o empório?

— “Bem, então voltamos, passamos um mês numa fazenda de cacau no sul da Bahia, dum cara que a gente conheceu na Europa, e dia 1º de dezembro de 1975 nós estávamos em Salvador.

— “Pois é, caímos na Bahia. Festa do Largo. Foi a porrada na cabeça. Foi toda a força de uma porrada. Aquilo tudo — Festa de Nossa Conceição da Praia, que é Oxum. Festa do Largo é uma festa dentro da Igreja, e outra fora, que era onde os negros se divertiam, no largo da igreja. Do lado de fora, barracas, onde se vende vatapá, comidas, e onde os negros faziam muito som. E eles passam uma semana nisso. E a gente, voltando depois de um ano e meio de Europa, ficou enlucado.

— “A gente não faz reunião para resolver essas coisas. Foi naturalmente que nós sentimos isso, as vibrações do grupo são iguais. Não foi — veja bem — um problema de ser mais fácil de vender; era a necessidade de — como artista — ir buscar uma fonte forte. E se você pega a música inglesa e compara, você encontra similares de alguns ritmos brasileiros.

— “No outro espetáculo, tinha uma parte muito forte, que era uma música do James Brown. E outra que dizia: ‘E eis que surge um novo Renascimento, e com ele um novo ser, trazendo toda a força do macho e a

graça da fêmea. É fácil com ele conviver’, que era um texto do Wagner Ribeiro, mas o fundo também era música americana. Nesse atual, Romance, os dois climas, um deles é um baile de Carnaval, e temos outro que é todo cantado como Escola de Samba, as evoluções, as alas.

— “O pessoal de teatro ainda está importando a Broadway. Nós somos muito teatro de revista. Nós temos que ver como eles fazem lá, para nos ilustrarmos, e quando você se ilustra sem preconceitos tem condições de ver que as nossas fontes são muito mais ricas. E ainda agora tem gente correndo à Broadway pra ver se compra os direitos de uma peça de sucesso lá. Então qual é? E ainda há os que nem nos chamam de grupo teatral. Tudo bem, vamos lá. Lamê dourado e cetim verde. Vamos montar um espetáculo em que a gente se identifique — nós somos todos brasileiros.”

Na madrugada anterior, eu tinha visto quando um dos rapazes chegou para outro, com uma nota de cem, e pediu:

— “Elói, isso é pra pagar o empório...”

O Elói eu também já conhecia, vi-o em 1972 na peça Transanossa, ele fazia um travesti que, quando entrava em cena, fazia a platéia uivar. Dario diz que a casa é um exemplo de comunidade, para quem quiser tentar. Ali há economistas, arquitetos, músicos, o jornalista que é ele próprio Dario, escritores, atores formados pela Escola de Arte Dramática.

Bateram em quatro

— “Então, essa gente se junta toda numa proposta de trabalho e de viver juntos, porque é muito melhor que viver sózinho. Um puxa o outro, saca uma careta, ajuda.”

No começo é difícil. Ainda mais que, logo no primeiro trabalho pintou muito sucesso, muito dinheiro.

— “Então pintou aquela avidez de gastar.”

Nesses três anos, o grupo passou por uma “tragem”, quem se identificou, ficou. Quem não se identificou com o grupo, saiu. Saíram quatro, recentemente, quando estavam em Salvador. O dinheiro atualmente é movimentado assim:

— “Parte da bilheteria, vai um xis para cada um. E o grupo retém uma porcentagem, uns 20 por cento, do lucro líquido, para garantir a sobrevivência durante o não-trabalho, ou melhor, para que haja uma segurança mínima de continuidade de trabalho.”

Agora, por exemplo, para montar Romance, vão gastar uns 200 mil cruzeiros. Fora um empréstimo de 30 mil só para a manutenção do grupo, aluguel de casa, comida.

— “Estamos deixando de ser grupo para ser empresa, claro. Então existem dois encarregados da casa — eles mesmos que levantaram o empréstimo, eles que fazem os pagamentos. Tem outro que toda segunda-feira pega a roupa mais pesada e leva pra lavanderia, pra aliviar a empregada. Outro cuida do lixo todo dia. Tem um que orienta a alimentação. Você imagine a importância de cada função, se chega todo mundo à noite com fome e não foi providenciada a comida, prejudica todo o fluxo de trabalho. Eu funciono como técnico de som, relações-públicas, que eu curto, mas não quero parar aí.”

Já sabia, desde a véspera, que Dario agora está estudando dança, quer pisar o palco também. Mesmo assim foi surpreendente vê-lo fazer algumas coreografias, ali mesmo na varanda, sob o sol, quando foi me dar alguns exemplos vivos para explicar a comédia del arte. Imitou a timidez de Pierrot, pés para dentro, braços encolhidos; Arlequim, todo exuberante, braços abertos, pernas também; e a graça de Colombina.

A peça estréia dia 20 de agosto. Temporadinha de 10 dias, só. Todo o Paulo Eiró será enfeitado, a partir da entrada, curtido, porque para estes “hedonistas” — como definiu uma jornalista amiga — a casa “tem que ser preparada”. Então, muitas cores, enfeites, de modo que quando você senta na poltrona já está se sentindo dentro do clima:

— “A gente faz comédia da arte, arte de comédia. É o lado alegre. Arte é vanguarda, o artista é importante. Ele tem que ter consciência de que é precursor de uma coisa.”

Romance



“O Apocalipse começou há 15 anos. E preciso alguém preocupar-se com o Renascimento”

Uma queixa: o grupo ainda não é considerado, quando se fala dos nossos grupos — Oficina, TBC, Arena. Por isso, o chicote às vezes, em vez de flor — é porque às vezes precisam brigar. Verbas, por exemplo, não recebem. E ainda outro dia, tiveram que usar os punhos de verdade:

— “A gente vinha vindo de ônibus, depois do ensaio, uns dez dentro do ônibus. Vinha cantando uma música do espetáculo, aí entram quatro paraibas. Quatro caras, começaram a gozar: ‘bicha, ei, veado’. Tivemos que bater nos caras. Pusemos pra fora do ônibus, eu mesmo segurei assim no balaústre e meti os pés no peito dum. Nessa hora que você vai fazer, os caras queriam apelar!”

Quando me levanto, ele anuncia uma novidade: já estão em plena “continuidade” de trabalho. Assim que estrearam Romance, já iniciamos os ensaios para a próxima, uma ópera, **Madame Satã**.

— “Aquele da Lapa, no Rio, que morreu há pouco?”
— “Isso. Foi escrita depois de uma pesquisa de quatro anos, pelo Fernando Pinto. As músicas serão do próprio Paulinho Machado.”

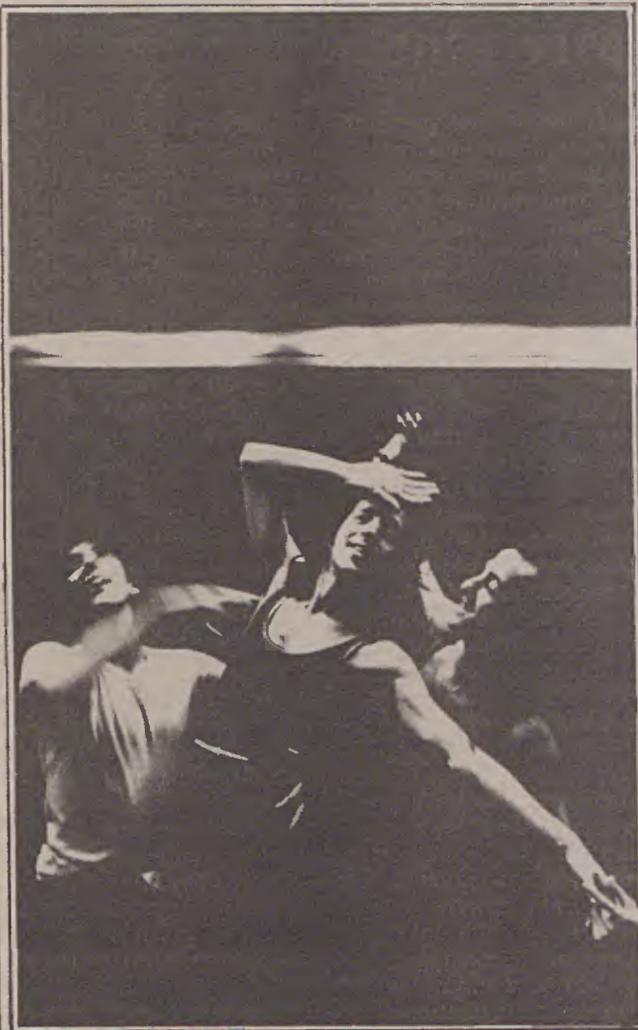
Remedio para sinusite

Segurando a barra até eles perceberem que o grupo tem importância, o Croquette precisa lutar muito para provar que também é nosso.

— “Tem uma letra, da parte dos saltimbancos, que define toda a transação da gente. Cê pega lá no script e copia, se der. É o que define.”

Não sendo dado a grandes vícios, ao que parece, o único problema nessa área é a Souza Cruz. Quando nos despedimos, às duas da tarde ensolarada, tínhamos passado, os dois, quase duas horas fumando e tossindo, os dois com os pulmões sofrendo:

— “É, São Paulo todo mundo anda doente.”
Quase no portão, se lembrou duma receita de “nos-sos” avós, para sinusite. Você pega uma baciinha dá-



gua, põe sal, e faz uma salmoura. Aí, tem que respirar aquilo — não é vaporização, nem inalação, nada disso:

— “Você tem que respirar a água, você fica dois dias... Arde um pouco na hora, mas você sente que a salmoura passou por aqui (indica aqueles seios nasais acima dos olhos). Depois, limpa tudo, sai tudo.”

O dia, embora limpo, estava sujo. Era perceptível a fumaça acinzentada no ar, bem aquém do horizonte, encobrindo os prédios a partir de 1 quilômetro de distância. Num instante vêm à baila profetas, Nostradamus e Ezequiéis. Segundo Nostradamus, há alguns sinais para anunciar o Apocalipse: criança concebida fora do corpo da mãe, eis um deles, e aí já estão os bebês de proveta; segundo as contas dos antigos egípcios então, o Apocalipse já começou há 15 anos.

— “Um perigo. Se você tem um fermento, se entra um corpo estranho ali, o sangue vem, envolve aquilo, expulsa aquilo do teu corpo. O Universo não é diferente, pode expulsar a Terra se ela ficar muito doente. É um organismo muito grande, o Universo, o que significa a Terra pra ele? Se a Terra tiver enchendo o saco, ele elimina...”

Mas, se estamos apenas começando a entrar no Apocalipse, já é preciso alguém preocupar-se com o Renascimento.

— “Precisava parar de fumar, cigarro não tá com nada.”

Sai pela Alameda Itu, até a Augusta das meninas, a Carnaby Street desse subúrbio do mundo, lendo a letra do tema dos saltimbancos, que ele tinha dito que define “a transação da gente”:

Saltimbancos somos nós,
Saltimbancos são vocês,
Pulando de coração em coração.
Pulando de cidade em cidade.
Fazendo da arte, comédia.
Fazendo comédia da arte.
Fazendo do palco, vida.
Fazenda da vida, arte.

OS HILÁRIOS DZI CROQUETTES

A primeira vez que fui platéia dos Croquettes, coincidiu com a primeira vez que eles pisavam num palco de teatro. Era junho de 73; e o teatro, era o 13 de Maio. Entre essa primeira vez e uma última, (aconteceram outras 38) e passou-se pouco de um ano. Essa última, foi no espetáculo-despedida que fizeram para um Maria Della Costa se estourando de tanta. Era julho de 74 e um mês depois eles estavam embarcando para a Europa. Com eles, ia eu também.

Entre a noite da estréia e o primeiro contato direto que tive com o grupo passaram-se menos de vinte e quatro horas. No dia seguinte, chegando ao jornal — na época eu editava variedades na U.H. — expliquei pro Samuca Wainer que era preciso fazer uma grande matéria com o grupo. Sai da sala dele direto para o teatro. E nasceu uma boa reportagem. Uma reportagem de três páginas de observação, de comportamento, escrita depois de três dias de convivência.

De cara, esclareço que não havia nenhuma pai-

xão nessa história. Se tivesse, eu diria. Eu ia movido por uma curiosidade muito grande. Uma vontade muito forte de compreender um universo que me parecia, no mínimo, fantástico.

O QUE EU VI

Dizendo e mostrando somar e força do macho à graça da fêmea, eles eram 13 no palco. Treze homens, nenhuma mulher. E apresentando um trabalho inteiramente novo. Novo em tudo, principalmente na forma e força de comunicação. Eu nunca tinha visto nada mais forte. Nem Chacrinha, nos bons tempos. Sentia que a proposta de fazer da arte, comédia; e da comédia, arte, era um grande “barato”. Optando pelo lado positivo e “up” das coisas, fazendo do lixo, não denunciavam nem acusavam nada. Nem ninguém. Alegres e descontraídos eram aquilo que se poderia assim chamar de “brasileiros, sim, mas criados no Posto 6 — Copacabana”. Ao contrário de quase todos os espetáculos em cartaz naquela época, eles não

mostravam tensões do nosso ou de outros tempos. Nem discutiam angústias ou misérias.

Mostrava-se virgens ou liberados de preconceitos e encucações. E demonstravam que viver assim era melhor, pelo menos, mais relax. Optando pelo humor, pela linha de espetáculo nascida no Teatro de Revista, eles debochavam de tudo e de todos, começando por si mesmos. Improvisando sempre, no palco como na vida, divertiam-se como loucos. E divertindo-se, divertiam os outros.

Pra mim, aquilo tudo parecia mais um laboratório de reclamações humanas do que propriamente um espetáculo. Não, era um espetáculo! Os Croquettes é que já não separavam mais teatro da vida. Misturaram o binômio. E o resultado eram seres humanos alegres. Sorrindo mais, sempre, apesar de tudo.

DE COMO EU CAÍ NA DANÇA

Depois do sucesso em São Paulo eles voltaram ao Rio. Mas foi aqui que fizeram a temporada de

um mês de despedida antes de embarcar para a Europa. Nessa temporada, uns cinco ficaram hospedados em meu apartamento. Um apartamento que semanas depois viraria uma grande feira, onde tudo estava à venda. Das panelas aos discos. Da geladeira aos tapetes e cortinas. Tudo estava à venda porque eu estava de partida. Eu ia junto.

A viagem, onze dias num navio com novecentos passageiros e mil e duzentos tripulantes, foi uma verdadeira travessia do Atlântico. E que travessia. Quanta travessura! A chegada a Lisboa foi aquela coisa de não parecer ter saído de casa. Foi às vésperas de Spínola cair. E a gente encontrou uma cidade hilária (abreviatura de hilariante). Usava-se a liberdade como se usa o oxigênio. Se bobearse fila de ônibus virava passeata. E a reação do público ao espetáculo... Tinha gente que pagava uma fortuna para ver e tapava o rosto de vergonha. Alguns nem levantavam a cabeça.

Um mês em Portugal foi tempo para os conta-

tos em Paris. E ainda naquele ano, no dia 13 de dezembro de 74, o espetáculo estreava para uma platéia que tinha de Madame Sukarno a Evilha Monteiro de Carvalho. De Veruska a Luana, por exemplo, passando por Kenzo, Brially, Lelouch e Laís Gouthier que passou a tarde inteira telefonando pedindo convite. Uma platéia tão mundana se justifica pelo fato de o produtor ter sido Jimmy Douglas, herdeiro da família Douglas, que fabricava aviões do mesmo nome e agora fabrica os motores boeing.

Mas a França, nessa época, princípio de 75, o país do sol e do sonho era o Brasil. Música brasileira era um quarto da programação das rádios. E o espetáculo estourou. Acontecendo como tudo que vira sucesso em Paris. Festas, companhia de gente que é notícia pelo mundo afora, futilidades, e mais festas, e boites, e mais festas. Até que encheu e veio uma vontade forte de trocar todo aquele refinamento afetado pela sofisticação espontânea, com sol e coqueiros no horizonte.

Já fazia um ano e meio que a gente estava fora. A família Croquette — o grupo se curtiava como se fosse uma família — estava precisando voltar a trabalhar, porque distanciada da proposta inicial, estava um pouco cansada, um pouco perdida. Precisando de “calma de casa” para se organizar. E “pintou” a volta. Em dezembro do ano passado.

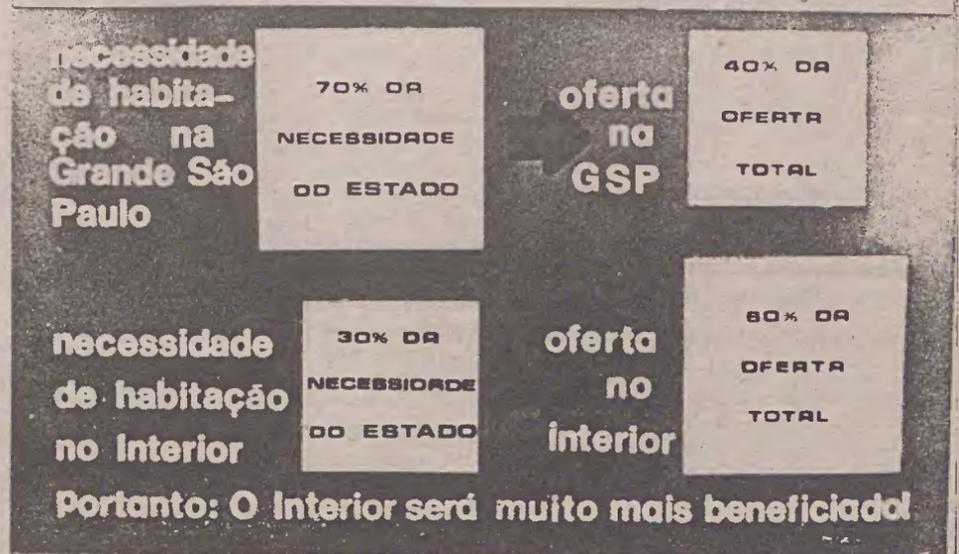
De lá para cá, muita coisa aconteceu. Muita coisa se passou. Como em toda família a coisa preveleceu. O laboratório de relações humanas continua maior. Só que agora os efeitos são mais apurados. Os jovens zangados amadureceram. E estão voltando num trabalho que continua o “barato” do primeiro, mas numa paralela. Uma volta acima na espiral. Como é utópico convidar pessoas para virem a casa da gente, a gente convida para aparecerem no Teatro. Para conferir se eu não tenho razão, eu estou lá, cuidando do som. Meu nome é Dario, mas podem me chamar de Duson.

A nova versão do Programa Estadual de Habitação Popular

PONTOS DE INTERVENÇÃO



COMPARAÇÃO ENTRE A OFERTA E A PROCURA



O governo Paulo Egydio busca fórmulas para baratear habitações populares.

A CECAP colabora com a política estadual de descentralização econômica

Em 14 de outubro de 1975, na segunda reunião do Conselho do Governo do Estado de São Paulo, o governador Paulo Egydio Martins aprovou as diretrizes do Plano Habitacional e determinou a revisão do Programa Estadual de Habitação Popular, de forma a minimizar os subsídios diretos, substituindo-os por incentivos indiretos, além de adotar novas modalidades, em especial o sistema de "locação com opção de compra com poupança paralela".

A nova programação foi entregue pelo Secretário do Interior, Rafael Baldacci, ao governador Paulo Egydio em abril deste ano. Na nova versão, a necessidade de subsídios diretos foi minimizada substituindo-a — segundo determinação do governador — por incentivos indiretos, principalmente no valor da transferência do terreno e na execução de obras de infra-estrutura sem incidência no custo da habitação.

O programa traça um retrato fiel do problema habitacional na Região Metropolitana da Grande São Paulo e nas principais cidades do Estado (com população urbana superior a 25 mil habitantes em 1970). O programa constatou uma demanda latente de 487.800 habitações em 75. Mostra ainda que mais de 70% das famílias, no conjunto dessas cidades, tinham renda inferior a 5 salários mínimos.

Em consequência, grande parte dessas famílias vem resolvendo de forma precária a sua necessidade básica de moradia, determinando o déficit habitacional. A tendência, sem a intervenção do governo, seria de agravamento dessa situação, dada a continuidade do processo migratório, a redução da capacidade real de renda e a elevação dos custos de habitar. Existe, portanto, um conflito entre a capacidade de pagar e o custo de habitar, que faz com que o mercado privado atenda precariamente às necessidades habitacionais, transformando a demanda demográfica (aumento populacional) em demanda latente (famílias que vivem em condições precárias de habitação). Dessa forma, o governo estima que a demanda

habitacional, nos próximos cinco anos, chegue a 1,5 milhão de moradias, aproximadamente.

Segundo este programa, que está sendo executado pela Companhia Estadual de Casas Populares-CECAP, a estratégia governamental no setor deve estar compatibilizada com a Política de Desenvolvimento Urbano e Regional do Estado, que tem por objetivo conter o crescimento da Região Metropolitana de São Paulo e atenuar os desequilíbrios regionais existentes no território paulista.

O programa deve igualmente estar compatibilizado com as Diretrizes de Urbanização da Região Metropolitana, que destacam como fatos de maior importância a ênfase cada vez mais acentuada que vem sendo atribuída à urbanização da faixa leste-oeste da metrópole e a definição da política de contenção da metrópole, especialmente para o sul, visando à proteção dos mananciais.

Segundo o programa que a CECAP está executando, a política habitacional deverá estar voltada à retenção, nas cidades próximas ao mercado de trabalho, da população migrante das áreas rurais que pode permanecer vinculada às atividades agrícolas; ao acompanhamento da evolução dos empregos nos polos industriais da área de dinamização, facilitando as condições de desenvolvimento dos mesmos e promovendo dessa forma a desconcentração industrial e a retenção da população migrante nesses polos, onde as soluções habitacionais são mais viáveis do que na Região Metropolitana. A política habitacional deve ainda ir de encontro à integração dos programas habitacionais aos projetos ou operações urbanas mais amplas na Região Metropolitana da Grande São Paulo e na sua área contígua, considerada pelo governo como de controle, concentrando a oferta de habitações em áreas seletivas.

MODALIDADES BÁSICAS

As modalidades básicas de atendimento

do Programa Estadual de Habitação Popular executado pela CECAP são o lote urbanizado com auto-construção e as habitações prontas em conjuntos. O primeiro, na nova versão do programa, foi substancialmente ampliado, de forma a permitir o atendimento às faixas da população de menor renda. Nos próximos cinco anos, serão entregues 200 mil lotes urbanizados. As habitações prontas permaneceram em 300 mil.

O equacionamento econômico-financeiro necessário para viabilizar o programa envolve os seguintes aspectos, segundo a CECAP: aumento do nível de renda, em relação ao qual o governo estadual tem pouca ingerência direta; aumento da capacidade aquisitiva da população, em especial quanto às condições de financiamento, mediante a não inclusão de taxas na primeira prestação, a adoção de taxa de juros mais baixas, da poupança paralela e de prazo maior de amortização; amenizar o diferencial entre renda e custo de habitar ainda persistente após as medidas anteriores; financiamento da aquisição prévia de terrenos, que já foi regulamentado pelo BNH, em condições mais adequadas.

O equacionamento mercadológico envolve a conjugação dos demais aspectos com o de comercialização, de forma que se possa alcançar a ocupação efetiva e satisfatória das habitações a serem produzidas. Envolve ainda um esforço para a atração dos empreendedores privados, dos construtores e dos produtores de insumos.

O equacionamento técnico engloba a viabilização da redução dos custos de construção, a qual se mostrou inadequada de momento — embora factível tecnicamente — pois sacrifica itens importantes para a durabilidade da edificação e para a sua comercialização. A redução dos custos depende da adoção de processos que somente serão viáveis a partir de uma escala maior e continuidade do programa. O equacionamento técnico depende ainda da capacitação executiva dos construtores para a realização do programa proposto pela CECAP aos preços necessários à viabilidade econômica; da

capacitação de produção de insumos, sem a qual a carência de materiais redundará em elevação de preços, que absorverá qualquer esforço de redução de custos; da capacitação das prefeituras municipais e concessionárias de serviços públicos para os investimentos de urbanização e de serviços públicos básicos e da adequação dos projetos de habitação popular, de forma a que atendam não só aos requisitos técnicos mínimos de segurança e durabilidade, mas também aos requisitos econômicos e mercadológicos.

O equacionamento administrativo mais importante refere-se à capacitação da CECAP, principal agente executor do programa, que supera em muito tudo o que já se fez em termos de produção habitacional organizada para famílias de baixa renda.

UM MÍNIMO DE TRÊS SALÁRIOS

Segundo a nova versão do Programa Estadual de Habitação Popular e consideradas as condições vigentes de financiamento para habitações populares, o custo de construção, o valor dos terrenos e um padrão mínimo de habitação, ele só se tornará viável para as famílias com renda superior a três salários mínimos no interior e praticamente inviável na Grande São Paulo para as famílias com renda inferior a 5 salários mínimos, excetuando-se as áreas mais periféricas, ou seja, as consideradas de urbanização a restringir e a manter o caráter rural.

O Programa Estadual de Habitação Popular, portanto, somente será viável, sem subsídios diretos, mediante ajustes nas condições de financiamento e de desenvolvimento dos empreendimentos e equacionamentos técnico e mercadológico que facultem a redução dos custos.

Mesmo assim, ainda permanecerão faixas cujo atendimento é inviável, mantidas as limitações da capacidade de endividamento da renda familiar ou se não facultada a doação da renda domiciliar.

TEATRO

"Os rapazes se atropelam com os palavrões como se recitassem uma cartilha mal decorada"

Porcaria por porcaria, melhor ficar com a nossa

"Os Homens..." peça do canadense John Herbert, é mais uma importação que paga todas as taxas altíssimas só pra ver se a gente pode checar as bugigangas deles com as nossas bugigangas. E, francamente, acho até que a gente ganha disparado. Nunca ví entusiasmo em reproduzir o mais fielmente possível a androginia, exatamente como a gente a vê em esquinas de São Paulo, que é exatamente a cópia da que se vê nas esquinas de Toronto ou Nova Iorque, ou em outros cantos "desenvolvidos".

O autor joga no palco uma experiência vivida na sua extrema juventude. Mas de lá até o dia em que escreveu a peça, parece que nada foi curtido e que ele ainda vive do traumatismo do passado. Tudo parece simplesmente a reprodução fiel de uma vivência, sem nenhuma criatividade. E tudo o que se passa redundando numa caricatura feita pelos que recriam o espetáculo. Cinco jovens vivem num reformatório em Toronto as experiências que esse tipo de instituição propicia. Todos nós sabemos que esses reformatórios, pelo simples fato de se denominarem assim, causam mais danos que benefícios. Até aí a gente pode ir através da peça. Mas não se vai muito além. Tudo é tão raso, tão vazio, que entedia. O tema se presta pra muita coisa dramática, mas não é o que acontece. A gente vê cinco homens fazendo uma força danada pra ser, cada um, o próprio padrão superficial de alguma coisa que deveria ser profunda.

Não dá pra ver a partir de um certo ponto, quanto se deve à peça e quanto se deve ao diretor e aos atores, o vazio do espetáculo, francamente. A gente pode distribuir o prêmio meio a meio. Os rapazes se atropelam com os palavrões, como se recitassem uma cartilha mal decorada. E traçam interminavelmente entre as quatro caminhas que jazem no palco, fazendo trejeitos e esgares.

Acrédito que Odavlas Petti não tinha muito mais que fazer do que o que foi feito. A cenografia de Flávio Phebo é o que de melhor tem o espetáculo, principalmente os planos sugeridos por trás das grades, numa penumbra cheia de sugestões. David Cardoso, como Rochy, é um galã gênero cinema americano, comparsa de Esther Williams 20 anos atrás, e Odavlas Petti, como Queenie, faz a gente rir um riso tristonho. Nancy Junior, como Smitty, é o menino inteligente, e seus olhares mostram o esforço que faz pra provar isso. José Paiva, como Mona é que aflora uma vaga possibilidade ser o personagem, talvez porque John Herbert trabalhou um pouquinho mais a Mona. Luis Carlos Braga, como o guarda, não é nem deixa de ser.

Quando se vê um teatro como o nosso, com poucas salas de espetáculo, um montão de peças esperando verba pra serem montadas, e mais tudo o que se espera poder fazer, a gente se chateia de ver energia, dinheiro e tempo desperdiçados num espetáculo desses.



Hella Schwartzkopf

Caixa Econômica Federal

AVISO

Tomada de Preços nº 19/76

A CAIXA ECONOMICA FEDERAL - Filial de São Paulo, dá ciência aos interessados que se acha aberta a Tomada de Preços para contratação das obras de construção do prédio, para novas instalações da Agência de São Bernardo do Campo, a Rua Marechal Deodoro, nºs. 741/743, em São Bernardo do Campo, neste estado, sob regime de empreitada global, nas condições abaixo:

1-HABILITAÇÃO PRELIMINAR - As firmas interessadas, deverão habilitar-se junto a Comissão Permanente de Compras e Contratações - CPC, desta Filial, até o dia 26 de agosto de 1976.

firma - Para habilitação, é necessário que o comprove:

- 2.1 - sua personalidade jurídica;
- 2.2. - sua capacidade técnica, mediante declaração que ateste o cumprimento de obrigações da mesma natureza;
- 2.3 - sua capacidade financeira, mediante elementos do edital, inclusive que possui capital social de Cr\$ 2.720.000,00;
- 2.4 - ter feito caução de Cr\$ 68.000,00 em espécie ou ORTNs
- 3 - PROPOSTAS - As propostas das firmas habilitadas pela CPC desta filial, serão recebidas até as 10,00 horas do dia 20 de setembro de 1976.
- 4 - EDITAL E MAIORES DETALHES - Poderão ser obtidos na CPC, a Rua Floriano Peixoto, nº 50 - 1º andar, Capital.

São Paulo, 29 de julho de 1976.
Comissão Permanente de Compras e Contratações.

As estâncias e a Lei Mantelli

As sete cidades do chamado "Circuito das Águas" - Serra Negra, Lindóia, Águas de Lindóia, Socorro, Amparo, Monte Alegre do Sul e Atibaia - estão preparando um movimento de opinião pública, para conseguir que o governador Paulo Egydio Martins veto, totalmente, o projeto de autoria do deputado Januário Mantelli Neto, transformado em lei pela Assembléia Legislativa, revogando os dispositivos legais que transformaram em estâncias hidrominerais aquelas sete municípios e outros sete: Águas da Prata, Águas de São Pedro, Campos do Jordão, Ibirá, Poá, Santa Barbara do Rio Pardo e São José dos Campos.

E para conseguir do governador do Estado o veto necessário para que não sejam extintas as estâncias hidrominerais paulistas, as sete cidades do "Circuito das Águas" mandarão hoje (4) ao Palácio dos Bandeirantes, uma representação de cerca de 600 pessoas, levando abaixo-assinados com mais de 25 mil assinaturas e ofícios de repúdio à "Lei Mantelli" subscritos por clubes de serviço, associações beneficentes, sociedades culturais, representantes do clero e de outras confissões religiosas, sindicatos de classe, associações esportivas, representantes do comércio, indústria e rede bancária das cidades.

O projeto de lei do deputado Januário Mantelli Neto, que recebeu o nº 206/75, posteriormente aprovado pela Assembléia Legislativa, tem apenas três artigos: Artigo 1º: Ficam revogados os dispositivos legais que transformaram em estâncias hidrominerais os municípios de Águas da Prata, Águas de Lindóia, Águas de São Pedro, Amparo, Atibaia, Campos do Jordão, Ibirá, Lindóia, Monte Alegre do Sul, Poá, Santa Barbara do Rio Pardo, São José dos Campos, Serra Negra e Socorro. Artigo 2º: Os cargos de Prefeitos dos municípios a que se refere o artigo anterior, até a posse dos respectivos sucessores, a serem eleitos na forma da lei, serão exercidos pelos Presidentes das Câmaras Municipais locais. Artigo 3º: Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

A justificativa enfeixa um longo arrazoado sobre o fato de que a caracterização dos municípios como estâncias hidrominerais, apresenta inconvenientes de ordem prática para as populações locais e termina por acenar com a possibilidade, de se reexaminar, de futuro, o caso particular de cada município, retornando à condição de estância hidromineral aqueles que forem julgados em condições para tanto.

Passada a perplexidade causada, no primeiro momento, com a aprovação da lei pela Assembléia Legislativa, e estando próximo o prazo fatal para que o governador Paulo Egydio Martins exerça o seu direito de veto, a população do "circuito das Águas" passou a movimentar-se no sentido de anular a lei Mantelli que, segundo a opinião geral, "seria um verdadeiro desastre para as estâncias hidrominerais".

Serra Negra tornou-se o quartel-general dessa batalha, que envolve prefeitos, Câmaras Municipais, associações de classe, clubes de serviço e cidadãos comuns. Cada uma dessas entidades das sete cidades estará entregando hoje, ao governador do Estado, o seu ofício de protesto. E todos entregarão o abaixo-assinado, com 25 mil assinaturas, pedindo o veto total da lei.

Um desses ofícios, contendo milhares de assinaturas, colhidas em Serra Negra, manifesta "A total reprovação ao inescrupuloso projeto de lei do deputado Mantelli Neto, que visa a extinção da nossa querida Estância Hidromineral".

E prossegue: "Numa época em que o Governo Federal cria incentivos do turismo interno, promovendo slogans como "Conheça o Brasil"; numa época em que os governantes reprimem o turismo externo, sacionando a lei dos Cr\$ 12.000,00, numa época em que, comprovadamente, o turismo interno vem despertando o interesse geral no País, é de se estranhar que o interesse político de um deputado prevaleça sobre o interesse do paulistano, do País e da população de Serra Negra".

Afirmado, mais uma vez, que o deputado Mantelli Neto agiu com interesses políticos, "não obstante tenha se estabelecido em Serra Negra, fazendo a aquisição de um imóvel para aqui passar os fins-de-semana", o abaixo assinado termina pedindo que "o projeto vetado e as coisas colocadas em seus devidos lugares".

O prefeito de Serra Negra, Jesus Abi Chedi, vem comandando, do seu gabinete, a luta pela derrubada da "Lei Mantelli". E afirma: Estamos encarando com grande preocupação o projeto do deputado Mantelli Neto. Ele se constitui em uma verdadeira calamidade para a nossa cidade. A maior prova disso é a forma pela qual o povo vem reagindo contrariamente à aprovação do projeto. Serra Negra tem confiança absoluta no governador Paulo Egydio Martins e pede-lhe que veto o projeto, usando de todo o seu prestígio para que o veto seja mantido. Confiamos, também, no bom senso dos deputados à Assembléia Legislativa que, por certo, irão rever as suas posições, quando da apreciação do veto do senhor governador. Só com a possibilidade do governador Paulo Egydio Martins usar do seu direito de veto, toda Serra Negra já se sente mais aliviada, depois das horas de verdadeiro desespero que passou".

No mesmo sentido se manifesto o presidente da Câmara Municipal de Serra Negra, vereador Antoine Boutros Darhouni: "Como representante do povo serrano, o Legislativo comunga com o mesmo pensamento do Executivo na luta encetada pelo povo das estâncias hidrominerais paulistas contra o projeto de deputado Mantelli Neto. Ele quer simplesmente extinguir as estâncias hidrominerais. Sabemos que, sem a ajuda oficial, tanto Serra Negra como as demais estâncias jamais poderiam sobreviver".

Já o prefeito de Socorro, Antonio Augusto Ferraz Tassara, é mais incisivo: "Somos contra o projeto por ser nocivo aos interesses da população e por ter fundo exclusivamente político. Se o deputado Mantelli Neto deseja fazer política, as 14 estâncias hidrominerais que ele pretende extinguir nada têm a ver com isso. Socorro é estância hidromineral há 14 anos e não pretende perder essa condição. Ainda agora estamos concluindo a construção do balneário, que irá custar perto de cinco milhões de cruzeiros, provenientes da ajuda do Governo do Estado. Sem esse auxílio, como poderíamos construir o balneário, se o orçamento da Prefeitura para o corrente ano é de seis milhões de cruzeiros?".

AQUI CORÍNTIANS



Lourenço Diaféria

"Não se pode permitir que transformem o Curingão em casa da sogra, em lugar de comadres fofoqueiras"

Está na hora de plantar a semente da revolta verdadeira

A situação do Curingão é a seguinte, cambada: da boca pra fora, todo mundo cacareja bonito; da boca pra dentro, pão bolorento. Querem a prova? Basta ler as declarações publicadas por este vibrante e sagaz periódico na semana passada. Diagnóstico qualquer um faz: o mal do Curingão é que quem está dentro não quer sair; e quem está fora só quer entrar. Quem manda, quem já mandou, quem pensa que vai mandar, só têm este alvo: tirar uma casquinha em cima do timão do povo.

No Curingão, torcida uniformizada deita e rola, faz manifesto, sobe na cadeira, trepa no coreto, dando uma de dono do time. Mas o Curingão não tem dono. O Curingão é uma entidade maior, imensa, desatada dos pesos-mortos que tentam prendê-lo a interesses mesquinhos. O Curingão é um balão cheio. O dono do Curingão são as crianças.

As vezes dá vontade de berrar bem alto que a única solução é entregar o timão do Parque São Jorge às crianças. Criança sabe o que faz. Criança

coloca o amor ao Curingão acima das picuinhas, da cobiça, da vaidade, da ambição do orgulho, da safadeza — porque criança não tem safadeza, nem orgulho, nem ambição, nem vaidade, nem cobiça, nem picuinha. Para entender o amor das crianças ao Curingão basta ir ao Pacaembu, ao Parque São Jorge, ao Morumbi. Lá estão as crianças. Em peso, com a emoção estampada no rosto, autênticas. Gritando pelo time, desfaldando bandeiras. Criança não precisa de credencial para torcer pelo Curingão. Criança não precisa pertencer a esta ou àquela facção da torcida uniformizada. Crianças, simplesmente. Criaturas que nunca viram o Curingão com faixa de campeão, e que, não obstante, são capazes de entender a força corintiana, a saga corintiana, a chama corintiana.

Esta é a face maior e mais luminosa do timão.

A outra face — obscura, parda, fétida, embotada — é a face dos cartolas, dos eternos raposeiros manda-chuvas, que quando tiveram o poder na mão não sou-

beram usá-lo, e continuam não sabendo o que fazer com essa potência maravilhosa erguida na avenida Condessa Rubiano. A face parda e fétida é a face dos que pensam em montar no Parque São Jorge uma farsa grosseira, com mágicas bestas como essa de arrancar do chão sagrado da Fazendinha o sapo que a vó delas enterrou. Que seriedade é essa? Que atrevimento é esse, onde mãe-de-santo e alfaiate substituem a categoria e a garra que os jogadores deveriam mostrar em campo? Que clube é esse onde a união é apenas mistificação? Que paz é essa, onde os vencedores de hoje serão sacrificados amanhã pelos vencidos, e os vencidos jamais obterão trégua se um dia forem vencedores?

Apareçam os corintianos da boca para dentro, os que falam menos e agem mais.

Da boca pra fora, está cheio de corintiano por aí. Mas estes são corintianos de fãncaria. São corintianos fogo de palha. Corintianos que querem apenas degrau para subir na vida.

É da fraqueza desses corintianos de mentira que os adversários se aproveitam para tirar partido, esbulhar, fofocar, provocar, distorcer e tripudiar. Está na hora de plantar a semente da revolta verdadeira: esta revolta não permitirá que se transforme o Curingão na casa da sogra. A revolta de base deve impedir que no território do Parque São Jorge os dirigentes — atuais e passados — se debrucem no tanque de roupa suja como comadres fofoqueiras. Onde se meteu a solidariedade corintiana? Onde se enfiou o pudor dos dirigentes? Onde se escondeu a vergonha dos homens que nos últimos vinte anos têm feito do Parque um campo de desavenças pessoais e brigas de cortiço?

Vamos respeitar o Curingão. Se não em nome do passado, ao menos em nome do futuro — pois as crianças estão aí, presentes, firmes, fiéis, tranquilas, formando ao lado do Curingão. Quem as ensinou a amar esse time sem campeonatos há quase um quarto de século? Quem as chamou para vibrar pela bandeira alvinegra? Quem lhes disse que esse é o time do povo? Ninguém. As crianças, justamente por serem sábias, adivinham por si mesmas.

Apesar dos pesares, o Curingão continua aceso. Mesmo que eternos aproveitadores não cessem de embaneirá-lo por fora e feri-lo por dentro, o Curingão é e será uma fortaleza. A seu lado estamos nós: o povão e o povinho miúdo.

CINEMA

Não ficou uma semana em cartaz a boa sátira à corrupção na Itália

Deve existir um preconceito contra o humor; ou é burrice

Em toda parte, há um preconceito contra a comédia. As pessoas pensam que fazer rir é uma função menor, só o drama tem foros de arte, de coisa importante. Vejam o caso dos Oscars que contumazmente ignoram os humoristas e as comédias. Talvez por esse preconceito é que certos filmes passam despercebidos, apesar de suas óbvias qualidades. Foi o que aconteceu em São Paulo com "Apuros de uma Policial", que não chegou a completar uma semana no Iguatemi, num injusto e rotundo fracasso de bilheteria.

A culpa como sempre é do lançamento, sem nenhum preparo, nenhuma informação na imprensa, nem mesmo em anúncios pagos. Para piorar, a comédia italiana chegou numa cópia dublada em inglês, que estragava completamente os efeitos cômicos, com vozes mais impessoais ainda do que das nossas pobres dublagens de TV.

Mas o filme de Steno era uma saborosa sátira à italiana, feito como veículo para Mariangela Melato (a feia mas boa atriz de "Mimi, o Metalúrgico"), a mais recente estrela do cinema italiano. Ela faz "La Poliziotta", uma jovem do interior que sonha em dar uma de Joana D'Arc. Frustrada com a falta de respeito dos homens, que apenas a usavam, resolve entrar para a polícia feminina. O problema é que ela é honesta e incorruptível numa cidade totalmente dominada pela corrupção. E, de repente, é uma presença incômoda, que precisa ser tirada do caminho a qualquer custo.

Em tom de farsa total, "Uma Policial em Apuros" satiriza com muita verve a corrupção social na Itália. Todo mundo, do prefeito ao chefe de polícia, está ligado numa grande cadeia de mentiras. Tentam a chantagem, a sedução, a violência. E conclui-se a história com uma irônica frase — Mariangela e seu aliado advogado "viveram felizes para sempre" como num conto de fadas, só que numa ilha perdida da costa da Sicília, um lugar para onde se mandam as incômodas pessoas honestas.

Outro filme italiano que passou também pela semana em brancas nuvens foi "O Monstro das Estradas" (que continua apenas no Belas Artes Centro), um título inadequado para uma aventura com humor. O Monstro "Il Bestione" do título original, é a forma carinhosa de os motoristas chamarem o seu caminhão de carga ("o bichão", segunda as legendas). O filme tem um pouco de "O Salário do Medo" na descrição das dificuldades de dois motoristas que se unem para comprar um caminhão próprio. Então descobrem as dificuldades de trabalhar por conta própria: os problemas para conseguir carga, furar greve para não atrasar nas prestações (mesmo traindo os amigos), transportar criminosos pela fronteira, tudo isso culminando numa sequência de suspense, em que o caminhão ameaça rolar abismo abaixo com Giancarlo Gianini dentro.

Como todo filme italiano, há também uma boa dose de comédia nas frustrações sexuais dos personagens e humanismo na sua solidão, no relacionamento com a família, nas dificuldades em terra estranha. O filme peca principalmente por uma certa superficialidade. Os problemas sociais e psicológicos são tratados com leviandade, sem maior preocupação com denúncias ou análises. Ainda assim é um filme perfeitamente assistível. Mais uma confirmação de que a média da produção italiana — pelo menos a que nos chega — é sempre alta. Mesmo os filmes meramente comerciais, têm sempre algo a mais.

No resto, o movimento de estréias em São Paulo continua desanimador, de tal forma que o melhor filme da semana é a reprise de uma fita vienense de 33, "Sinfonia Inacabada" na Portinaria de Belas Artes, que o Rubem Biáfara garante ser uma maravilha. R.E.F. (nterino)



Pola Vartuk

Jante no Galeto's. O galeto assado vem "douradão."

Se você gosta de comer bem, vá ao Galeto's. Lá os pratos são variados, e com um tempero que é o ponto alto da casa. O atendimento é perfeito. Leve toda sua família para jantar no Galeto's. Ela vai se sentir em casa.



COTTON



**GALETO'S
RESTAURANTE**

A carne mais saborosa da cidade.

Pedro Américo, ao lado da Pça. da República.
Vleira de Carvalho, 99.

Timbiras, esquina com São João.
Rio Branco, 445.

AQUI

282

28 31

TELEVISÃO

Silvio Santos não mudou; em compensação, a qualidade Globo caiu um bocado

A guerra mais ridícula que já se assistiu

Se não adiantou para outra coisa, a briga pelos domingos serviu para desunir a família brasileira. Pelo menos a minha. Só a empregada permaneceu fiel, mudando sem pestanejar para a Tupi, acompanhando Silvio Santos e o seu baú da felicidade. Enquanto havia a discussão de que programa assistir, a minha tentação mais forte era desligar tudo e ir dormir, sem tomar partido em briga de comadre.

O Silvio trouxe um rival brasileiro do Uri Geller para contra atacar a Globo, só que o fez meia hora antes da aparição do outro no canal rival, servindo apenas como uma longa chamada promocional para o autêntico. O Moacyr Franco logo ao entrar fez piadinha de gosto amargo: "Escute, seu Ministro, eu não quero nenhum canal de televisão, para depois não saber o que fazer com ele!" E para o "8 ou 800" arrumaram como secretária executiva (uma daqueles funções "basta ser bonita e manter a boca fechada") a Silvia Falkenburg, grã-fina carioca, que já foi júri no programa de Silvio e teve um discutido romance com ele.

Tudo isso em termos de focos. O programa de Silvio não deu o menor sinal de mudanças, a não ser pela presença dos atores da Tupi nos quadros (Eva Wilma e Altair Lima), de Carlos Zara na direção dos atores no teste, uma visita de Chacrinha, outra de Cesar Montecarlo para lhe dar as boas-vindas e uma coincidência de horários dos testes. Mas pelo menos o programa tinha o "gancho" de segurar o espectador possível fã de Vivinha ou de Altair, enquanto seu rival de horário era o "Globo Gente", uma mistura amorfa de "Hoje" e "Fantástico", com um sentido unicamente autopromocional que até incluiu uma incrível crônica social (atenção, Tavares de Miranda, rivais à vista!). As entrevistas foram banais, respondendo-se a perguntas do tipo "Pretente casar?", "Já viu a morte de perto?", "Quais os caminhos do teatro brasileiro" e até uma mini-gozação dizendo que "a Carmen Miranda sai do baú" (não da felicidade, mas as roupas do Museu).

"Esporte Espetacular" não trouxe nada de novo, nem precisava mesmo, ainda é o melhor programa esportivo da televisão, mesmo num horário ingrato de almoço. Foi aí então, às 4 horas, que começou o grande circo de Uri Geller e o padrão de qualidade "Globo" foi por água abaixo. Tirar Silvio Santos dizendo que não tinha nível e mostrar aquilo com Uri Geller...

Começou com Hilton Gomes tossindo no ar, passando para experiências da maior infelicidade (a Globo dava cortes errados em Maria Fernanda e mudava de câmera quando supostamente ele deveria estar enviando uma mensagem aos espectadores) e declarações totalmente imbecis dos supostos milagres.

O Moacyr-TV pelo menos teve uma produção cuidada (além de Pepita Rodrigues como secretária), usando com bom-humor os testes (num nível não muito distante dos "Trapalhões") e os convidados, mas fazendo bobagem na hora de selecionar o candidato vencedor. Do "Globo de Ouro" nem é preciso falar, perguntem à Som Livre que é ela que manda no sucesso.

Foi então que ressuscitaram "O Céu é o Limite". O mesmo esquema, a mesma produção, a mesma frase "Absolutamente Certo". Aí vem a pergunta: por que também não desenterraram o agora deputado Aurélio Campos? O Paulo Gracindo simplesmente não está à vontade, perdido em meio a um cenário (e logotipo) feio e uma apresentação das mais pretensiosas (Murilo Nery falando umas bobagens do tipo "vistos de longe somos todos iguais, vistos de perto..."). E não dá para desculpar aquele trechinho da Greta Garbo dublada!

Só às 20,45 é que a Globo finalmente acertou com um "Fantástico" compacto e atraente. Esnobaram com Frank Sinatra (para concorrer com o show do dia 12 da Tupi), Elis Regina, um furo internacional com os personagens reais de "Um Dia de Cão", Juca Chaves, Sergio Porto e outros menos votados. Só então, depois das nove, é que o domingo foi finalmente nível Globo.



Rubens Ewald F.

MÚSICA

Modas de viola misturadas com um trabalho urbano, num som limpo, honesto e nosso

Água, um show que pode ser uma boa surpresa

O compositor Renato Teixeira e o Grupo Água vão fazer uma temporada na boate Jogral (rua Maceió) de 11 de agosto a 5 de setembro, com o show "Romaria" que tem cenários e direção de Naum Alves de Sousa e textos do próprio Renato. O show é mais ou menos uma síntese do trabalho que o Água está fazendo em disco, a ser lançado pela etiqueta Marcus Pereira. Um som limpo, honesto e principalmente muito nosso. Modas de viola que têm até acompanhamento de um "charango caipira" com doze cordas (instrumento idealizado por Renato e fabricado pela DelVecchio, especialmente para o grupo), misturadas com um trabalho urbano, já que o grupo todo vive na capital. Dando um pequeno balanço no background de Renato, já se pode avaliar sua competência e profissionalismo.

Renato Teixeira, 31 anos, nascido na Baixada Santista, mas criado mesmo no interior, veio pra São Paulo em 1967, quando começou a brincar de Festival. No mesmo ano classificou "Dadá Maria", (na Record) defendida por Gal Costa. No ano seguinte voltou com "Madrasta", de parceria com Beto Ruschel, interpretada no auditório da Record por Roberto Carlos. E daí em diante, sempre Festival, até 1973, quando participou de um dos últimos FIC, no Rio.

— "Era incrível. Esses Festivais já tinham dois times certos de compositores: Os que ganhavam e os que entravam só pra preencher as vagas. Pra tapar buraco. Eu fazia parte do segundo grupo."

Por essa época Renato gravou um lp para Phillips, mas que acabou não saindo ("os playbacks devem estar lá até hoje"). E no ano seguinte fez o lp "Paisagem", produzido por Marcus Pereira. O disco, considerado por Renato "uma volta às coisas simples, às chamadas raízes", teve um lançamento meio pirata — foi distribuído gratuitamente pela agência de publicidade de Marcus Pereira, como brinde de fim de ano.

Isso levou Renato a buscar uma saída (como garantia de sobrevivência) que foi aceita e encarada por um monte de gente boa como Hermeto Paschoal, Theo de Barros, Rogerio Duprat etc. — foi trabalhar em publicidade. Fez ainda para Marcus Pereira o lp "Música Regional Centro-Oeste" — resultado de muita pesquisa, e premiado como o melhor trabalho do ano.

O show do Jogral, de apenas uma hora de duração, terá, além do Água, a participação de componentes de mais dois grupos, que têm muito em comum. Renato explica:

— "Nós trabalhamos num sistema mais ou menos de cooperativa. O Humahuaca, Flying Banana e o Água. Todo o pessoal se reveza a cada apresentação, ao mesmo tempo que sempre pinta trabalho pra todos."

O time de músicos que apresentará "Romaria" é dos mais competentes: Rodolfo Grani (baixo e vocal), Marinho (violão e flauta), Sérgio Mineiro (violão, viola e flauta), Carlão (violão de 12 e charango) e Dudu (bateria, percussão e marimba), além de Renato que fica com a viola e com os solos vocais.

Pra encerrar, um recado de Renato Teixeira pra moçada:

— "A consumação é de 50 paus (exceto fim de semana), com direito a dois drinks e uma farta porção de beliscos".

No fim das contas o show sai mesmo é por 20 paus, que é o preço de qualquer teatro. No mais, é só chegar lá.



Sérgio Mello

ARTES PLÁSTICAS

Uma exceção entre as más publicações que exportamos

Com um pedido de desculpas aos conceitualistas

O BICHO DE 7 CABEÇAS



Quando o Museu de Arte (sem adjetivos) andava lançando ideias para renovar o parque cultural de São Paulo, e ao mesmo tempo abrindo escolas para realizar essas ideias (seminário de cinema, aulas de escultura, pintura, primeira

prensa de gravura, cursos de história da arte e da música, primeira orquestra juvenil, teatro, lançamento da moda brasileira desenhando, tecendo, costurando, apresentando modelos tropicais com manequins por nós preparados, fotografia) duas iniciativas se destacaram como particularmente importantes: o Instituto de Arte Contemporânea, para formar industrial-designers, e a Escola de Propaganda, esta última ainda em plena atividade sob o nome de "Escola Superior de Propaganda e Marketing".

Passaram-se vinte e cinco anos. A gente do MASP, de vez em quando, se consola ao ver tantos dos seus antigos alunos vitoriosos nos campos que araram quando moços; sobretudo somos felizes por não termos poupado esforços e enfrentado dificuldades para oferecer possibilidades a uma juventude de primeiríssima ordem, como é a nossa.

Naqueles tempos, a gráfica nacional estava em atraso, tanto no designado como na técnica: a coleção do empreendimento "Cem Bibliófilos", ou a coleção de "O Cruzeiro" confirmam o que estamos dizendo. Hoje estamos bem servidos, contando com ateliês preparados e oficinas tão aparelhadas como as melhores da Europa e dos Estados Unidos. O amigo Josef Brunner, que serve ao MASP, passa todos os anos uma temporada ou na Alemanha ou na Suíça, a fim de se inteirar dos ultimíssimos know-how da impressão. O Brasil está na luta industrial e, felizmente, no aprimoramento do produto do ponto de vista estético.

O que nos oferece o motivo desta nota é uma edição da revista "Brazilian-Performance", editada pelo Unibanco-Banco de Investimento do Brasil. É uma publicação em língua inglesa, dirigida a um público interessado em estar atualizado com a economia brasileira. Os seus redatores pensam, justamente, que ao leitor estrangeiro — além das informações financeiras, objeto fundamental do periódico — agradam notícias da vida brasileira e, mais particularmente, da nossa vivência espiritual. Desta vez o leitor estrangeiro vai conhecer o típico do expressionismo que o nordestino ajeita naquela literatura de cordel iluminada pela xilogravura, rica da serve e da poética popular que — pedindo desculpas aos conceitualistas, empenhados em levar as artes aos labirintos da Torre de Babel — é bem representativa do labor inventivo deste País. Boas as ilustrações e as fotografias, os textos entre os quais os de Euclides da Cunha. Bem planejados os mapas do potencial econômico. Receba a União dos Bancos Brasileiros os parabéns de todos os que têm uma opinião a respeito de problemas de comunicação, notadamente quando um País divulga fatos de seu interesse aos outros, isto é, pesando e dosando a informação, despertando curiosidade. (A lista das publicações que são remetidas ao exterior, não idôneas para ilustrar o Brasil emergente, é notável).

Temos muita propaganda governamental interna; pouca comunicação no estrangeiro. Desta última precisamos urgentemente, para dar uma imagem correta — isto é, indispensável — inteligente, à altura dos tempos que, não nos esqueçamos, são de competição internacional.



Pietro Maria Bardi



O CHACAL

O Corinthians é um saco:
participa, mas não entra.

O homem feliz não usa camisa do Corinthians.

Provado que não há vida inteligente em Marte: encontrada uma bandeira do Corinthians.

Tantos sonhos acabaram ao mesmo tempo: o do Idi Amin, o do Corinthians, o do Brasil. Tudo alvinegro.

Na antiguidade, nos Jogos Futebolísticos de 1954, o Corinthians...

JORNAL DO BRASIL □ Segunda-feira, 2/8/76

Bonifácio anuncia que o problema do "bóia-fria" será resolvido este ano

Belo Horizonte — O líder do Governo na Câmara, Deputado José Bonifácio, anunciou ontem que "o problema do bóia-fria — não tão fácil de ser resolvido, ao contrário do que muitos pensam — deverá ser solucionado até o fim do ano, pois o homem do campo é fator importante do desenvolvimento nacional".

— Por ser este um assunto delicado — advertiu — tenho que dar a minha opinião de maneira prudente, mas acredito que os bóias-frias terão sua atividade regulamentada. O Deputado, que passou o recesso percorrendo seus redutos eleitorais no interior mineiro, reafirmou sua conexão na vitória arenista em novembro.

Como o jornal deu — eu acredito. Se não desse, eu não acreditava.

O sonho acabou, ainda bem.

Não podemos competir com os comunistas. Não podemos competir com os capitalistas. Afinal — podemos competir com quem?...

"Bendita" loteria esportiva: jogamos 20 bilhas pra ganhar duas medalhinhas de éme.

Ainda sobraram alguns índios no Canadá pra encerrar as Olimpíadas. Quero ver é quando as Olimpíadas forem realizadas no Brasil.

O major Magalhães Padilha vai fazer um relatório que vale, no mínimo, mais uma medalha de bronze.

Ainda bem que os africanos puxaram o carro nas Olimpíadas, senão nem as duas medalhas de bronze a gente trazia.

Os Jogos Olímpicos são chamados de um

"circo de comércio e política". Nada têm a ver com o nosso Campeonato Nacional, uma pura competição esportiva.

Pedro Álvares Cabral, ao chegar, não ganhou medalha nenhuma. Já o Pero Vaz de Caminha, ganhou uma de bronze.

Uma coisa é verdade: o Brasil é o maior no assalto triplo.

O maestro Júlio Medaglia, que nunca esteve no Canadá, bem que poderia ter sido a nossa terceira.

O importante é competir. Mas a gente não precisava ser tão fanático.



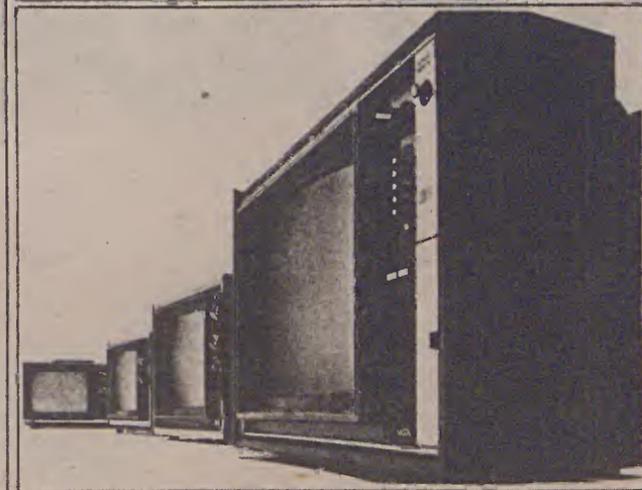
"O Inácio era um otimista incurável. Agora está curado".

Festival de boncaratismo no "Fantástico" domingo: Elis e Sinatra. Só faltou o Simonal.

M-D-B, três letras que sorriem (de leve)



"São Paulo, você conhece o São Bento? Vocês vão pra 2ª divisão..."



O júri do Silvio Santos domingo (ele tirou nota zero...)

Agora, escreva aqui tudo o que você pensa sobre a mãe do presidente da Lapônia Oriental.

SE VOCÊ ENTREGOU SUA DECLARAÇÃO DE RENDA NO BRADESCO E AINDA NÃO RECEBEU O CHEQUE DE RESTITUIÇÃO VÁ ATÉ O BRADESCO.

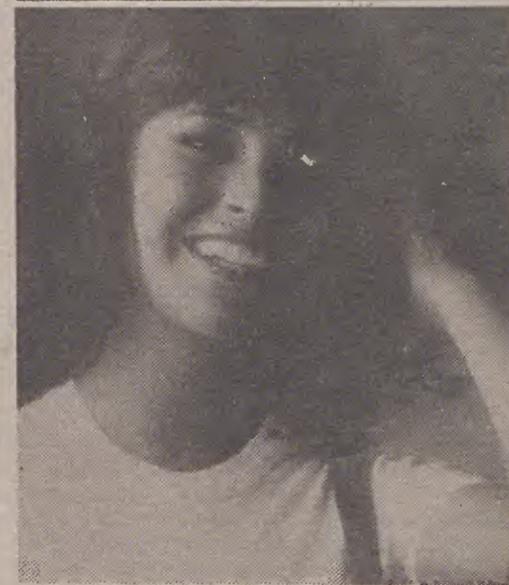
Muitas pessoas entregaram sua declaração de renda no Bradesco e ainda não receberam o cheque de restituição por várias razões.

Uns porque mudaram de endereço e não foram encontrados. Outros porque houve erro na colocação de endereço e também não foram encontrados. Outros porque receberam o aviso de que a notificação está no Bradesco mas ainda não foram lá buscar o cheque de restituição.

Seja qual for o seu caso, o Bradesco pede para você dar uma chegada até a agência onde entregou a declaração de renda.

E lá na agência, é só falar com a moça.

Se você tem imposto a pagar e não recebeu sua notificação, dirija-se à Delegacia da Receita Federal de sua cidade.



BRADESCO

garantia de bons serviços